

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CAMPUS GARANHUNS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS/UPE**

**O TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DA EJA**

SHIRLANE VENESSA DA SILVA DE OLIVEIRA

GARANHUNS - PE
2019

SHIRLANE VENESSA DA SILVA DE OLIVEIRA

**O TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS
DIDÁTICOS DA EJA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade de Pernambuco – UPE, *campus* Garanhuns, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo da Silveira Amorim

GARANHUNS – PE
2018

Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. Newton Sucupira
Faculdade de Formação de Professores de Pernambuco – FFPG/UPE

O48t Oliveira, Shirlane Venessa da Silva
O tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos da EJA / Shirlane Venessa da Silva Oliveira, Garanhuns, 2019.

129 f.: il.

Orientador: Prof^o. Dr.^o Gustavo da Silveira Amorim
Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras - PROFLETRAS, Garanhuns, 2019.

1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA 2 LÍNGUA PORTUGUESA 3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. I. Amorim, Gustavo da Silveira (orient.) II. Título.

CDD 23th ed. – 410.7
Elane Cristina de Oliveira – CRB-4 / 1875

SHIRLANE VENESSA DA SILVA DE OLIVEIRA

O TRATAMENTO DADO À VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DA
EJA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS, da
Universidade de Pernambuco/UPE, *Campus* Garanhuns, como requisito para a obtenção do
grau de Mestre em Letras, em 00/08/2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Amorim (UPE)

Orientador

Prof. Dr.

Examinador interno

Prof. Dr.

Examinador externo

Garanhuns – PE
2019

Esta pesquisa é dedicada a vocês, meus filhos, Marcos Vinícius e Letícia Gabrielly, que são a mola propulsora da minha vida. Meu amor incondicional é totalmente de vocês.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela dádiva da vida e por me permitir realizar tantos sonhos. Agradeço por me fazer aprender e crescer, por seu amor infinito e por não me deixar desistir.

Aos meus pais, **Sebastião e Socorro**, agradeço por todas as lições de amor, companheirismo e amizade. Obrigada por serem para os meus filhos, durante a minha ausência, os meus olhos. Sou privilegiada por tê-los como pais. A senhora, minha mãe, foi o meu “socorro” em dias de lágrimas e desânimo. Ao meu irmão, **Jônatas**, que do seu modo, me faz perceber o quanto acredita em mim.

Aos meus filhos, **Marcos Vinícius e Letícia Gabrielly**, por todo amor incondicional que sempre me demonstraram. Vocês são o reflexo mais perfeito da existência de Deus em minha vida e o motivo pelo qual trilho novos caminhos.

Ao meu amor, **Jaime**, por toda compreensão e encorajamento, por seu sorriso e por me fazer sorrir mesmo em momentos difíceis.

As minhas amigas de curso, **Raquel Silva e Ana Flávia**, que me proporcionaram companheirismo, momentos leves, risos e a certeza de que mesmo longe de casa estava sempre bem acolhida. Nossa amizade é do Mestrado para toda a vida.

Aos **demais amigos de curso**, que são presentes de Deus e que em meu coração para sempre estarão. Estar com vocês semanalmente era sinônimo de ganho, de estar rodeada de pessoas grandiosas em conhecimento e humanidade. Sempre vi Deus em vocês!

A minha amiga-irmã, **Pathy Mota**, que esteve por perto e que me enxerga de uma maneira linda, nem sei se sou tudo que ela diz que sou.

Ao meu orientador, **Dr. Gustavo Amorim**, minha admiração. Obrigada por seu apoio, por aceitar o desafio e construir comigo esta pesquisa.

A **todos os meus professores do PROFLETRAS** que contribuíram com seus ensinamentos e experiências.

Aos **membros da banca** por me ofertarem valiosas contribuições.

Aos **meus alunos de EJA**, que abraçaram a causa e me ajudaram a ter um resultado exitoso.

A **todos os meus amigos e amigas** que sempre acreditaram na concretização desse sonho.

*“Quase me apetece dizer que não há
uma língua portuguesa, há línguas
em português”.*

JOSÉ SARAMAGO

RESUMO

Esta dissertação teve como principal objetivo analisar o tratamento da variação linguística em livros didáticos de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) aprovados no último PNLD (2014) e refletir sobre os encaminhamentos apresentados em relação a essa temática. Para tal, desenvolvemos um estudo que pudesse observar até que ponto o preconceito linguístico é ratificado nessas obras, sempre com o olhar voltado ao tratamento dessa natureza da língua nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2000). O trabalho verificou que o estudo da variação linguística não é privilegiado nos livros didáticos de forma significativa percebendo assim que as obras didáticas impõem como correta a língua descrita pela gramática normativa e, ao fazer isso, marginaliza as demais variantes, considerando-as como erros. Além disso, sua abordagem é tradicional, transmissiva, metalinguística e voltada para o tratamento normativo da língua, o que entra em desacordo com os documentos oficiais que apregoam a valorização e reconhecimento da identidade linguística de cada indivíduo, a discussão da relação de poder que implica o uso da norma de prestígio e o repúdio a qualquer manifestação de preconceito linguístico. Assim, esta pesquisa, na tentativa de contribuir para uma educação linguística mais eficaz, se apoia nas obras de diversos autores como Labov (1972), Bagno (2007; 2013) e Bortoni-Ricardo (2004, 2014) em que os dois últimos afirmam que a Sociolinguística pode auxiliar os professores nesta tarefa de ensinar sem constranger ou menosprezar a identidade social, coletiva e linguística do estudante. Observamos as inadequações cometidas pelos profissionais da educação apoiados por obras didáticas com concepções desarmonizadas e conservadoras. Analisamos 6 (seis) coleções de livros didáticos, aprovadas no PNLD do ano de 2014 observando qual a metodologia de ensino abordada no tocante ao tema variação linguística, e produzimos 1 (um) capítulo de livro didático viabilizando este trabalho, pois quando se fala de variação linguística e do tratamento oferecido pelos livros didáticos, entende-se que ainda é insatisfatório, sendo necessário que o professor esteja preparado para agir diante desta dificuldade.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Sociolinguística; Livro Didático.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation was to analyze the treatment of linguistic variation in Portuguese language textbooks on Educação de Jovens e Adultos (EJA) approved in the last PNLD (2014) and to reflect on the referrals presented in relation to this topic. For that, we developed a study that could observe the extent to which linguistic prejudice is ratified in these works, always with a view to the treatment of this nature of the language in the Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 2000). The study verified that the study of linguistic variation is not privileged in textbooks in a meaningful way and perceived that the didactic works only impose as correct the language described by the normative grammar and, in doing so, marginalizes the other variants, considering them as errors. Furthermore, its approach is traditional, transmissive, metalinguistic and turned to the normative treatment of the language, which disagrees with the official documents that dictate the appreciation and the recognition of each individual linguistic identity, the discussion on the power relation that implies in the use of the prestigious language and the repudiation of any manifestation of linguistic prejudice. This research, in an attempt to contribute to a more effective language education, is based on the works of several authors such as Labov (1972), Bagno (2007; 2013) and Bortoni-Ricardo (2004, 2014). Sociolinguistics can help teachers in this task of teaching without embarrassing or belittling the social, collective and linguistic identity of the student. Attention should be paid to the inadequacies committed by educational professionals supported by didactic works with disharmonious and conservative conceptions. We analyzed 6 (six) collections of didactic books, approved in the PNLD of the year 2014, observing which teaching methodology was approached with regard to the topic of linguistic variation, and produced 1 (one) didactic book chapter, making this work feasible, linguistic and the treatment offered by textbooks, it is understood that it is still unsatisfactory, and it is necessary that the teacher be prepared to act in the face of this difficulty.

KEYWORDS: Linguistic Variation, Linguistic Prejudice, Sociolinguistics, Textbook

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Caminhar e Transformar 1	53
Figura 2. Caminhar e Transformar 2	54
Figura 3. Caminhar e Transformar 3	54
Figura 4. Caminhar e Transformar 4	55
Figura 5. Caminhar e Transformar 5	55
Figura 6. Caminhar e Transformar 6	56
Figura 7. Saberes da Vida, Saberes da Escola 1	58
Figura 8. Saberes da Vida, Saberes da Escola 2	58
Figura 9. Saberes da Vida, Saberes da Escola 3	59
Figura 10. EJA Moderna 1	61
Figura 11. EJA Moderna 2	62
Figura 12. EJA Moderna 3	63
Figura 13. EJA Moderna 4	64
Figura 14. EJA Moderna 5	65
Figura 15. Tempo de Aprender 1	67
Figura 16. Tempo de Aprender 2	67
Figura 17. Tempo de Aprender 3	68
Figura 18. Alcance EJA 1	70
Figura 19. Viver, Aprender 1	71
Figura 20. Viver, Aprender 2	71
Figura 21. Viver, Aprender 3	72
Figura 22. Viver, Aprender 4	73
Figura 23. Viver, Aprender 5	73
Figura 24. Viver, Aprender 6	74
Figura 25. Início do capítulo	84
Figura 26. Questões sobre o texto	85
Figura 27. Resposta da estudante P5 à questão 2	86
Figura 28. Resposta do estudante P1 à questão 5	87

Figura 29. Resposta da estudante P5 à questão 5	87
Figura 30. Resposta do estudante P2 à questão 5	88
Figura 31. Resposta da estudante P4 à questão 5	88
Figura 32. Resposta do estudante P6 à questão 5	88
Figura 33. Boxe sobre o “erro” no modo de falar	88
Figura 34. Diálogo sobre variedades prestigiadas	89
Figura 35. Questões sobre o diálogo	89
Figura 36. Boxe sobre a heterogeneidade da língua	91
Figura 37. Texto explicativo sobre a Variação Linguística	91
Figura 38. Atividade de associação de imagens	92
Figura 39. Seção gramatical sobre o verbo 1	93
Figura 40. Seção gramatical sobre o verbo 2	94
Figura 41. Atividade com notícia 1	95
Figura 42. Atividade com notícia 2	96
Figura 43. Respostas do estudante P1 à atividade com notícia	97
Figura 44. Respostas do estudante P2 à atividade com notícia	97
Figura 45. Continuação da atividade, quesito 1	98
Figura 46. Resposta da estudante P4 à continuação da atividade	98
Figura 47. Continuação da atividade, quesito 2	99
Figura 48. Sistematização das entrevistas	100
Figura 49. Registro fotográfico 1	100
Figura 50. Registro fotográfico 2	101
Figura 51. Registro fotográfico 3	101
Figura 52. Registro fotográfico 4	101

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Livros didáticos analisados	40
Quadro 2. Estudantes do corpus da pesquisa	42
Quadro 3. Quadro-resumo da análise da coleção Caminhar e Transformar (FTD)	57
Quadro 4. Quadro-resumo da análise da Coleção Saberes da Vida, Saberes da Escola (Ática)	60
Quadro 5. Quadro-resumo da análise da coleção EJA Moderna (Moderna)	66
Quadro 6. Quadro-resumo da análise da coleção Tempo de Aprender (IBEP)	68
Quadro 7. Quadro-resumo da análise da coleção Alcance EJA (Editora Positivo)	70
Quadro 8. Quadro-resumo da análise da coleção Viver, Aprender (Global)	74
Quadro 9. Quadro comparativo 1	75
Quadro 10. Quadro comparativo 2	76
Quadro 11. Quadro comparativo 3	76
Quadro 12. Quadro comparativo 4	76
Quadro 13. Quadro comparativo 5	77
Quadro 14. Quadro comparativo 6	77
Quadro 15. Quadro comparativo 7	78
Quadro 16. Quadro comparativo 8	78
Quadro 17. Quadro comparativo 9	78
Quadro 18. Quadro comparativo 10	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEA	Campanha de Educação de Adultos
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COEJA	Coordenação de Educação de Jovens e Adultos
Colted	Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENCCEJA	Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
Fename	Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDEF	Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério
INL	Instituto Nacional do Livro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MOVA	Movimento de Alfabetização
PAS	Programa Alfabetização Solidária
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
Plid	Programa do Livro Didático
Plidef	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
Plidesu	Programa do Livro Didático para o Ensino Supletivo

PNLA	Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLD-EJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USAID	United States Agency for International Development
VL	Variação Linguística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1 A SOCIOLINGUÍSTICA: DO SURGIMENTO AO LIVRO DIDÁTICO	20
1.1 Dos estudos sobre a língua à sociolinguística	20
1.2 A Sociolinguística na sala de aula	22
1.3 Percurso histórico da Sociolinguística no Brasil	24
1.4 Sobre a variação	26
2 SOBRE O LIVRO DIDÁTICO: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO	28
2.1 O percurso do livro didático no ambiente escolar brasileiro	29
2.1.1 Instituto Nacional do Livro (INL)	29
2.1.2 Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD)	29
2.1.3 Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (Colted)	30
2.1.4 Fundação Nacional do Material Escolar (Fename)	30
2.1.5 Programa do Livro Didático (Plid)	31
2.1.6 Fundação de Assistência ao Estudante (FAE)	31
2.1.7 Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	31
2.2 O percurso do livro didático na Educação de Jovens e Adultos	32
3 O CORPUS E A METODOLOGIA: ENTRE O OBJETO E O MODO OPERANDIS	37
3.1 Tipo da pesquisa	37
3.2 Etapas de realização da pesquisa	38
3.3 Objetivos gerais da pesquisa	39
3.4 Objetivos específicos da pesquisa	39
3.5 Livros didáticos analisados	40
3.6 Sobre as obras didáticas - Dados (PNLD 2014)	41
3.7 O lócus da pesquisa e os sujeitos	48
3.8 Sobre o contexto sócio-histórico e econômico do município	50
4 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: ACAREANDO OS DADOS	53
4.1 Coleção 1 – Caminhar e Transformar (FTD)	53
4.1.1 Quadro-resumo da análise	57
4.2 Coleção 2 – Saberes da Vida, Saberes da Escola (Ática)	57
4.2.1 Quadro-resumo da análise	60
4.3 Coleção 3 - EJA Moderna (Moderna)	60
4.3.1 Quadro-resumo da análise	66
4.4 Coleção 4 - Tempo de Aprender (IBEP)	66
4.4.1 Quadro-resumo da análise	68
4.5 Coleção 5 - Alcance EJA (Editora Positivo)	69
4.5.1 Quadro-resumo da análise	70
4.6 Coleção 6 - Viver, Aprender (Global)	71
4.6.1 Quadro-resumo da análise	74
4.7 Conclusões	75
5 ANÁLISE DOS DADOS: O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM CAPÍTULO DE LIVRO DIDÁTICO	81
5.1 O desenvolvimento do capítulo de livro didático: descrição e análise do contexto de aplicação	83

CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
ANEXOS	109

INTRODUÇÃO

A variação linguística é uma característica inerente às línguas que variam de acordo com o *status* social, o grau de instrução, o gênero, a profissão, o contexto, o estilo pessoal, etc. Reconhecer a heterogeneidade da língua é avançar no processo de ensino-aprendizagem que insiste em padronizar a língua. A variação linguística necessita de respeito por parte de todo cidadão, por parte das escolas e, principalmente, por aqueles que elaboram os materiais didáticos que adentram os muros dessas instituições e que deveriam propor um trabalho desenvolvido para atender o estudante com suas especificidades.

O principal papel de muitas escolas ainda é inserir os alunos na norma-padrão, limitando assim as aulas de Português ao ensino da gramática normativa descontextualizada, sem valores estéticos e identitários. Por isso, essa pesquisa analisou o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos, já que ele (o livro didático) tem grande influência em promover o letramento e é, na maioria das vezes, o único material utilizado pelos professores. A partir dessas divagações, tivemos a pretensão de contribuir e aumentar o leque de possibilidades a serem trabalhadas com a variação, que associadas aos seus contextos de uso podem tornar os estudantes muito mais conscientes e competentes quanto aos diversos usos da língua.

Muitos professores entendem que só o ensino da gramática normativa torna a “fluência” em português possível, ignorando assim as demais variedades da língua e concebendo como “correta” a gramatical.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) assumem uma visão predominantemente sociolinguística, e a partir desses pressupostos investigamos também como o estudo da variação se realiza em salas de EJA.

Entendemos que a importância maior de se analisar as coleções de livros didáticos da Educação de Jovens e Adultos se dá devido ao fato de percebermos nessa modalidade de ensino um público ainda mais heterogêneo e carente de atividades que contemplem e respeitem a sua diversidade linguística.

No que tange aos livros didáticos, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como objetivo a aquisição e distribuição de livros para os estudantes da rede

pública. Com o intuito de garantir a qualidade dos livros, o PNLD realiza a avaliação dessas obras a cada três anos.

O MEC (Ministério da Educação) em parceria com o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) lança o edital e as editoras interessadas inscrevem suas obras, observando os critérios específicos para cada área e, em Língua Portuguesa, entre outros critérios, há um que diz “considerar a língua-padrão no contexto da variação linguística, sem estigmatizar as demais variedades”, tendo o cuidado para não passar a ideia de que só existe variação por parte das pessoas sem escolarização.

Assim, essa pesquisa teve como *objetivo geral* investigar o tratamento dado à variação linguística nos livros didáticos aprovados pelo MEC no PNLD de 2014 para o ensino de Língua Portuguesa na EJA.

Essa pesquisa teve como *objetivos específicos* o “roteiro para analisar livros didáticos” proposto por Bagno (2007) para investigar a forma que os livros didáticos aplicam a terminologia relacionada à variação, apresentam a variabilidade nos fenômenos gramaticais, utilizam o “certo” e o “errado” para as abordagens gramaticais, separam a fala e a escrita, citam a pluralidade de línguas existentes no Brasil, distinguem norma-padrão e variedades cultas e por fim elaborar e aplicar em uma turma de EJA um capítulo de livro didático considerando e contemplando de forma efetiva a variação linguística.

No capítulo 1, faremos um breve percurso histórico da sociolinguística, das visões pelas quais passou a Linguística, como a Sociolinguística acontece em sala de aula e apresentaremos o que é e quais os tipos de variação linguística existentes.

No capítulo 2, trataremos do livro didático enfatizando as características desse valioso instrumento de ensino. Abordaremos o percurso do LD no ambiente escolar brasileiro até as atuais políticas do Ministério da Educação.

No capítulo 3, definiremos o tipo de pesquisa e suas etapas, apontaremos os objetivos gerais e específicos deste trabalho, apresentaremos as coleções que serão analisadas, o lócus e os sujeitos envolvidos no desenvolvimento deste trabalho. Nesse capítulo também discorreremos sobre o histórico socioeconômico do município de Caruaru-PE e, para finalizar, apresentamos as resenhas literalmente retiradas do catálogo do PNLD 2014 divulgadas no site do MEC.

No capítulo 4, analisaremos as coleções aprovadas no PNLD 2014, com apreciações dos capítulos destinados ao estudo da variação linguística. Para objetivar essa análise montamos quadros em que respondemos aos questionamentos feitos por Bagno (2007) em seu roteiro para analisar livros didáticos.

No capítulo 5, discutiremos os resultados apresentados e obtidos através de todo material aplicado para a intervenção e demonstraremos como se deu a realização da proposta.

Por fim, faremos as considerações finais enfatizando que o trabalho é de grande valia para o universo escolar e que sua continuidade se dará mesmo após o final dessa dissertação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 A SOCIOLINGUÍSTICA: DO SURGIMENTO AO LIVRO DIDÁTICO

A língua não é uma estrutura pronta e aqueles que a usam – os falantes – sofrem influência de todo o meio em que vivem e por isso merece atenção ao ser estudada. Com base nessa assertiva, a sociolinguística tem como objetivo desenvolver esse estudo dependendo regras da língua, pois é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.

As pessoas a nossa volta se comunicam de maneiras diferentes, cada grupo social apresenta características na fala que dependem e são influenciadas por diversos fatores, tais como, sua origem, sua idade, sua escolaridade. Isso nos faz entender que a língua é um sistema organizado e que varia. A Sociolinguística avalia a língua através desses fatores, estudando a relação entre língua e sociedade, entendendo-a como um sistema de regras categóricas e variáveis. A Sociolinguística é responsável pela apresentação da *variedade, variação, variável e variante*, conforme Tarallo (1986)

A variedade é a fala característica de determinado grupo por diversos critérios, tais como, geográficos, sociais, profissionais ou qualquer outro que unifique os falantes. A variação é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto, com o mesmo significado. A variável é o lugar na gramática em que se localiza a variação e a variante são as formas individuais que podem ser trocadas uma pela outra, sem prejuízo da manutenção de significado.

1.1 Dos estudos sobre a língua à Sociolinguística

Para compreender melhor os pressupostos teóricos dessa área, vale a pena refletirmos inicialmente as perspectivas do linguista suíço Ferdinand Saussure e o linguista americano Noam Chomsky.

No início do século XX, Saussure foi um divisor de águas na história da Linguística, delimitando como objeto de estudo, a língua (*langue*), vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si, formando uma estrutura autônoma sem

influência de fatores externos sociais e históricos, interessavam apenas as relações internas estabelecidas simultaneamente entre os elementos do sistema linguístico. Essa corrente linguística foi denominada de **estruturalismo**.

Na década 60, nos Estados Unidos, o estruturalismo cede espaço ao **gerativismo**, fundado por Noam Chomsky, que diz que a língua é um sistema abstrato de regras para a formação de frases e inato ao ser humano, defende que é um sistema homogêneo sem influências de fatores históricos e sociais.

Tanto o estruturalismo quanto o gerativismo veem seu objeto de estudo de forma homogênea e a relação com a sociedade algo irrelevante. No entanto, havia pesquisadores que defendiam uma perspectiva social da língua. Em meio a essa diversidade de perspectivas, surgem os estudos de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog abordando a mudança linguística e suas motivações sociais. Eles concordavam com Saussure quando dizia que a língua é um sistema e também concordavam com Chomsky quando dizia que a língua é um sistema abstrato de regras, assim, agregaram a isso as contribuições de estudiosos (Meillet e Nicolai Marr) e lançaram os fundamentos da teoria da variação e mudança linguística, ou seja, a Sociolinguística.

Labov desenvolveu grandes pesquisas voltadas para o contexto social da língua e é tido até hoje como a grande referência na área. No Brasil, Anthony Naro iniciou, na década de 1970, as pesquisas no campo da Sociolinguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro apoiado nos estudos labovianos e que tomaram proporções maiores pelas diferentes regiões do país.

Na proposta da Sociolinguística, a língua deixa de contar apenas com elementos internos e passa a considerar as mudanças linguísticas dentro do contexto social da comunidade de fala.

A Sociolinguística é um campo teórico que permite aos estudiosos considerarem a variação linguística e concederem a essa um espaço de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

Reis, Machado e Barbosa (2011, p.442) afirmam que:

A Sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística. A teoria sociolinguística surge em meados da década de 60 como uma espécie de reação às teorias estruturalista e gerativista

transformacional, uma vez que veio propor a consolidação de uma concepção de linguagem essencialmente social dos falantes e considerando como ponto inicial de análise a diversidade própria de uma comunidade linguística. (REIS, MACHADO e BARBOSA, 2011, p. 442)

A essência da Teoria Sociolinguística variacionista, também referida como laboviana, afirma que em uma comunidade real de fala, existe uma heterogeneidade estruturada que sofre mudanças por fatores internos, estruturais e fatores sociais que se dão em qualquer nível, na fonologia, na morfossintaxe, no léxico etc. A heterogeneidade linguística está presente em qualquer comunidade de fala.

Labov (1972) explica que:

Qualquer forma variável (um membro de um conjunto de formas alternativas de “dizer a mesma coisa”) deve ser reportada com a proporção de casos em que a forma ocorreu no ambiente relevante, comparada ao número total de casos em que ela poderia ter ocorrido. (LABOV, 1972, p. 94)

A Sociolinguística rejeita a separação entre língua e contexto social decorrentes de outros conhecimentos, analisando a língua como um sistema heterogêneo relacionada a fatores como sexo, idade, ocupação e origem étnica. A língua é estudada a partir do seu uso, com variações baseadas na influência de fatores linguísticos e extralinguísticos.

1.2 A Sociolinguística na sala de aula

Apesar de a Sociolinguística mostrar caminhos para uma nova visão de língua, o ensino em voga em muitas escolas brasileiras continua voltado à tradição estruturalista que valoriza a língua em detrimento da fala, abandona toda preocupação extralinguística e descreve a língua a partir de suas relações internas.

De acordo com Antunes (2013):

Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas. (ANTUNES, 2013, p. 19)

A escola contribui para a manutenção do preconceito linguístico quando prestigia o “padrão” e diz o que é “certo” e o que é “errado”, quando se apega em um suposto falar “correto” impondo-o como melhor ou superior e quando ensina um português que só serve para as avaliações de português propostas pelas escolas.

Por isso, a escola necessita desenvolver um trabalho que combata o preconceito e que busque uma mudança no processo de ensino/aprendizagem sob a perspectiva da Sociolinguística. Ainda de acordo com Antunes

Embora muitas ações institucionais já tenham desenvolvido, no sentido de motivar e fundamentar uma reorientação dessa prática, as experiências de renovação, infelizmente, ainda não ultrapassam o domínio das atividades assistemáticas, eventuais e isoladas. (*idem*, p. 19-20):

Percebe-se, então, que o professor até trabalha a língua por um viés sociointeracionista, mas termina voltando à atividades estruturais, mesmo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordando a variação como constitutiva das línguas humanas e alertando aos professores que, no ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a uma norma-padrão, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala, utilização apropriada da linguagem e adequação ao contexto comunicativo.

Se a escola, na figura do professor, buscar contribuir para a formação de sujeitos críticos, de sujeitos históricos, ideológicos e políticos teremos um ensino de língua materna mais acessível às camadas populares, pois como diz Soares (2001, p. 202) a EJA é “uma modalidade educativa que deve expressar de forma clara sua opção por setores vulneráveis em condição de marginalidade socioeconômica e de desigualdade de oportunidades educativas.”

Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua (Bortoni-Ricardo, 2004), mas os professores não sabem bem como lidar diante dos “erros de português”, e nem com essas diferenças entre o que é visto na escola e as marcas trazidas na fala dos alunos.

Bortoni-Ricardo também afirma:

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação da diferença e a conscientização da diferença (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42)

Uma pedagogia culturalmente sensível é aquela que está atenta às diferenças entre a cultura que o aluno representa e a cultura da escola, identificando-a junto a conscientização de trabalhar com o aluno de maneira respeitosa, para que ele tenha a maturidade de monitorar seu estilo.

O aluno que não é tratado respeitosamente quanto à variedade que usa, tende a inibir-se em sala, optando por ficar calado para não se tornar alvo de críticas, ou alvo do “certo” ou “errado”.

Por isso:

O mais sensato é buscar conhecer a dinâmica social da linguagem, seu impacto na vida das comunidades humanas, as origens culturais do próprio sistema linguístico, que não pode ser estudado fora das circunstâncias reais da vida de seus falantes (BAGNO, 2011, p. 363)

É necessário dar voz aos alunos, infelizmente o fracasso escolar se agiganta em nosso meio, com isso a responsabilidade de promover qualidade ao ensino da escola básica também cai sobre os professores que devem proporcionar uma educação (sócio)linguística sempre presente e que não se detenha apenas ao uso do livro didático, pois embora haja exigência do PNLD (Programa nacional do Livro Didático) que se insiram nele algumas atividades relativas à questão da variação linguística, o que temos visto, no entanto, ainda representa muito pouco frente à complexa questão que esse tema propõe.

É importante conhecer o estudante e conhecendo-o entender que não se vai “ensinar” aquilo que ele já sabe, mas considerar as experiências reais quanto à Língua Portuguesa e a variedade que eles utilizam e levá-los a uma ampliação de sua escrita e fala através de atividades pedagógicas.

1.3 Percurso histórico da Sociolinguística no Brasil

Há mais de quinhentos anos já não havia uma unidade linguística no Brasil, pois muitos e diferentes povos indígenas habitavam o Brasil e falavam línguas próprias. Contam-se cerca de 1.200 línguas faladas pelos indígenas em território brasileiro (CARDIM, 1978). Cardim referiu-se explicitamente à identidade ou à diferença das línguas faladas por esses povos, deixando claro que, ao todo, se tratava de 65 línguas distintas entre si e distintas da língua dos índios da costa, que eram os tupinambás (incluem os tupiniquins, caetés, potiguaras, tamoios etc.), com os quais os portugueses mantinham contato. A chegada dos portugueses ao Brasil possibilitou, através da intelectualidade dos jesuítas, um entendimento da língua falada pelos índios. Eles, os jesuítas, associaram a língua indígena à estrutura da língua portuguesa promovendo a

criação de um novo idioma, a Língua Geral. Ela era o instrumento de comunicação entre índios e portugueses e motivo de criação de uma gramática pelo Padre Anchieta. O processo de extinção dessa língua ocorreu com as reformas empreendidas pelo Marquês de Pombal, ministro da coroa portuguesa no século XVII. A perspectiva de impor aos índios o uso da língua portuguesa, no entanto, tinha um objetivo bem claro neste período: transformá-los em vassallos iguais aos demais colonos.

Há, nesse período, a obrigação do uso da língua portuguesa que incorpora apenas um certo número de palavras ao léxico do português falado no Brasil, demonstrando assim que desde muito cedo há o costume de se sobrepor a sintaxe ao léxico pois este é considerado um conjunto de palavras de uma língua, subjugado à organização sintática na formulação das frases (BRITO, 2015 e LIMA HERNANDES, 2015). Apesar disso, a língua portuguesa ficou fortemente marcada pelo vocabulário indígena, pois a maior parte da nomenclatura para as coisas brasileiras era designada pela língua indígena.

Africanos também foram trazidos para o Brasil pelos donos de engenho de cana-de-açúcar com a intenção de ser fonte de mão de obra escrava. Esses escravos falavam suas línguas, mas com a necessidade da comunicação, a língua portuguesa foi se tornando a segunda língua dos africanos.

A massa escrava sucessivamente para aqui trazida, desde a quarta década do século XVI até avançado o XIX, mesmo com a extinção do tráfico oficial em 1830, com suas 200/300 línguas, teve de aprender a língua dos senhores, a portuguesa. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 100)

Isso demonstra quanta mistura de línguas houve em nosso país até chegar ao que acontece nas comunidades de fala atualmente.

Os movimentos de exploração e colonização do período colonial e vilas cujos nomes continham, tipicamente, referências à Coroa portuguesa, aos santos da Igreja Católica e à toponímia indígena (por exemplo: Vila Real do Senhor Bom Jesus e Cuiabá, hoje Cuiabá, ou Forte Príncipe da Beira). Embora esse processo tenha sido realizado em nome de Portugal, seus agentes não foram portugueses típicos. Nos movimentos de expansão territorial, e nos grandes ciclos econômicos que o motivaram, sempre foi preponderante a presença de índios, negros e mestiços, falantes de uma língua que não poderia ser o português marcado por fortíssimas interferências das línguas indígenas e africanas. (ILARI e BASSO, 2009. p. 51)

Em 1822, o Brasil declara independência, inclusive das questões linguísticas, surgiu a ideia de que no Brasil não se falava mais a língua portuguesa e sim, a língua brasileira, ratificada, mais tarde, um século depois, na Semana de Arte Moderna, em 1922, quando os escritores romperam com a tradição usando um vocabulário popular e ainda

com o crescimento dos centros urbanos, de onde “se elabora, nos dias de hoje, a forma particular de português que é a língua do Brasil” (TEYSSIER, 1997, p. 97).

As demografias históricas também são um aspecto essencial para que se compreenda a heterogeneidade linguística brasileira, sem contar na presença de imigrantes europeus e asiáticos. Ilari e Basso (2009, p. 80) afirmam que de 1820 até 1930 chegaram ao Brasil, além de portugueses, italianos, espanhóis, alemães, japoneses, árabes e turcos o que permitiu a incorporação de vocábulos provenientes dessas línguas.

É inegável que o contato linguístico no Brasil aconteceu desde o primeiro momento com a esquadra de Cabral, e desse momento em diante começou-se uma troca linguística entre colonizadores, índios, africanos e os demais povos que aqui chegaram.

1.4 Sobre a variação

Os estudos de Labov (1962) mostram que a variação linguística é essencial à linguagem humana e ocorre devido à fatores linguísticos ou extralinguísticos. Ao estudar qualquer comunidade linguística percebe-se o aparecimento de variações. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações (Binatti, 2006). Toda língua é heterogênea, erra quem acredita que nossa língua é única e idêntica.

Essa variação, de acordo com os estudos sociolinguísticos, é definida da seguinte forma: diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica. A variação diatópica é a variação existente nas diferentes regiões do país. São as diferentes maneiras de pronunciar as palavras e as diferenças no léxico, na fala de pessoas oriundas de zonas rurais e urbanas do Brasil. A variação diastrática é a variação existente em diferentes camadas da população, que têm entre si diferenças sociais ou culturais. A variação diamésica compreende as profundas diferenças que se observam entre a língua falada e a língua escrita. A variação diafásica se dá em função do contexto comunicativo, quando a ocasião determina o modo como falamos com o nosso interlocutor dentro de um grupo o mais homogêneo possível e de acordo com o grau de monitoramento. A variação diacrônica apresenta uma mudança linguística histórica dos diferentes estágios pelos quais a língua passa no decorrer do tempo. Dubois (1998) chama variação diacrônica o fenômeno pelo qual, na prática corrente, uma língua não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, noutro lugar e noutro grupo social.

Assim, concluímos que a língua abriga diversos conjuntos de realizações possíveis e à disposição dos falantes.

2 SOBRE O LIVRO DIDÁTICO: CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

O livro didático caracteriza-se como instrumento para fins didáticos, ganha valor social por ser a principal fonte de informação impressa utilizada por grande parte dos professores e alunos e representa uma fatia importante no Mercado Editorial Brasileiro, pois seguem as normas do Código do Consumidor, aprovado pela constituição de 1998 que assegura o direito de se exigir um produto de excelente qualidade.

O livro didático é um valioso instrumento para a Educação e ao longo dos anos vem passando por transformações, visando contribuir para uma aprendizagem significativa. O professor o utiliza como apoio e principal suporte em suas aulas atendendo a mais de 50 milhões de estudantes matriculados na rede pública de Ensino.

A elaboração desse material exige muita atenção, uma vez que tem um crucial papel para a formação de leitores. Ele está presente no contexto histórico brasileiro desde o período colonial (RIBEIRO, 2003) e apesar de ser usado por poucos, só em 1966, quando se estabeleceu um acordo MEC-USAID é que se propôs a edição de livros didáticos com condições de atender a demanda escolar.

Duas décadas mais tarde, os livros didáticos assumiram uma importância ainda maior. Pois com a desvalorização do ensino público e a falta de qualificação por parte do professor, o LD tornou-se um objeto de ensino imprescindível. Na década de 90, várias reformas ocorreram. Com isso, foram elaborados programas de reforma de estado para preparar projetos e materiais que atendessem às mudanças necessárias e fossem distribuídos nas escolas. Nesta mesma época foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) com o objetivo de garantir a qualidade, avaliá-los pedagogicamente, produzir livros com qualidade e provocar no educador a vontade de transformar o contexto escolar, o que resultou em uma maior atenção por parte do MEC.

A importância ao livro didático em toda a sociedade faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando de forma decisiva o que se ensina e como se ensina, o que se ensina (LAJOLO, 1996).

Não é à toa que a imagem estilizada do professor é apresentada sempre com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis (SILVA, 1996).

Desde a implantação do PNLD, o programa passou por aperfeiçoamento, assim a avaliação é realizada de forma criteriosa a fim de aprovar os que são considerados indicados para um bom ensino e para fazerem parte do Guia de Livros Didáticos, que será apresentado aos professores e estes, irão escolher aqueles que entendam ser mais apropriados à realidade de seus estudantes. Essa escolha ocorre a cada três anos.

2.1 O percurso do livro didático no ambiente escolar brasileiro

Nesta seção, faremos um histórico do percurso do livro didático, desde o primeiro órgão criado para legislar sobre políticas do livro, o Instituto Nacional do Livro (INL) até as atuais políticas do Ministério da Educação.

2.1.1 Instituto Nacional do Livro (INL)

O Instituto Nacional do Livro Didático (INL), criado em 1929, foi o primeiro órgão criado com o objetivo de editar obras literárias para a formação cultural da população, bem como a elaboração, organização e publicação de uma Enciclopédia Brasileira e um Dicionário Nacional e expandir o número de bibliotecas públicas.

2.1.2 Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD)

Em 1938, foi instituída, por meio do Decreto-Lei nº 1.006 de 30 de dezembro, a comissão Nacional do Livro Didático, composta por sete membros com notório preparo pedagógico e reconhecido valor moral, os quais não poderiam ter nenhuma ligação de caráter comercial com qualquer editora. Competia à CNLD:

- examinar os livros didáticos;
- julgá-los favorável ou contrário o seu uso;
- estimular a produção e orientar a importação de LDs;
- indicar os LDs estrangeiros que merecessem ser traduzidos e editados;
- abrir concurso para a produção de LDs não existentes no país e organizar exposições nacionais dos LDs.

No capítulo IV, art. 20, 21, 22, 23 e 24 do decreto supracitado, são enumeradas as causas que impediriam a autorização do LD, o qual não poderia atentar contra a unidade, a independência ou a honra nacional; não poderia conter pregação ideológica ou indicação da violência contra o regime político adotado pela Nação; não poderia envolver qualquer ofensa ao Chefe da Nação, ou às autoridades constituídas ao Exército, à Marinha ou às demais instituições nacionais; deveriam evitar sentimentos de superioridade ou inferioridade dentre os cidadãos; evitar ódio contra as raças e as nações estrangeiras e evitar também oposição e luta entre classes sociais. Havia também critérios quanto ao ensino de Língua Portuguesa, não se aceitava aquilo que eles chamavam de linguagem defeituosa (incorreção gramatical), termos ou expressões regionais ou de gírias e erros de natureza científica ou técnica. Percebemos o quão influenciado pelo momento político da época (a ditadura varguista) esse Decreto-Lei estava. Sete anos mais tarde no Decreto-Lei nº 8.460, de 26 de dezembro de 1945, o Presidente da República Getúlio Vargas consolidou a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático e confere ao professor a escolha do processo de utilização e escolha dos livros adotados conforme o art. 5º.

2.1.3 Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (Colted)

A comissão do Livro Técnico e do Livro Didático foi criada em 1966 depois de um acordo entre o MEC e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID) com o objetivo de coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do Livro Didático. Esse acordo assegurou ao MEC recursos suficientes para a distribuição gratuita de 51 milhões de livros no período de três anos.

2.1.4 Fundação Nacional do Material Escolar (Fename)

Em 2 de outubro de 1967, foi instituída a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), que tinha como objetivo produzir e distribuir material didático às escolas priorizando preço, qualidade e utilização, todavia por não ter recursos para efetuar tal tarefa, em 1970 foi implementado o sistema de coedição de livros com editoras nacionais com recursos do INL, através da Portaria de nº 35, de 11/3/1970, do Ministério da Educação.

2.1.5 Programa do Livro Didático (Plid)

Em 1971, o INL assume as responsabilidades administrativa e financeira, até então a cargo da Colted, e desenvolve, assim, o Programa do Livro Didático (Plid), que abrangeu diferentes modalidades de ensino: Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), Programa do Livro Didático para o Ensino Médio (Plidem), Programa do Livro Didático para o Ensino Supletivo (Plidesu). Nesse momento passa a haver a contribuição financeira das Unidades da Federação.

A Fundação do Material escolar (Fename) torna-se responsável pela execução do programa do livro didático (Plid) com a extinção do INL e através do Decreto nº 77.107, de 4/2/1976, o governo assume a compra de boa parcela dos livros e os distribui para parte das escolas do país. Recebem recurso do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) junto com as contribuições das Unidades da Federação, sendo ainda assim insuficiente para atender a todos os estudantes do ensino fundamental e por consequência excluindo a grande maioria das escolas municipais.

2.1.6 Fundação de Assistência ao Estudante (FAE)

A Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) é criada em substituição à Fename, em 18 de abril de 1983 através da Lei nº 7.091. Acontece, então, a proposta de participação dos professores na escolha dos livros, como também a inclusão das demais séries do ensino fundamental.

2.1.7 Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)

Com o intuito de distribuir livros aos estudantes das escolas públicas do ensino fundamental, é instituído o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pelo Decreto nº 91.542 de 19/8/1985, substituindo o Plidef.

O PNLD traz mudanças, tais como:

- indicação do livro didático pelos professores;

- reutilização do livro, visando uma maior durabilidade, economia e implantação de bancos de livros didáticos;
- extensão da oferta aos estudantes dos 2ºs e 3ºs anos do ensino fundamental das escolas públicas e comunitárias;
- término da contribuição financeira dos estados, dessa forma a FAE fica com o controle do processo decisório e os professores têm garantida a escolha do livro de forma efetiva.

Mais tarde, em 1992, se compromete a distribuição dos livros didáticos pelas limitações financeiras, só os estudantes até o 5º ano do ensino fundamental são atendidos.

Já em 1997, é elaborado o Guia de Livros Didáticos, que servia de suporte para a avaliação pelos professores. A elaboração desse guia foi feita com base na avaliação de uma comissão formada por professores do Ensino Fundamental e especialistas universitários em 1993, constituída pela FAE. Esse procedimento é aplicado até hoje.

Também em 1997, no mês de fevereiro, acontece a extinção da FAE, e toda a responsabilidade de execução do PNLD é transferida para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cabendo a este a negociação com as editoras, compra e envio para as escolas, e, ao MEC, a avaliação pedagógica do material. O MEC, além dos livros de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, adquire de forma gradativa livros de Alfabetização, História e Geografia para todo o Ensino Fundamental. Pouco depois, insere dicionários de Língua Portuguesa para os estudantes das séries iniciais. Ainda de forma gradativa, em 2001, o PNLD, contempla aos deficientes visuais com o material em braile.

Esse histórico do PNLD descreve a evolução e o aprimoramento desde o 1º guia elaborado em 1996 até os anos atuais.

2.2 O percurso do livro didático na Educação de Jovens e Adultos

A educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino fundamental e médio que oportuniza o estudo àqueles que não puderam iniciar ou continuar a vida escolar na faixa etária adequada.

Vários fatores impedem o indivíduo de ter acesso à escola no período próprio da idade fazendo com que ele sentindo a necessidade de inserir-se num contexto alfabetizado procure a EJA oferecida nas escolas públicas municipais e estaduais. Com 15 anos completos, o estudante pode ingressar nessa modalidade, como rege a legislação educacional. A LDB (Lei de Diretrizes e Bases) 9394/96, no artigo quinto parágrafo primeiro, define as seguintes competências para os estados e municípios num regime de colaboração e sob a assistência da União: I- recensear a população em idade escolar para a educação de jovens e adultos que a ele não teve acesso; II- fazer-lhe chamada pública (BRASIL, 1996, p. 27) .

A EJA tem como propósito tentar corrigir algumas questões sociais como a exclusão. Segundo Ribeiro (2001), a alfabetização de adultos é uma prática de caráter político, pois se destina a corrigir ou resolver uma situação de exclusão, que na maioria das vezes faz parte de um quadro de marginalização maior.

Não há como, no Brasil, pensar em educação de jovens e adultos e não pensar em Paulo Freire, conhecido principalmente pelo método da alfabetização de adultos, que propôs uma nova pedagogia, em que o educando deveria ser um participante ativo no processo de educação, mas com o golpe militar de 1964 foi exilado, interrompendo assim o desenvolvimento do Programa Nacional de Alfabetização de Adultos e criando-se no seu lugar um programa assistencialista e conservador: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) que tinha como objetivo uma alfabetização funcional de pessoas de 15 a 30 anos.

Projetos e pesquisas na área de educação de jovens e adultos tiveram ênfase na década de 1980. Em 1988, a Constituição garantiu o Ensino Fundamental gratuito e obrigatório para todos, no entanto a EJA passou a ser efetivamente reconhecida como importante no processo de escolarização depois de conferências organizadas pela UNESCO nos anos de 1990.

A Educação de Jovens e adultos (EJA) passou a ser, em 1996, uma modalidade específica da Educação básica com o intuito de ofertar educação de qualidade para uma grande parcela da população brasileira que se enquadra nos milhões de brasileiros que possuem menos de oito anos de estudos ou que são analfabetos. Oferecer educação de qualidade significa garantir a assiduidade e permanência dos estudantes nas escolas, e um

dos meios para essa conquista seria prover material didático (em especial o livro didático) adequado às necessidades e ao perfil dos estudantes da EJA.

A primeira Campanha de Educação de Adultos (CEA) foi lançada em 1947 e nela foram produzidos materiais didáticos para o desenvolvimento da leitura, escrita, operações matemáticas, noções de cidadania, higiene e saúde, Geografia e História, dentre outros. O CEA se estendeu até meados dos anos 1950 e contou com a articulação da União com os governos estaduais e municipais envolvendo diversos sujeitos na produção de recursos didáticos.

Já em 1960, percebe-se um momento de destaque de vários movimentos e surgimento de propostas de Educação Popular no país e, desde então, o assunto dos materiais didáticos passou a ocupar a pauta em debates desses movimentos. Mais tarde, em 1990, produziu-se nos encontros nacionais de FÓRUNS de EJA materiais didáticos com propostas viáveis às práticas educativas dessa modalidade.

Entre 1990 e 2002, embates foram travados por lutas de implantação de políticas concretas para a EJA. O período é marcado pela constituição de 1988, pelo Plano Decenal de Educação para Todos em 1993, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, pela criação do Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), em 1996, e pelas discussões sobre Diretrizes de Educação de 2001.

Diante disso, a Coordenação de Educação de Jovens e Adultos (COEJA), no Ministério da Educação desenvolveu e difundiu materiais didáticos reformulados e implantou programas de formação de professores de escolas públicas. Após a elaboração e aprovação de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), foram formulados os Parâmetros Curriculares Nacionais para a EJA (PCN/EJA) e o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Percebemos, então, que ao longo do governo de Fernando Henrique Cardoso, a questão do material didático da EJA passou de uma conformação orientada pelo currículo para exames de certificação. Neste mesmo governo, foi criado o Programa Recomeço, com intuito de complementar os recursos destinados à EJA e financiar a produção de materiais didáticos que junto ao Programa Alfabetização Solidária (PAS) adotou a coleção “Viver é Aprender!”, mas nada vinculado ao Programa Nacional do Livro Didático, o PNLD.

Em 2003, já no governo de Luís Inácio Lula da Silva, várias revisões e reformulações foram efetuadas em programas, projetos e ações do Ministério. A EJA passou a ser responsabilidade da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), o Programa Recomeço foi reformulado e renomeado de Fazendo Escola. A elaboração de material didático recebeu um novo formato, de caráter interdisciplinar e flexível, junto com a coleção Trabalhando com EJA (2006) para formação de professores e também a coleção Literatura para Todos (2006).

Outros materiais surgem resultantes de iniciativas dos governos municipais, ligados à gestão de partidos considerados progressistas, daí surgiu o Movimento de Alfabetização (MOVA). Conforme Haddad (2007), o modelo implementado, ao envolver entidades e movimentos sociais, acabou por fortalecer, no âmbito da sociedade civil, a demanda por EJA e por experiências educacionais, as quais estimulam a produção de materiais didáticos, coletivamente, por professores e estudantes.

Em 2007, com a Resolução nº 18, de 24 de abril foi criado o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), com o intuito de inserir a EJA no PNLD, atendendo até então, ao segmento de alfabetização. E, com o fim do Programa Fazendo Escola e a inclusão da EJA no FUNDEB, a SECADI investe financeiramente em programas de aquisição e distribuição do livro didático, favorecendo as grandes editoras do mercado.

Em 2009, o PNLA foi extinto para se criar o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA),¹ pela Resolução nº 51, de 16 de setembro, atingindo todas as escolas públicas com todas as turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, consolidando-se como um grandioso programa de aquisição e distribuição de livro didático, todavia essa grandiosidade trouxe descaracterização do material destinado à EJA, pois muitas editoras se colocaram no processo de avaliação sem o devido cuidado e atenção aos critérios pedagógicos. Editoras mais aparelhadas são beneficiadas com uma concentração maior de produção criando uma situação de quase monopólio.

¹ O PNLD-EJA é o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos. Ele incorporou o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), e ampliou o atendimento, incluindo o primeiro e o segundo segmentos de EJA.

Assim fica o entendimento de que se deve repensar a dinâmica do PNLD-EJA, no intento de qualificar o material e de elaborar de forma diversificada os recursos pedagógicos para a EJA. É perceptível que a mudança foi considerável se compararmos com os primeiros critérios propostos para a aprovação dos livros didáticos, exemplo disso é não existir mais a imposição de se proteger a ditadura. Saímos da ditadura de Vargas, vivemos, hoje, a democracia, evoluíram-se as pesquisas sobre o ensino-aprendizagem da EJA, todavia os livros didáticos ainda precisam trazer em suas páginas um alcance efetivo ao público de EJA, com estudos sociolinguísticos adequados, priorizando os interesses dos estudantes e não unicamente das editoras.

3 O CORPUS E A METODOLOGIA: ENTRE O OBJETO E O MODO OPERANDIS

Esta pesquisa é uma pesquisa-ação, de base etnográfica, pautada nas observações e análises de atividades do livro didático a respeito do ensino da língua portuguesa na modalidade de ensino EJA em uma perspectiva variacionista. Investigamos como está sendo tratada a variação linguística nos livros didáticos de Português, nas 6 (seis) coleções aprovadas no PNLD de 2014, correspondentes às séries finais do ensino fundamental na modalidade EJA.

Após a análise dos livros e dos questionários respondidos pelos estudantes, trabalhamos em sala de aula um capítulo de livro didático, elaborado por esta pesquisadora, contemplando de forma efetiva a variação linguística, em uma turma de EJA fase 4 de uma escola municipal de Caruaru, onde atua como professora.

3.1 Tipo da pesquisa

O tipo de pesquisa realizado é a pesquisa-ação. A pesquisa-ação tem suas origens nos trabalhos de Kurt Lewis, em 1946, dentro de uma abordagem de pesquisa experimental de campo. Uma pesquisa pode ser conceituada como pesquisa-ação quando há uma ação por parte dos envolvidos no processo, não se trata de um simples levantamento de dados, pois ela aumenta o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas que participam do processo.

Kurt Lewis, seguindo os comentários de Mailhiot (1970), identifica que uma investigação que caminhe na direção da transformação de uma realidade, implica diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo, cabendo ao pesquisador assumir os dois papéis, de pesquisador e participante, ou seja, uma pesquisa de transformação, participativa caminhando para processos formativos. É um procedimento reflexivo, sistemático e crítico que tem por finalidade estudar algo com o objetivo da ação prática.

Reconhecemos que pesquisa e ação devem caminhar juntas pois pretendemos a transformação da prática, partindo de uma situação social concreta a modificar, inspirados

constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa.

Reportamos a Barbier (2002) quando afirma que:

A pesquisa-ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. (BARBIER, 2002, p.59)

Quando falamos em mudança de práxis, estamos nos referindo a uma ação pedagógica em que deve implicar

[...] atitudes problematizadoras e contextualizadoras das circunstâncias da prática, dentro de uma perspectiva crítica sobre as ideologias presentes na prática, tendo por objetivos a emancipação e a formação dos sujeitos da prática. (FRANCO, 2003, p. 88).

A fim de produzir conhecimentos para uma melhor compreensão da práxis, produzir mudanças em suas práticas profissionais com fins coletivamente desejados e reestruturação de processos formativos.

A pesquisa-ação é um processo eminentemente interativo, a ação entre os sujeitos que dela participam é fundamental para garantir seu sucesso. É importante que durante uma pesquisa-ação haja tempo e espaço para que cada sujeito vá se apropriando das mudanças que possam surgir. Assim afirmamos que a pesquisa-ação pode e deve funcionar como uma metodologia de pesquisa que produz conhecimentos novos para a área da educação e forma sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos.

3.2 Etapas de realização da pesquisa

A parte prática da pesquisa cumpriu seis etapas de realização, conforme citado abaixo:

- I. Identificação do nível escolar a ser escolhido;
- II. Determinação dos livros didáticos a serem analisados;
- III. Análise dos livros escolhidos, com base nos objetivos traçados no Edital de Convocação para Inscrição dos Livros Didáticos e nas Fichas de Avaliação de Língua Portuguesa do Catálogo do PNLD 2014;
- IV. Descrição da análise;

- V. Elaboração e aplicação do questionário socioeconômico e de mais 2 questionários diagnósticos sobre variação linguística;
- VI. Elaboração de 1 (um) capítulo de livro didático e avaliação do desempenho dos alunos diante desta atividade.

3.3 Objetivo geral da intervenção

Apontamos como objetivo geral “fazer uma investigação do tratamento da variação linguística nos livros didáticos da EJA aprovados no PNLD 2014 e como são evidenciadas a noção de “certo” e “errado”, a variação linguística e o preconceito linguístico”.

3.4 Objetivos específicos da pesquisa

Fizemos uso do “roteiro para analisar os livros didáticos” proposto por Bagno (2007, p. 125) e a partir dele estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- 1) O livro didático trata da variação linguística?
- 2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?
- 3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?
- 4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?
- 5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?
- 6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?
- 7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?
- 8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?
- 9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?

10) O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

3.5 Livros didáticos analisados

Coleções	Autores	Editadora
Caminhar e Transformar (4 volumes) ISBN: 978-85-322-8567-6 Ano de Edição: 2013	Priscila Ramos de Azevedo Ferreira	FTD
Saberes da Vida, Saberes da Escola (4 volumes) ISBN: 978-850816029-7 Ano de Edição: 2013	Katia Trovato Teixeira (Editora Responsável); Adriana Weigel; Antonia Calazans; Clécio dos Santos Bunzen Júnior.	Ática
EJA Moderna (4 volumes) ISBN: 978-85-16-09306-8 Ano de Edição: 2013	Virgínia Aoki (Editora Responsável); Claudemir Donizeti de Andrade; Cláudia Graziano Paes de Barros; Marina Sandron Lupinetti; Daniela Cristina Pinheiro Cohen e Milena Moretto.	Moderna
Tempo de Aprender (4 volumes) ISBN: 978-85-342-3616-4 Ano de Edição: 2013	Cícero de Oliveira Silva, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva, Greta Nascimento Machetti.	IBEP
Alcance EJA (4 volumes) ISBN: 978853856605-2 Ano de Edição: 2013	Ana Laura Volp	Positivo
Viver, Aprender (4 volumes) ISBN: 978-85-260-1450-3 Ano de Edição: 2013	Cláudio Bazzoni; Heloísa Ramos; Denise Mendes; Mirela Laruccia e Noemi Jaffe.	Global

Quadro 1. Livros didáticos analisados

3.6 Sobre as obras didáticas - Dados (PNLD 2014)

Segue abaixo a apreciação do MEC em relação as 6 (seis) coleções aprovadas no PNLD 2014, segundo o Guia de Livros Didáticos PNLD 2014. As resenhas foram retiradas literalmente do site do MEC, acesso em ago/2017. Grifamos os tópicos em que a variação linguística é citada e outras descrições oportunas para essa pesquisa.

COLEÇÃO 1- CAMINHAR E TRANSFORMAR (FTD)

- A obra apresenta de forma adequada os conteúdos relativos ao campo da Língua Portuguesa, em função do público a que se destina. Os critérios legais apresentados juntamente com os demais conteúdos promovem uma boa discussão sobre questões éticas ligadas ao convívio social e à cidadania. Nesse sentido, também discute a atuação profissional e as condições de trabalho de vários trabalhadores, com o objetivo de levar o estudante a refletir sobre a importância de escolher uma profissão com vistas à realização profissional e pessoal. São propostos exercícios individuais, atividades realizadas em grupos, pesquisa e leituras.
- As leituras são realizadas a partir de textos que pertencem a diversos gêneros discursivos. Os textos são bem selecionados e promovem compreensões/interpretações sobre o mundo jovem, a partir da perspectiva de sua inserção como cidadãos e cidadãs, de seus direitos e deveres. Também contemplam a temática do trabalho de modo pertinente ao público-alvo.
- Os textos literários selecionados, por sua vez, são representativos da literatura brasileira e também incluem diferentes gêneros: poema, cordel, conto e crônica. Para a abordagem desses textos, sobretudo dos poemas, o livro indica, sempre, uma leitura oral com o objetivo de auxiliar o estudante a perceber determinadas nuances sonoras do texto, o que, possivelmente, também auxiliará na construção de sentidos.
- O tratamento conferido ao eixo dos conhecimentos linguísticos, do ponto de vista da extensão, da temática e da complexidade, apoia-se, predominantemente, na perspectiva dos gêneros do discurso. No entanto, algumas atividades se voltam para a compreensão de aspectos mais descritivos da língua e, conseqüentemente, estão alinhadas com uma abordagem tradicional do ensino de gramática. Nessas atividades, o texto é utilizado como pretexto para a exemplificação de conceitos gramaticais e para a realização de exercícios de reconhecimento desses conceitos.

- **No que diz respeito à análise linguística, o livro busca observar os diferentes componentes do sistema linguístico em que a variação da língua se manifesta: as diferenciações na pronúncia (campo da fonética), os diferentes empregos de palavras (campo do léxico), variantes e reduções no sistema flexional e derivacional (campo da morfologia), estruturação das sentenças e concordância (campo da sintaxe).** (*grifo nosso*)
- De modo geral, o volume dedicado à Língua Portuguesa aponta para os usos sociais da linguagem, principalmente no tratamento didático da prática da leitura e da produção de textos. Aponta também para a necessidade de que a aprendizagem reflexiva da língua contemple um trabalho de leitura/produção que considere o modo como a língua é utilizada em suas várias dimensões para a construção dos sentidos dos textos em situações concretas de uso.

COLEÇÃO 2 – SABERES DA VIDA, SABERES DA ESCOLA (ÁTICA):

- O componente curricular Língua Portuguesa é abordado de forma adequada em relação ao público a que se destina. As atividades de leitura e escrita são diversificadas e tomadas como práticas sociais. As propostas de trabalho com a oralidade baseiam-se em práticas cotidianas. As reflexões sobre a língua, por sua vez, são apresentadas a partir das atividades de leitura e escrita. Além disso, o Manual do Educador também apresenta exemplos de como o professor poderá desenvolver a proposta interdisciplinar da obra. A seção “Apresentação da Disciplina e Sua Importância na Formação dos Alunos da EJA” expõe, de forma clara, os três eixos adotados para o ensino da Língua Portuguesa: Leitura e Compreensão Textual; Produção de Textos Escritos e Orais; Análise Linguística e de Elementos Visuais. As concepções teórico-metodológicas do Livro do Aluno apresentam objetivos claros e compatíveis em relação às diretrizes gerais da EJA, em consonância com a proposta pedagógica e os conteúdos selecionados nos textos de abertura de cada volume, no Sumário e no Quadro de conteúdos. Tais concepções articulam uma proposta pedagógica pautada na concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, a partir de três principais aspectos: tema, forma composicional e estilo de letramento.
- A obra apresenta gêneros discursivos adequados aos interesses e necessidades dos estudantes da EJA. Os gêneros textuais abordados são os seguintes: relato pessoal,

entrevista, biografia, notícias, canções, poemas, lendas, cordel, conto popular, cartas de reclamação e de solicitação, carta ao leitor, estatuto, leis, tirinha cômica, crônica, reportagem, notícias de telejornal, verbetes, artigos de divulgação científica, charge, campanha publicitária, artigo de opinião, memórias literárias e exposição oral. Esses gêneros são estudados a partir de, pelo menos, três aspectos básicos coexistentes: a temática, que é ampliada ao longo da unidade e nos componentes curriculares das outras disciplinas que compõem o Livro do Aluno; a construção composicional, entendida como o aspecto formal predominante dos textos em função do gênero a que pertencem; e a estética, abordada a partir da seleção de certos recursos da língua, tendo em vista a especificidade do gênero. Os textos literários são representativos da literatura em Língua Portuguesa e, a partir deles, são apresentadas propostas de exercícios que privilegiam a fruição estética da linguagem literária.

- **Quanto aos conhecimentos linguísticos, há geralmente uma aproximação com os gêneros discursivos apresentados nos capítulos. Por outro lado, algumas atividades estão muito atreladas ao estudo restrito da gramática, sem uma contextualização com questões discursivas ou de compreensão textual.** (*grifo nosso*)
- A obra utiliza-se de diferentes estratégias didáticas para abordar a leitura e a produção textual.
- Considerando os gêneros discursivos presentes, a obra valoriza a heterogeneidade linguística, situando no contexto sociolinguístico as normas urbanas de prestígio. O trabalho com a escrita estabelece conexões entre práticas de letramento ligadas ao mundo do trabalho, práticas de letramentos escolares, domésticos, políticos e sociais. Assim sendo, pressupõe e exercita várias capacidades, tais como relatar, argumentar, narrar e expor, com o objetivo de expressar desejos e transmitir informações. Em síntese, a leitura é trabalhada como uma prática de interlocução socialmente contextualizada.

COLEÇÃO 3 – EJA MODERNA (MODERNA)

- No campo da Língua Portuguesa, a proposta didático-pedagógica da obra considera o uso da língua em situações contextualizadas, o que pode ser verificado, por exemplo, na variedade de textos selecionados para as atividades, os quais são

representativos de práticas comunicativas diversas e oriundos de diferentes domínios discursivos. Destacam-se poemas, crônicas, contos, lendas, charges, cartuns, tirinhas, notícias de jornal, entre outros. Essa diversidade de gêneros e tipos textuais selecionados para compor as unidades é adequada aos interesses e necessidades dos estudantes da EJA. A escolha de diferentes gêneros do discurso para o trabalho com a leitura propicia a formação de leitores e escritores que, com base nos propósitos comunicativos, deverão utilizar diversas formas de linguagem para se comunicar.

- As atividades que envolvem leitura, oralidade e produção escrita são diversificadas e estão de acordo com as exigências do ensino de Língua Portuguesa no mundo contemporâneo. As propostas de leitura demandam a interação entre leitor, autor e texto, pois instigam o sujeito leitor a construir sentidos mobilizando seus conhecimentos linguísticos e enciclopédicos prévios, inclusive sobre as possíveis intenções do autor. O estudante precisa partir da materialidade linguística do texto, seguindo, necessariamente, as pistas deixadas pelo autor, para depois fazer suas próprias inferências, formular hipóteses, construir sentidos. Por essa razão, a vivência de mundo do leitor adquire fundamental importância para que seja capaz de conferir significado à leitura.
- No que diz respeito à produção escrita, a obra apresenta orientações para que sejam realizadas atividades de reescrita, além de alertar para a importância de divulgar os textos produzidos. Tanto a atividade de leitura quanto a de produção escrita pressupõem que o estudante discuta com seus colegas suas opiniões sobre a temática a ser abordada. Além da prática efetiva desse tipo de exercício em sala de aula, a proposta pedagógica da obra também inclui atividades que procuram incentivar os estudantes a realizar exercícios de oralidade.
- Os aspectos linguísticos – tais como ortografia, estrutura e função de palavras, tempos verbais, classes de palavras – estão articulados com as atividades de leitura, escrita e exercícios orais. As questões linguísticas estão presentes em todos os capítulos e recebem um destaque especial na seção “Para Refletir Sobre a Língua”.

COLEÇÃO 4 – TEMPO DE APRENDER (IBEP)

- O componente curricular Língua Portuguesa está pautado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Por meio de textos que abordam essa questão,

incentiva e estimula o ensino para jovens, adultos e idosos que não puderam efetuar os estudos na idade regular. Valoriza as características do educando da EJA, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

- O Manual do Educador apresenta a concepção e descreve as seções da obra, os objetivos gerais e as características que embasam o ensino da disciplina Língua Portuguesa. Também recomenda a leitura de textos de apoio sobre as teorias de Bakhtin, Vygotsky, Gardner e Paulo Freire. Nos fundamentos teórico-metodológicos, estão apresentados os pressupostos da EJA como projeto e processo político e discursivo-dialógico, as considerações sobre o ensino de leitura, o conceito de letramento, a teoria dos gêneros do discurso, as sequências didáticas e considerações sobre interdisciplinaridade.
- Especificamente quanto à questão do ensino de Língua Portuguesa, a proposta metodológica de sequências didáticas está organizada a partir dos seguintes eixos: leitura, análise e reflexão sobre a língua, oralidade e produção textual (atividades de transcrição, decalque, paródia e atividades de autoria). Os textos selecionados são adequados à Educação de Jovens e Adultos, do ponto de vista da extensão, da temática e da complexidade linguística, representando manifestações da cultura oral e da literatura brasileira. **A obra aborda os diferentes tipos de conhecimentos linguísticos em situações de uso**, articulando-os com a leitura, a produção de textos e o exercício da linguagem oral. (*grifo nosso*)
- O material textual, em alguns momentos, apresenta fragmentos sem unidade de sentido e com pseudotextos. Isso sugere que alguns textos foram adaptados para a coleção. Os demais são representativos da heterogeneidade própria da cultura da escrita e da literatura brasileira; há, inclusive, textos da cultura digital, como o e-mail. A abordagem do texto literário promove a fruição estética e a apreciação da produção literária, além de contemplar a singularidade daqueles selecionados quanto ao gênero, à autoria e a outras convenções.
- Quanto à leitura, a obra respeita as convenções e os modos de ler próprios dos diferentes gêneros (literários e não literários), de acordo com as suas singularidades, enfocando a leitura como uma situação de interlocução leitor/autor/texto, socialmente contextualizada. Além disso, incentiva a leitura de textos além dos limites do próprio livro didático e desenvolve estratégias de leitura relacionadas aos gêneros propostos, considerando o nível de proficiência que o estudante deve atingir.

- A obra considera a escrita como uma prática socialmente situada, um processo. São explicitados os procedimentos do planejamento, da produção, da revisão e da reescrita dos textos. Além disso, são explorados diversos gêneros textuais através de estratégias de produção relacionadas aos gêneros propostos e ao nível de proficiência dos estudantes, levando em conta os temas relacionados à EJA. Para o aprimoramento da escrita, outro procedimento fundamental proposto é o de tornar os estudantes autocorretores de seus próprios textos, contribuindo para que desenvolvam autonomia para escrever e reescrever.
- A oralidade é abordada a partir das estratégias didáticas voltadas para a leitura e a produção de textos. **Existe uma preocupação com a questão da variação linguística. As normas urbanas de prestígio são situadas no contexto sociolinguístico e, ao mesmo tempo, as variedades regionais e sociais da língua são respeitadas.** A obra também propicia o trabalho com formas discursivas relacionadas aos usos da linguagem oral próprias das situações formais e/ou públicas. *(grifo nosso)*
- Cada unidade da obra possui a seção “Revelando o que Aprendeu”, na qual os estudantes são convidados a participar de atividades que permitam compartilhar o que aprenderam com as pessoas da escola, da comunidade, da cidade. Conforme a proposta teórico-metodológica, a aprendizagem baseia-se em projetos e em situações problema, cujo alvo final é promover situações que auxiliem os educandos na ampliação da compreensão sobre a realidade social.

COLEÇÃO 5 – ALCANCE EJA (POSITIVO)

- Na parte específica referente à Língua Portuguesa, explicita-se a dimensão discursiva assumida pela obra. Os principais eixos que formam o conteúdo do ensino da língua são: prática da oralidade, prática da leitura, práticas de análise e reflexão sobre a língua, estudos gramaticais, os objetivos do ensino de língua portuguesa e a avaliação.
- O Livro do Aluno está estruturado em dezesseis unidades, cada uma delas contendo dois ou três capítulos destinados à discussão de vários temas. Destaca-se o estudo e a reflexão sobre a diversidade étnica e cultural do Brasil a partir da leitura/compreensão de textos verbais e não verbais de gêneros variados (entrevistas, artigos de opinião,

textos expositivos, reproduções de telas, fotografias, cartazes, seminários), embora seja restrito o espaço reservado à cultura indígena brasileira.

- Os textos selecionados são representativos da cultura escrita da língua portuguesa e das literaturas brasileira e portuguesa. Há textos verbais e não verbais de diversos gêneros que circulam socialmente. O conjunto de gêneros textuais/discursivos selecionados no volume permite realizar atividades de compreensão e interpretação sobre o mundo, a partir da perspectiva da cidadania, com ênfase nos direitos e deveres dos jovens e adultos. São abordados vários temas atuais e relevantes, a partir de atividades de leitura e produção de textos escritos, orais e imagéticos.
- O volume também destaca, de modo adequado e pertinente, uma série de textos que debatem, refletem e produzem interpretações sobre as condições de vida e as experiências dos jovens que não tiveram oportunidade de estudar, focalizando as desigualdades vivenciadas por jovens de baixa renda.
- As atividades de produção relacionadas aos gêneros são, em geral, claras e diversificadas, revelando um encaminhamento metodológico em acordo com o que está proposto no Manual do Educador. Envolvem gêneros que circulam em várias esferas discursivas, como a jornalística (reportagem, entrevistas), a literária (poemas, cordel, crônicas, conto), a publicitária (propaganda, anúncio), a vida cotidiana (carta pessoal) e escolar (seminários, debates). O destinatário é geralmente indicado como o colega de classe ou o próprio autor. As propostas de produção escrita estão articuladas com as de leitura, de modo que, na abordagem do gênero textual, o texto de leitura pode ser tomado como uma referência ou como exemplo para a elaboração escrita.
- **No trabalho com a linguagem, cabe ao professor desenvolver uma abordagem que inclua a análise das relações entre produções orais e escritas, além de orientar como a entonação, os gestos e as expressões faciais, entre outras estratégias utilizadas na oralidade, constroem a intencionalidade e os sentidos dos textos. Também é importante chamar a atenção do estudante para as funções dos sinais de pontuação. (*grifo nosso*)**

- O Manual do Educador apresenta as bases da proposta didática para a Língua Portuguesa a partir dos seguintes elementos: finalidades do ensino, objetivo geral, as boas práticas docentes, ensino de leitura, ensino de escrita, ensino de gêneros textuais, ensino de literatura, análise linguística, produção escrita e reescrita de textos, oralidade, currículo em espiral; pressupostos para avaliação da aprendizagem. O volume de cada ano é composto por quatro capítulos, cuja estrutura contribui para a implementação desse projeto didático. Os eixos abordados são os seguintes: “Roda de Conversa”; “Leitura de Textos de Gêneros Textuais Diversificados”; “Análise das Características dos Textos”; “Aplicação dos Conhecimentos em Práticas de Leitura”; “Oralidade e Escrita”.
- Quanto à gramática e aos tópicos de linguística textual, os assuntos apresentados estão contextualizados e estritamente relacionados aos textos propostos, que abrangem textos tanto os ficcionais como os não ficcionais. **Algumas das temáticas abordadas são variações linguísticas, discurso direto e indireto, coesão e coerência, sinais de pontuação.** A obra também contempla estudos sobre oralidade, escuta e leitura de textos, práticas de produção oral e escrita de gêneros textuais, reescrita de textos, análise linguística e atividades para socialização das aprendizagens na escola e na comunidade. Os textos selecionados são representativos da cultura oral e escrita, consistentes e adequados à EJA. A seleção desses textos prioriza o processo de interpretação em detrimento da assimilação mecânica de conceitos e aspectos gramaticais. (*grifo nosso*)
- O componente apresenta boa articulação dos conteúdos, destacando-se a inter-relação e a continuidade, de modo que seja possível retomar conhecimentos prévios antes de aprofundar novos conteúdos. A perspectiva interdisciplinar está presente em todos os volumes, promovendo o diálogo com diversas áreas e, mais enfaticamente, com a Literatura. Dessa forma, é possível estudar a linguagem em suas modalidades formal e informal, mas também em seu viés estético e lúdico. As abordagens gramaticais são feitas a partir do texto, considerando o contexto de ocorrência e a importância da função dos termos para a apropriação global do sentido, incluindo também a leitura de textos não verbais.

3.7 O lócus da pesquisa e os sujeitos

Nosso trabalho de pesquisa ocorreu na Escola Municipal Professor José Laurentino Santos, na cidade de Caruaru-PE. A instituição escolar fica localizada na periferia da cidade em um prédio alugado e oferta à população Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente a instituição dispõe de trinta e sete turmas, sendo uma turma de primeiro ano; três turmas de segundo ano; três turmas de terceiro ano; duas turmas de quarto ano; duas turmas de quinto ano; cinco turmas de sexto ano; cinco turmas de sétimo ano; quatro turmas de oitavo ano; duas turmas de nono ano; uma turma de fase I da EJA; uma turma de fase II da EJA; três turmas de fase III da EJA e cinco turmas de fase IV da EJA, totalizando um quantitativo de mil e trezentos alunos.

Para atender a demanda de alunos, a escola funciona os três turnos, sendo o turno da manhã e da tarde com alunos do Fundamental (anos iniciais e finais) e no turno da noite com as turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O corpo administrativo pedagógico é composto pela gestora, três supervisoras, uma secretária e seis auxiliares de secretaria, bibliotecários, merendeiras, porteiros e auxiliares de serviços gerais.

Em sua estrutura física, a escola tem 14 salas de aulas, sala da gestão e coordenação, secretaria, sala dos professores, quatro banheiros para os alunos (sendo dois no térreo e dois no primeiro andar), dois banheiros para os funcionários, cozinha, pátio pequeno e descoberto e uma biblioteca (com um pequeno acervo). Como material de apoio pedagógico, temos projetor, microfones e caixa de som. A escola campo de pesquisa não dispõe de um espaço físico adequado.

Quanto aos envolvidos na nossa pesquisa, são 25 (vinte e cinco) alunos de uma turma de fase IV da EJA. A pesquisa foi realizada com todos os alunos da turma, visto que nosso propósito é promover um trabalho real com a Variação Linguística com todos os sujeitos integrantes da turma, no entanto, para constituir o *corpus*, foram selecionados 6 estudantes dos 25 alunos da turma, o principal critério para esta seleção foi a frequência escolar e a participação em todos os momentos da atividade. Selecionamos dentre os alunos e alunas da turma, seis participantes de ambos os sexos, entre a faixa etária de quinze e quarenta anos. Por uma questão de ética, não identificaremos os partícipes, embora eles estejam conscientes de suas participações no trabalho analisado e serão identificados como participantes, doravante P, seguido dos algarismos de 1 a 6.

No quadro 2, que segue, encontram-se os códigos alfanuméricos referentes aos alunos que fazem parte do nosso *corpus* de análise, bem como a referência ao gênero feminino ou masculino e também a faixa etária. A partir de então iremos fazer referência a eles por este código.

Quadro 2. Estudantes do corpus da pesquisa

INICIAIS	GÊNERO	IDADE
P1	MASCULINO	17 ANOS
P2	MASCULINO	15 ANOS
P3	FEMININO	19 ANOS
P4	FEMININO	40 ANOS
P5	FEMININO	17 ANOS
P6	MASCULINO	20 ANOS

Utilizamos para o desenvolvimento da intervenção, um questionário (Anexo 1) sobre questões relacionadas à condição social e econômica dos estudantes. Os dados obtidos através deste questionário tiveram como finalidade reconhecer o contexto no qual os estudantes estão inseridos e indicar caminhos para o desdobramento dos questionários diagnósticos que foram propostos na sequência com o propósito de entendermos o que os estudantes sabiam sobre variação linguística. Por fim, aplicamos nossa proposta de intervenção que foi intitulado como “O tratamento da variação linguística em um capítulo de livro didático”.

3.7 Sobre o contexto sócio-histórico e econômico do município

A cidade de Caruaru é um município brasileiro do estado de Pernambuco, localizado no agreste do estado, a uma distância de aproximadamente 116 km da capital, Recife. Em conformidade com informações obtidas no site <http://www.caruaru.pe.gov.br>, o município abriga atualmente, 351.686 mil habitantes segundo CENSO IBGE 2016.

Caruaru Tem o quinto maior PIB no estado e renda per capita acima do percebido no estado e na região agreste, sendo destaque nos setores da indústria, comércio, prestação de serviços, educação, com enfoque no comércio de confecções e de artesanato e abriga a maior feira ao ar livre do Brasil, considerada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio imaterial do Brasil.

Todos estes dados são importantes para que se possa compreender as condições socioeconômicas do município e o contexto em que os estudantes de EJA estão inseridos.

Para melhor entendimento da história do município, a cidade de Caruaru começou a tomar forma em 1681, quando o governador Aires de Souza de Castro, concedeu à família Rodrigues de Sá uma sesmaria (concessão de terras com o intuito de desenvolver a agricultura e a criação de gado) com 30 léguas de extensão (aproximadamente 12 hectares), denominada Fazenda Caruru.

Mas, apenas em 1776, José Rodrigues de Jesus decidiu voltar para a fazenda do pai, que havia passado alguns anos abandonada. Pouco tempo após a morte do patriarca, a fazenda ganhava uma capela, dedicada à Nossa Senhora da Conceição, que foi acolhendo um pequeno povoado ao seu redor. Caruaru tornou-se cidade, uma das primeiras do Agreste pernambucano, pelo projeto nº 20, do deputado provincial Francisco de Paula Baptista, defendido em primeira discussão em 03 de abril de 1857, depois de aprovação sem debate, em 18 de maio do mesmo ano, com a assinatura da Lei Provincial nº 416, pelo vice-presidente da província de Pernambuco, Joaquim Pires Machado Portela.

Localizada no Vale do Ipojuca, ao longo dos anos, Caruaru recebeu várias denominações, sendo conhecida também com a “Princesa do Agreste”, “Capital do Agreste” e a “Capital do Forró”.

Atualmente, Caruaru destaca-se como o mais importante polo econômico, médico-hospitalar, acadêmico, cultural e turístico do Agreste, sendo também famosa por sua tradicional feira livre, enaltecida nos versos do compositor Onildo Almeida e na voz do eterno Rei do Baião, Luiz Gonzaga.

A cidade abriga um dos mais importantes entrepostos comerciais do Nordeste e tem no Alto do Moura o Maior Centro de Artes Figurativas da América Latina, título este concedido pela Unesco, como reconhecimento de uma história iniciada na década de 40

do século passado, através do seu mais ilustre filho, Vitalino Pereira dos Santos, o Mestre Vitalino, ceramista que fez história através da criação de bonecos de barro, arte perpetuada entre seus familiares e vários discípulos, representados nas gerações de artesãos, ainda hoje residentes na famosa vila.

Na área educacional, o município conta com 151 escolas públicas municipais, 27 escolas públicas estaduais e 162 escolas particulares. Apresenta taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) de 94.9% em 2010. Isso colocava o município na posição 152 de 185 dentre as cidades do estado e na posição 5043 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

4 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: ACAREANDO OS DADOS

Neste capítulo, apresentamos as análises das coleções de livros didáticos selecionados, obedecendo a mesma sequência que aparece no Catálogo do PNLD. Foram feitas análises dos capítulos destinados à variação linguística e observações quanto ao seu tratamento.

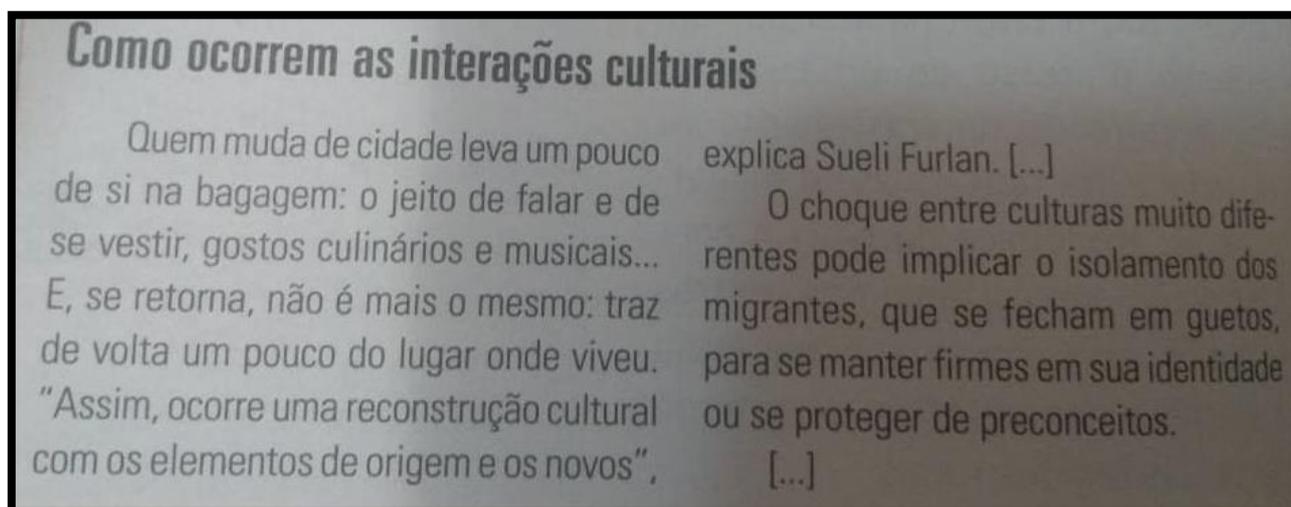
4.1 Coleção 1 – Caminhar e Transformar (FTD)

A coleção Caminhar e Transformar, publicada pela editora FTD, de autoria de Priscila Ramos de Azevedo Ferreira é composta por capítulos com estrutura fixa (Para começar / Olhar para / Ampliando saberes / Um pouco mais / Ampliando saberes / Falando de / Um pouco mais / Mãos à obra / Resumo do capítulo / Avalie seu aprendizado / Mural). A autora apresenta gêneros textuais variados.

A abertura de cada capítulo é feita através de uma proposta de análise de imagens para oportunizar o levantamento de conhecimentos prévios. Depois da abertura há um texto e em seguida atividades de interpretação que envolvem muito mais a organização composicional do gênero do que posicionamento por parte do estudante. Logo em seguida, já se parte para a exposição gramatical e de ortografia e por fim a produção textual do gênero destacado em cada capítulo.

No capítulo 2 do livro destinado ao 8º ano, a autora traz a temática “Diálogos entre Campo e Cidade”, entendemos que seria uma oportunidade para tratar a variação, mas de forma quase imperceptível usa apenas a expressão “jeito de falar”.

Figura 1. Caminhar e Transformar 1



A coleção menciona de modo sucinto a pluralidade de línguas que existem no Brasil na página 207 do capítulo 1 do livro destinado ao 9º ano seguido de um mapa das famílias linguísticas originárias, mas depois se perde na proposta de atividade que pede para organizar um seminário que apresente lendas e mitos indígenas, localização de algumas comunidades, instrumentos musicais e sua culinária.

Figura 2. Caminhar e Transformar 2

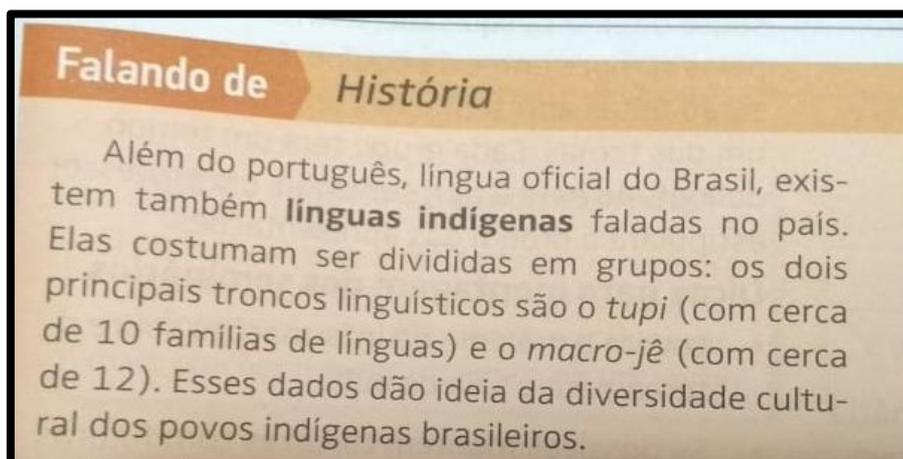
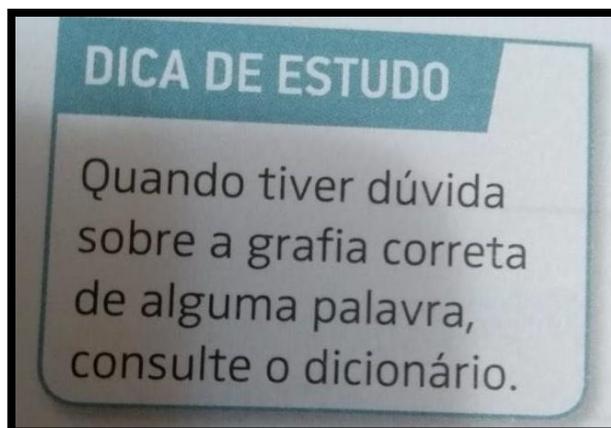


Figura 3. Caminhar e Transformar 3



Percebemos também uma preocupação constante com a pesquisa ao dicionário, pois no decorrer de toda a coleção a dica de estudo que é dada em forma de boxe é sobre consulta ao dicionário para que não haja dúvidas na grafia das palavras.

Figura 4. Caminhar e Transformar 4



A coleção não apresenta em momento algum a questão da variação linguística, apesar de trazer temas oportunos (como mostram as imagens abaixo) para se introduzir o estudo, não se encontra nenhuma preocupação com a mesma.

Figura 5. Caminhar e Transformar 5

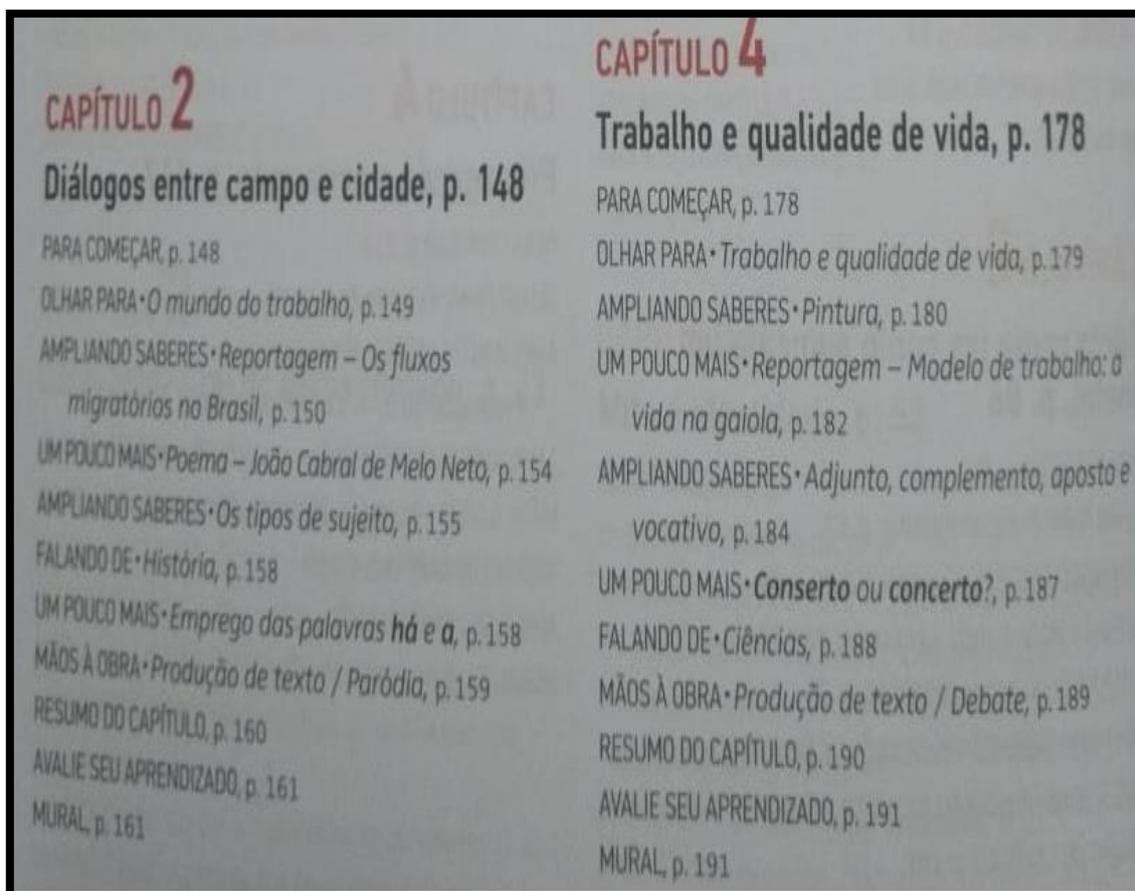


Figura 6. Caminhar e Transformar 6

UNIDADE 4 <i>Mundo cidadão</i>		<i>Cidadania e direitos humanos, p. 192</i>
CAPÍTULO 1	Vozes do Brasil, p. 194	CAPÍTULO 3
PARA COMEÇAR, p. 194		Registrando a vida, p. 225
OLHAR PARA • <i>Pluralidade cultural</i> , p. 195		PARA COMEÇAR, p. 225
AMPLIANDO SABERES • <i>Entrevista / Mais atenção às lutas indígenas</i> , p. 196		OLHAR PARA • <i>Identidade e diversidade</i> , p. 226
AMPLIANDO SABERES • <i>Vozes verbais e tipos de período</i> , p. 202 / <i>Voz ativa e voz passiva</i> , p. 202 / <i>Agente da passiva</i> , p. 203 / <i>Período simples e período composto</i> , p. 204		AMPLIANDO SABERES • <i>Reportagem – As leis sobre diversidade</i> , p. 227
UM POUCO MAIS • <i>Emprego da letra x</i> , p. 205		UM POUCO MAIS • <i>A mulher na sociedade – Regulamento do concurso</i> , p. 231
UM POUCO MAIS • <i>Percepção de preconceitos contra indígenas no Brasil</i> , p. 206		FALANDO DE • <i>História</i> , p. 233
FALANDO DE • <i>História</i> , p. 207		AMPLIANDO SABERES • <i>Período composto por subordinação</i> , p. 233
MÃOS À OBRA • <i>Seminário</i> , p. 208		MÃOS À OBRA • <i>Reportagem</i> , p. 235
RESUMO DO CAPÍTULO, p. 209		RESUMO DO CAPÍTULO, p. 236
AVALIE SEU APRENDIZADO, p. 210		AVALIE SEU APRENDIZADO, p. 237
MURAL, p. 210		MURAL, p. 237
CAPÍTULO 2	Diálogo entre tempos, p. 211	CAPÍTULO 4
PARA COMEÇAR, p. 211		Leituras do mundo, p. 238
OLHAR PARA • <i>Cidadania e qualidade de vida</i> , p. 212		PARA COMEÇAR, p. 238
AMPLIANDO SABERES • <i>Reportagem – Direitos previstos pelo Estatuto do Idoso ainda são desrespeitados</i> , p. 213		OLHAR PARA • <i>Identidade e diversidade</i> , p. 239
AMPLIANDO SABERES • <i>Período composto por coordenação</i> , p. 216 / <i>Orações coordenadas</i> , p. 216		AMPLIANDO SABERES • <i>Artigo de opinião – Internet e fraude</i> , p. 240
UM POUCO MAIS • <i>Tem ou têm?</i> , p. 219		UM POUCO MAIS • <i>A leitura no Brasil – Você faz a diferença</i> , p. 244
UM POUCO MAIS • <i>Poema – Confidência do Itabirano</i> , p. 220		AMPLIANDO SABERES • <i>Crise</i> , p. 246
FALANDO DE • <i>Ciências</i> , p. 221		FALANDO DE • <i>História</i> , p. 247
MÃOS À OBRA • <i>Produção de texto / Entrevista</i> , p. 222		MÃOS À OBRA • <i>Treinando a argumentação: o artigo de opinião</i> , p. 248
RESUMO DO CAPÍTULO, p. 223		RESUMO DO CAPÍTULO, p. 250
AVALIE SEU APRENDIZADO, p. 224		AVALIE SEU APRENDIZADO, p. 251
MURAL, p. 224		MURAL, p. 251
		Indicações complementares, p. 252
		Referências bibliográficas, p. 253

4.1.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 3. Quadro-resumo da análise da coleção Caminhar e Transformar (FTD)

1) O livro didático trata da variação linguística?	NÃO
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	SIM
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	NÃO
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	NÃO
5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	NÃO
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?	NÃO/SIM
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	NÃO
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	NÃO
10) O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.2 Coleção 2 – Saberes da Vida, Saberes da Escola (Ática)

A coleção *Saberes da Vida, Saberes da Escola* de autoria de Kátia Trovato Teixeira (Editora responsável), Adriana Weigel, Clécio dos Santos Bunzen Júnior, Gisele Aparecida da Costa Silva e Paula Baracat De Grande traz uma proposta de interlocução e em muitas páginas parecem estar dialogando com o estudante.

Todos os capítulos dessa coleção trazem uma estrutura fixa (Chegar mais perto / por dentro do assunto / Para ampliar) com um enfoque grandioso para o gênero textual, pois a proposta principal é de leitura e compreensão do texto, compreensão da estrutura do texto e produção obedecendo a organização composicional do texto.

No capítulo 2 do 7º ano, os autores apresentam uma atividade composta por 10 (dez) questões com o cordel “A Veia Debaixo da Cama e a Perna Cabeluda” e no 9º quesito solicita que o estudante circule no texto palavras ou expressões que se aproximem da linguagem oral popular; solicita também que pesquisem a grafia delas em um dicionário e no seu enunciado afirmam que essas palavras são faladas principalmente no nordeste.

No mesmo capítulo, o livro apresenta um fragmento do cordel “A Megera Domada em Cordel” seguido de uma atividade de 6 (seis) questões em que mais uma vez o estudante é levado a pesquisar vocábulos no dicionário para a identificação de erros na escrita e no 6º quesito é pedido para o estudante sublinhar, no texto, os versos com palavras, expressões e elementos da cultura nordestina.

Figura 7. Saberes da Vida, Saberes da Escola 1

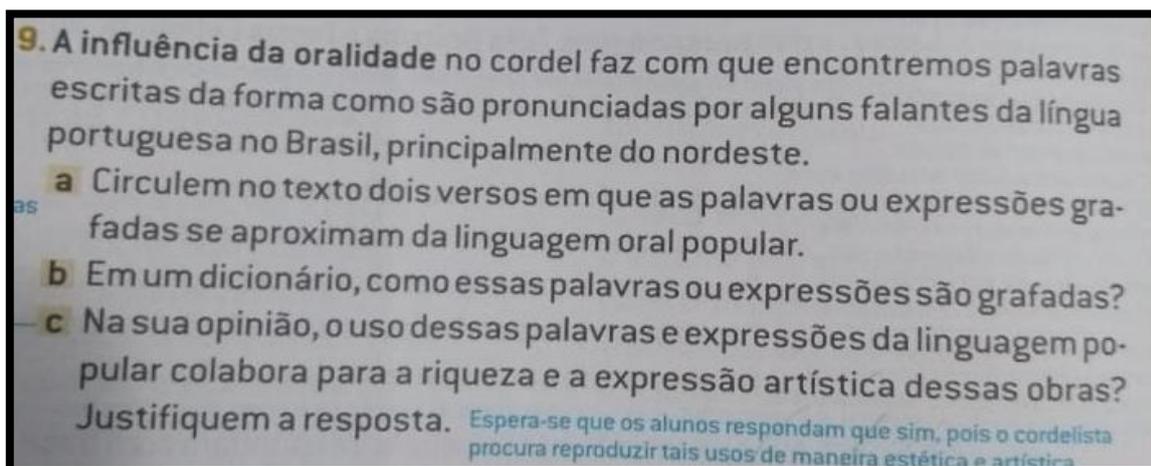
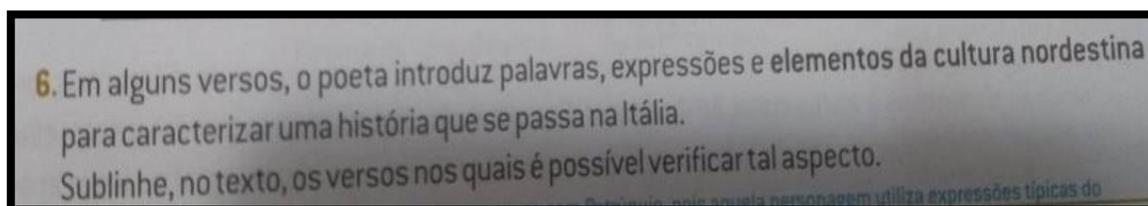


Figura 8. Saberes da Vida, Saberes da Escola 2



Atividades como essas levam os estudantes a supor que variação linguística é o mesmo que “falar errado”, “falar feito gente da roça”, ou seja, o velho preconceito linguístico travestido de terminologia científica.

Apesar de a coleção trazer em sua bibliografia a referência do livro *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* de Marcos Bagno para todos os anos, não se oferece um estudo específico sobre a variação linguística.

Figura 9. Saberes da Vida, Saberes da Escola 3

BIBLIOGRAFIA Livro do aluno	
<p>6º ANO</p> <p>ANTUNES, Irandê. <i>Aula de português: encontro e interação</i>. São Paulo: Parábola, 2003.</p> <p>▶ BAGNO, Marcos. <i>Gramática pedagógica do português brasileiro</i>. São Paulo: Parábola, 2011.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)</i>. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 2002.</p> <p>BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). <i>Português no Ensino Médio e formação do professor</i>. São Paulo: Parábola, 2006.</p> <p>COSTA, Sérgio Roberto. <i>Dicionário de gêneros textuais</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.</p> <p>GERALDI, João Wanderley. <i>Portas de passagem</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1997.</p> <p>KLEIMAN, Angela; MORAES, Sílvia. <i>Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 1999.</p> <p>KÖCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. <i>Ler e compreender: os sentidos do texto</i>. São Paulo: Contexto, 2006.</p> <p>_____. <i>Ler e escrever: estratégias de produção textual</i>. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. <i>Produção textual, análise de gêneros e compreensão</i>. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>ROJO, Roxane. <i>Letramentos múltiplos, escola e inclusão social</i>. São Paulo: Parábola, 2009.</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard; DÖLZ, Joaquim. <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2003.</p> <p>7º ANO</p> <p>ANTUNES, Irandê. <i>Aula de português: encontro e interação</i>. São Paulo: Parábola, 2003.</p> <p>▶ BAGNO, Marcos. <i>Gramática pedagógica do português brasileiro</i>. São Paulo: Parábola, 2011.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)</i>. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 2002.</p> <p>BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). <i>Português no Ensino Médio e formação do professor</i>. São Paulo: Parábola, 2006.</p> <p>COSTA, Sérgio Roberto. <i>Dicionário de gêneros textuais</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.</p> <p>GERALDI, João Wanderley. <i>Portas de passagem</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1997.</p> <p>KLEIMAN, Angela; MORAES, Sílvia. <i>Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 1999.</p> <p>KÖCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. <i>Ler e compreender: os sentidos do texto</i>. São Paulo: Contexto, 2006.</p> <p>_____. <i>Ler e escrever: estratégias de produção textual</i>. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. <i>Produção textual, análise de gêneros e compreensão</i>. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>ROJO, Roxane. <i>Letramentos múltiplos, escola e inclusão social</i>. São Paulo: Parábola, 2009.</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard; DÖLZ, Joaquim. <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2003.</p>	<p>8º ANO</p> <p>ANTUNES, Irandê. <i>Aula de português: encontro e interação</i>. São Paulo: Parábola, 2003.</p> <p>▶ BAGNO, Marcos. <i>Gramática pedagógica do português brasileiro</i>. São Paulo: Parábola, 2011.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)</i>. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 2002.</p> <p>BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). <i>Português no Ensino Médio e formação do professor</i>. São Paulo: Parábola, 2006.</p> <p>COSTA, Sérgio Roberto. <i>Dicionário de gêneros textuais</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.</p> <p>GERALDI, João Wanderley. <i>Portas de passagem</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1997.</p> <p>KLEIMAN, Angela; MORAES, Sílvia. <i>Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 1999.</p> <p>KÖCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. <i>Ler e compreender: os sentidos do texto</i>. São Paulo: Contexto, 2006.</p> <p>_____. <i>Ler e escrever: estratégias de produção textual</i>. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. <i>Produção textual, análise de gêneros e compreensão</i>. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>ROJO, Roxane. <i>Letramentos múltiplos, escola e inclusão social</i>. São Paulo: Parábola, 2009.</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard; DÖLZ, Joaquim. <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2003.</p> <p>9º ANO</p> <p>ANTUNES, Irandê. <i>Aula de português: encontro e interação</i>. São Paulo: Parábola, 2003.</p> <p>▶ BAGNO, Marcos. <i>Gramática pedagógica do português brasileiro</i>. São Paulo: Parábola, 2011.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries)</i>. v. 2. Brasília: 2002.</p> <p>BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). <i>Português no Ensino Médio e formação do professor</i>. São Paulo: Parábola, 2006.</p> <p>COSTA, Sérgio Roberto. <i>Dicionário de gêneros textuais</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.</p> <p>GERALDI, João Wanderley. <i>Portas de passagem</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1997.</p> <p>KLEIMAN, Angela; MORAES, Sílvia. <i>Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 1999.</p> <p>KÖCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. <i>Ler e compreender: os sentidos do texto</i>. São Paulo: Contexto, 2006.</p> <p>_____. <i>Ler e escrever: estratégias de produção textual</i>. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>MARCUSCHI, Luiz Antônio. <i>Produção textual, análise de gêneros e compreensão</i>. São Paulo: Parábola, 2008.</p> <p>ROJO, Roxane. <i>Letramentos múltiplos, escola e inclusão social</i>. São Paulo: Parábola, 2009.</p> <p>SCHNEUWLY, Bernard; DÖLZ, Joaquim. <i>Gêneros orais e escritos na escola</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2003.</p>

4.2.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 4. Quadro-resumo da análise da Coleção Saberes da Vida, Saberes da Escola (Ática)

1) O livro didático trata da variação linguística?	NÃO
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	NÃO
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	NÃO
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	NÃO
5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	SIM
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?	NÃO/SIM
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	NÃO
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	NÃO
10) O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.3 Coleção 3 - EJA Moderna (Moderna)

A coleção EJA Moderna de autoria de Virgínia Aoki (Editora Responsável), Claudemir Donizeti de Andrade, Cláudia Graziano Paes de Barros, Marina Sandron Lupinetti, Daniela Cristina Pinheiro Cohen e Milena Moretto introduz a reflexão sobre a língua no capítulo 1 do livro destinado ao 6º ano com dois poemas e uma letra de música. O primeiro poema é de Patativa do Assaré “A Triste Partida” em que afirma que o poema é escrito de um modo diferente, em seguida divide a Variedade Linguística em variedades regionais, variedades sociais e variedades situacionais e lança perguntas pessoais a respeito dessas variedades.

O segundo poema é “Vício na Fala”, de Oswald de Andrade (1974), mas só indaga o estudante porque o autor utilizou no texto uma variedade diferente da norma-padrão. Na resposta para o professor, afirma que “o autor escreveu do modo como os trabalhadores da construção falam, deixando-o mais próximo da realidade”.

Por fim, traz a letra da música “Saudosa Maloca” de Adoniran Barbosa e solicita que o aluno busque o significado de dois vocábulos do texto no dicionário, traz mais uma questão sobre o texto estar registrado em linguagem formal ou informal, mas não abre perspectivas de reflexão sobre formalidade e informalidade e mais um quesito para serem retiradas do texto palavras ou expressões que representam a variedade social, esperando que o estudante encontre as gírias como resposta. Pergunta se houve dificuldades de compreensão sobre a letra da música quanto ao fato linguístico apresentado.

As opções de grafia empregadas na fala de Chico Bento, nos sambas de Adoniran, nos baiões de Luís Gonzaga e nos poemas de Patativa têm como única finalidade criar uma atmosfera peculiar, inserir o leitor/ouvinte num universo social e cultural diferente daquele que vem convencionalmente representado pela ortografia oficial, o universo urbano letrado. Nenhum compromisso com o rigor da pesquisa científica. (BAGNO, 2013, P. 85)

Figura 10. EJA Moderna 1

Reprodução proibida

Para refletir sobre a língua

Leia novamente o poema de Patativa do Assaré.

A triste partida

Setembro passou, com outubro e novembro,
 Já tamo em dezembro,
 Meu Deus que é de nós?
 Assim fala o pobre do sêco Nordeste
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.

Como vimos, esse poema é escrito de um modo diferente, porque o autor reproduz a forma como algumas pessoas falam. Muitos brasileiros falam como ele escreveu, assim como outros podem falar de vários outros modos. Essas distintas formas de utilizar uma mesma língua recebem o nome de **variedades linguísticas**.

26

Figura 11. EJA Moderna 2

UNIDADE 1 – Identidade e pluralidade

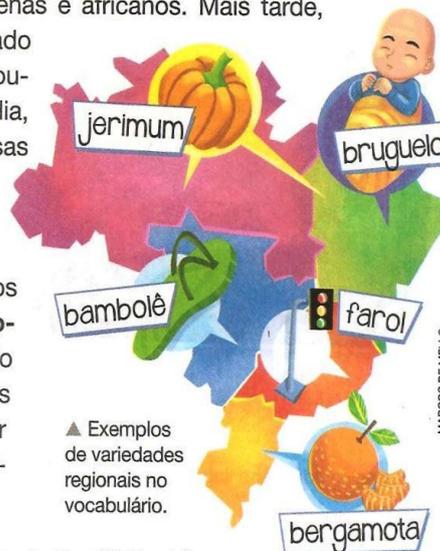
Variedades linguísticas Explore o mapa com os alunos e pergunte a eles como cada um dos itens ilustrados (abóbora, tangerina, semáforo, bebê e sandália) é denominado na região onde eles vivem.

Diferentes variedades do português são faladas de Norte a Sul do Brasil. Para entender essa grande diversidade no modo de falar a mesma língua, é preciso olhar para a nossa história, para a maneira como nosso idioma se formou.

O português utilizado no Brasil recebeu influência de várias outras línguas e culturas. O idioma trazido pelos colonizadores portugueses conviveu, desde o início, com dialetos e línguas de povos indígenas e africanos. Mais tarde, a língua foi influenciada também pelo idioma falado por italianos, japoneses, alemães e árabes, entre outros povos. O português que falamos hoje em dia, portanto, é resultado do contato com todas essas línguas e seus falantes.

Variedades regionais

Encontramos nas regiões brasileiras diversos modos de falar: as chamadas **variedades regionais**. Podemos perceber, quando viajamos pelo país, diferentes modos de pronunciar as palavras e até mesmo de nomear as coisas. *Mandioca*, por exemplo, é chamada *macaxeira* no Norte e no Nordeste; no Sul, *tangerina* é chamada *bergamota*.



1 Você conhece palavras típicas de determinada região do Brasil? Quais?

Resposta pessoal. Aproveite a oportunidade para que os alunos compartilhem as variedades linguísticas de suas regiões de origem. Cuide para que as diferenças sejam respeitadas. Explique que a caracterização exagerada ou debochada de uma variedade diferente daquela que se fala é um tipo de preconceito e deve ser evitado.

Variedades sociais

Além das variedades regionais, há as **variedades sociais**, que podem ocorrer quando pessoas de uma mesma região, mas de diferentes idades, sexo ou classe social apresentam diferenças no modo de falar. Por exemplo, os jovens criam formas para se comunicar que não são as que seus pais, avós ou professores utilizam.

As formas de falar específicas de um grupo social são chamadas de **gírias**. Às vezes, algumas gírias acabam fazendo parte do vocabulário da língua. Isso mostra como a língua pode ir se modificando com o tempo, em função das escolhas dos falantes de cada época.

2 Você costuma usar gírias? Quais? Pessoas de idades diferentes da sua usam essas mesmas gírias ou outras?

Resposta pessoal.

Figura 12. EJA Moderna 3

Variedades situacionais

Os usos de uma língua também podem variar de acordo com a situação em que estamos. Dependendo da circunstância ou da pessoa com quem falamos, por exemplo, empregamos um registro de maior ou menor formalidade. A esse tipo de variação na linguagem chamamos **variedade situacional**.



▲ É preciso adequar a linguagem à situação em que estamos.

3 Em sua opinião, quando é possível usar uma linguagem mais informal? E em que momentos é importante usar um registro mais formal? Por quê?

Resposta pessoal. É importante que os alunos percebam que, entre amigos, falamos de modo descontraído, informal; nas situações de maior formalidade, como uma entrevista de emprego, procuramos escolher palavras diferentes daquelas empregadas em uma conversa com os amigos ou familiares.

Situações de formalidade exigem o uso da linguagem formal. Portanto, é importante aprendermos algumas das regras de uso dessa linguagem, que devemos utilizar em entrevistas de emprego e em provas de concursos públicos, entre outras situações.

Norma culta ou variedade padrão

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre em todas as línguas. **Norma culta** ou **variedade padrão** é como se chama a variedade linguística de maior prestígio em determinada comunidade.

É comum que os falantes de uma comunidade linguística tenham a ideia de que o seu próprio modo de falar seja o “correto” e que as outras formas sejam “erradas”. É importante ter cuidado para não fazer julgamentos negativos das variedades diferentes da que utilizamos. Debochar ou fazer gozações com as pessoas pelo modo como elas falam é uma forma de preconceito. Trata-se de **preconceito linguístico**, que ocorre quando alguém julga uma pessoa pela variedade linguística que ela utiliza.

Figura 13. EJA Moderna 4

UNIDADE 1 – Identidade e pluralidade

4 Você já sofreu preconceito linguístico? Em que situação?
 Resposta pessoal. Possibilite que os alunos compartilhem com os colegas suas experiências, seus sentimentos e suas opiniões sobre esse assunto. Aproveite o momento para dissolver questões que possam ser causa de preconceito.

5 Considerando o que você aprendeu sobre variedade linguística, o que explicaria a uma pessoa que fizesse um julgamento negativo de outra devido à variedade linguística que esta utiliza?
 Oriente os alunos para que percebam que todas as variedades constituem sistemas linguísticos válidos quando são adequados às necessidades comunicativas dos falantes. Portanto, não se podem estigmatizar essas variedades e, sobretudo, não discriminar socialmente os indivíduos que as utilizam.

Para praticar

1 Leia este poema e faça o que se pede a seguir.

vício na fala
 Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: poesias reunidas*.
 Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1974. p. 89.

a) Encontre nesse texto duas características que estudamos sobre os poemas.
 Espera-se que os alunos percebam que esse texto apresenta uma maneira mais original de ver o mundo ou de dizer as coisas, que é organizado em versos e apresenta um ritmo marcado, uma melodia.

b) A quem o poeta se refere nesse poema? O que ele descreve?
 O poeta se refere aos trabalhadores da construção, mais especificamente aos que fazem telhados. O poema reproduz a fala desse trabalhador, além de sua atividade (as palavras são acrescentadas ou retiradas uma a uma, como as telhas).

c) Por que o autor utilizou no texto uma variedade diferente da norma-padrão?
 Espera-se que os alunos identifiquem que o autor escreveu do modo como os trabalhadores descritos falam, deixando-o mais próximo da realidade.

29

Figura 14. EJA Moderna 5

2 Leia este texto e responda às questões a seguir.

Saudosa maloca

Si o senhor num tá lembrado	Cada tauba que caía
Dá licença de contá	Duíá no coração
Que aqui onde agora está	Mato Grosso quis gritá
Esse adifício arto	Mas de cima eu falei:
Era uma casa véia	Os homi tá cá razão
Um palacete assobradado	Nóis arranja outro lugar
Foi aqui, seu moço	Só se conformemo quando o Joca falou:
Que eu, Mato Grosso e o Joca	“Deus dá o frio conforme o cobertô”
Construímos nossa maloca	E hoje nós pega a paia nas grama do
Mais um dia	[jardim
Nóis nem pode se alembrá	E pra esquecer nós cantemos assim:
Veio os homi cas ferramenta	Saudosa maloca, maloca querida,
O dono mandô derrubá	Dim dim donde nós passemos os dias
Peguemos todas nossas coisa	[feliz de nossas vida
E fumos pro meio da rua	Saudosa maloca, maloca querida,
Apreciá a demolição	Dim dim donde nós passemos os dias
Que tristeza que nós sentia	[feliz de nossas vida.

BARBOSA, Adoniran. *Saudosa maloca*. São Paulo: Continental, 1951.

a) Que história é contada nesse texto?
Nessa música, o compositor conta a história de três pessoas que foram despejadas e viram o local onde moravam ser destruído. Elas hoje sentem saudade do lugar onde moravam e viveram dias felizes.

b) Busque os significados das palavras *saudosa* e *maloca* no dicionário. Como você entende o título do texto?
Maloca é um tipo de moradia e *saudoso*, nesse contexto, é aquilo que inspira saudade. O título da música de Adoniran Barbosa refere-se ao modo como os personagens se identificavam com o local onde moravam e que foi destruído, daí a saudade que sentem.

c) O registro desse texto é da linguagem formal ou informal? Justifique sua resposta.
Espera-se que os alunos percebam que o texto faz uso do registro informal e não foi escrito de acordo com a variedade padrão.

d) Encontre no texto palavras ou expressões que representem a variedade social.
Possibilidades de resposta: *si, contá, cas, mandô, fumos, nós arranja, nas grama, paia, dim donde*, entre outras.

e) Você teve alguma dificuldade de compreender o texto? Por quê?
Espera-se que os alunos indiquem que não. O autor reproduz a forma de algumas pessoas falarem, muito comum no dia a dia. Por mais que essa forma fuja à norma-padrão, ela é facilmente compreensível.

Reprodução proibida. Art. 183 do Código Penal e Art. 8º do Decreto nº 19 de fevereiro de 1988.

30

Com essa análise, vimos que os autores abordam o tema da variação, porém poderiam explorá-lo mais, propondo exercícios que trabalhassem as diversas variantes, destacando as diferentes características de grupos de falantes: a classe social, o nível de escolaridade, a ocupação e nível de renda, a idade, jargões profissionais, gírias, estilos de fala que a Língua Portuguesa possui.

Observando a questão “C” acima, corroboramos com a fala de Bagno (2013) quando diz que é uma falácia, definir a norma culta ou mesmo a norma-padrão como “linguagem formal” ou a norma popular como “linguagem informal”, pois um falante

com pouca ou nenhuma escolaridade também é capaz de modular sua produção para torna-la mais formal.

4.3.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 5. Quadro-resumo da análise da coleção EJA Moderna (Moderna)

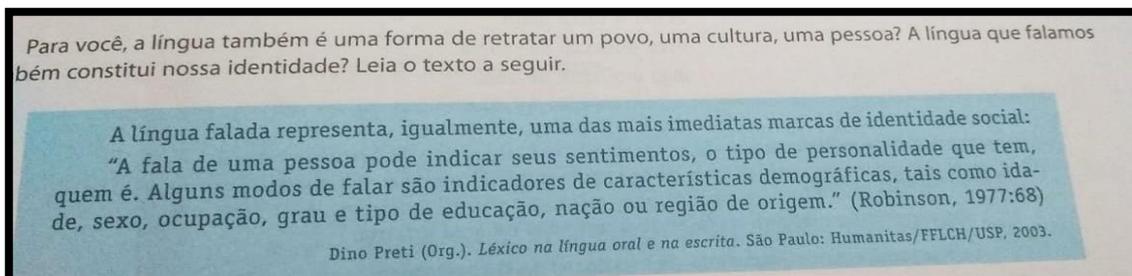
1) O livro didático trata da variação linguística?	SIM
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	SIM
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	NÃO
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	NÃO
5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	NÃO
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?	NÃO/SIM
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	NÃO
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	NÃO
10) O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.4 Coleção 4 - Tempo de Aprender (IBEP)

A coleção Tempo de Aprender da editora IBEP tem como autores Cícero de Oliveira Silva, Elizabeth Gavioli de Oliveira Silva e Greta Nascimento Marchetti, é dividida em seções fixas em todos os capítulos que estão divididas com os seguintes títulos “Pra Começo de Conversa”, “Desvendando o Tema”, “Um Olhar para a Língua”, “Olhe a escrita!”, “Aprofundando o tema”, “Um Olhar para a Língua”, “Registrando Ideias... “Tramando Textos e Ideias”, “Ampliando o Tema”, “Sua vez...”, “E Eu com isso?”. Os autores apresentam textos de gêneros diversificados e linguagens variadas.

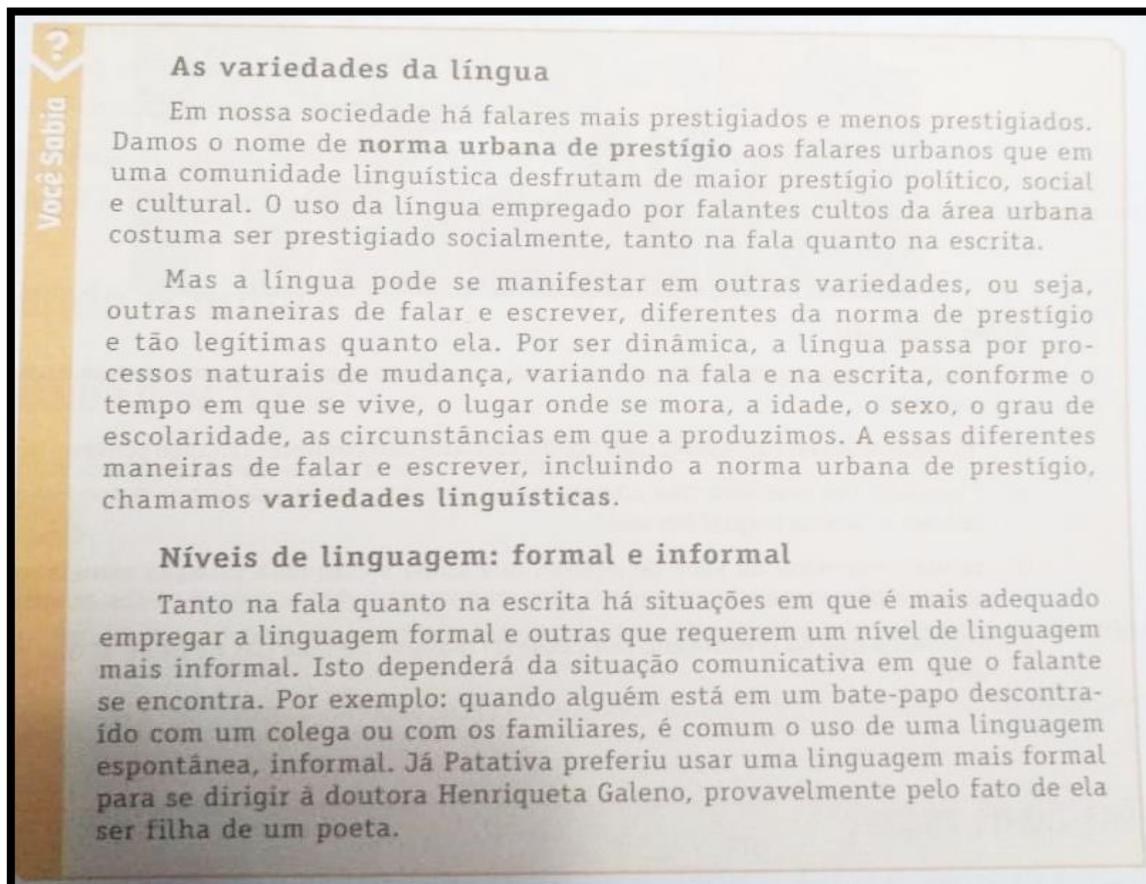
No primeiro capítulo do livro destinado ao 6º ano da EJA, na seção “Aprofundando o Tema”, os autores trazem duas autobiografias, uma delas é a de Patativa do Assaré, exploram os textos e ampliam a discussão na seção “Um Olhar para a Língua” apresentando duas perguntas seguidas de uma citação de Robinson.

Figura 15. Tempo de Aprender 1



Em seguida, para continuar a reflexão os autores colocam mais um trecho da autobiografia de Patativa do Assaré abordando os diferentes falares, completam com um boxe em que explicam as variedades da língua e os níveis de linguagem e citam sutilmente que a língua passa por processos naturais de mudança.

Figura 16. Tempo de Aprender 2



Na página seguinte, na seção “Sua Vez” é posta uma imagem com várias expressões usadas em determinadas regiões do país e mais 5 (cinco) perguntas pessoais limitadas à variedade regional e a última pergunta se refere ao preconceito linguístico.

Figura 17. Tempo de Aprender 3



A redução do conceito de variação linguística à variação regional acaba por folclorizar (no mau sentido do termo) o fenômeno. Seria muito mais interessante fazer a aluna e o aluno reconhecerem que a língua é, sim, heterogênea e variável, inclusive na fala e na escrita das pessoas altamente escolarizadas, sem nenhum vínculo com a cultura regional. (BAGNO, 2013, p. 87)

Nos demais livros da coleção não há nenhuma referência à Variação Linguística.

4.4.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 6. Quadro-resumo da análise da coleção Tempo de Aprender (IBEP)

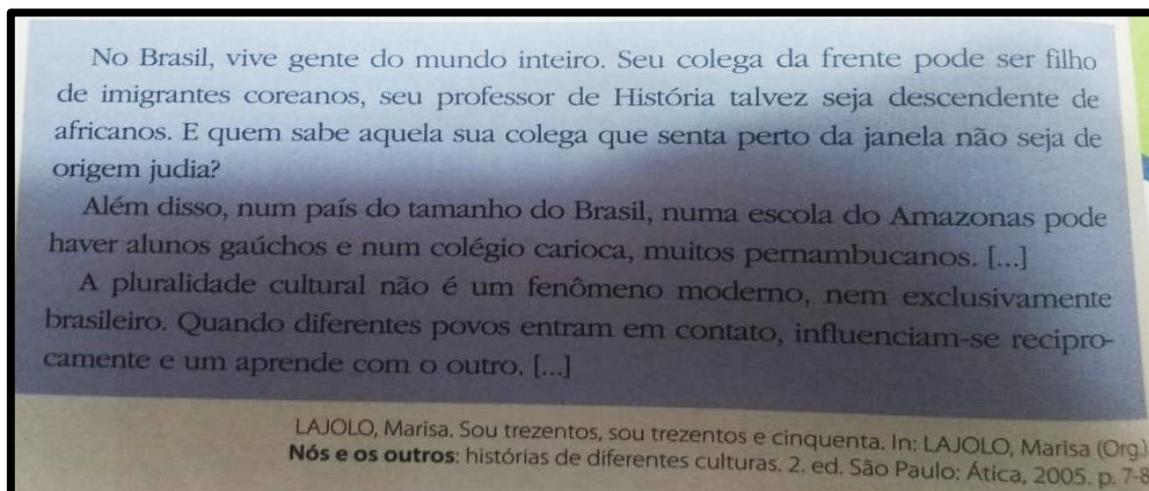
1) O livro didático trata da variação linguística?	SIM
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	NÃO
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	SIM
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	NÃO

5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	SIM
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?	NÃO/SIM
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	NÃO
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	SIM
10) O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.5 Coleção 5 - Alcance EJA (Editora Positivo)

A Coleção Alcance EJA tem como autora Ana Laura Volp e traz capítulos curtos em toda obra com duas seções fixas (Pensar e Produzir e Estrutura da Língua). No capítulo 3 da unidade 1 do livro referente ao 6º ano da EJA a autora apresenta como título A Diversidade Cultural e a Linguagem e na seção Estrutura da Língua coloca Variedades Linguísticas como as formas de falar nas diferentes regiões brasileiras, ainda afirma que todas as variedades são corretas porque estabelecem a comunicação entre as pessoas. A autora também diz que no Brasil existe apenas uma língua nacional com diferenças nas pronúncias, no vocabulário e nas construções frásicas. Em seguida dispõe um trecho da música Tiro ao Álvaro de Adoniran Barbosa para perguntar se a variedade utilizada na letra da canção impede a compreensão das pessoas e se os estudantes conhecem outras canções que apresentem essa mesma variedade. Por fim apresenta um fragmento do livro Sou Trezentos, Sou Trezentos e Cinquenta de Marisa Lajolo para que os estudantes façam uma pesquisa com os familiares de seus colegas no intuito de encontrarem imigrantes estrangeiros a fim de conhecerem as tradições trazidas para o Brasil.

Figura 18. Alcance EJA 1



4.5.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 7. Quadro-resumo da análise da coleção Alcance EJA (Editora Positivo)

1) O livro didático trata da variação linguística?	SIM
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	NÃO
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	SIM
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	NÃO
5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	SIM
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado”?	NÃO/SIM
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	NÃO
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	NÃO
10) O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.6 Coleção 6 - Viver, Aprender (Global)

A coleção Viver, Aprender é de autoria de Claudio Bazzoni, Heloísa Ramos, Mirela Laruccia e Noemi Jaffe, traz seções fixas em todas os capítulos (Convite à leitura/Explorando o universo textual/Roda de conversa/Atividade). As propostas de atividades são voltadas para a exploração dos gêneros textuais e a gramática sempre vinculada ao texto e a sua produção.

No capítulo 1 do volume 1 (6º ano EJA), os autores trazem um texto com o título “As palavras, os sentidos” e desenvolve as variedades linguísticas como subtítulo desse texto mostrando que uma língua tem variedades, cada uma delas perfeitamente válidas, que nenhuma variedade é mais importante que outra e que ninguém pode ser discriminado por falar de uma ou de outra maneira. Essa coleção é a que mais e melhor apresenta a questão da variação linguística.

Figura 19. Viver, Aprender 1

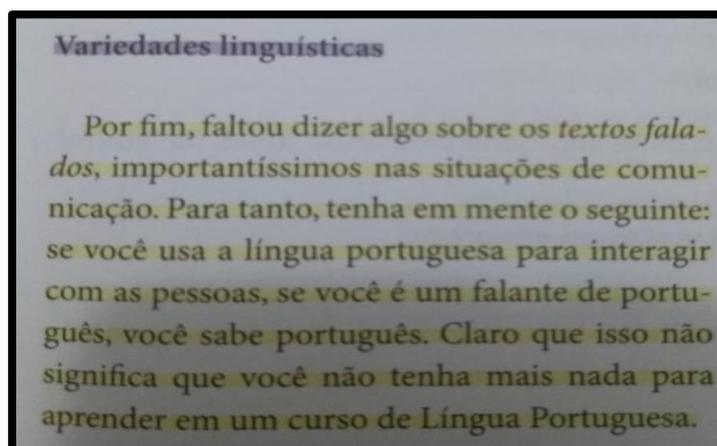


Figura 20. Viver, Aprender 2

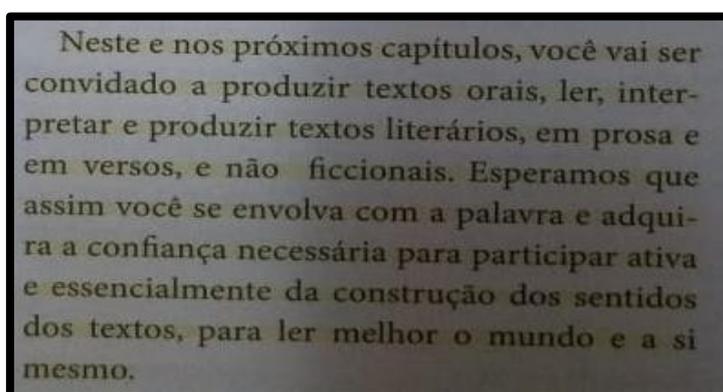


Figura 21. Viver, Aprender 3

Na escola, aprimoramos o uso que fazemos da língua escrita e da língua falada. As várias situações de aprendizagem no dia a dia escolar permitem que você amplie seu domínio sobre a língua, perca a timidez para falar em público, melhore a escrita, enfim, que desenvolva capacidades essenciais para se desenvolver como indivíduo e cidadão.

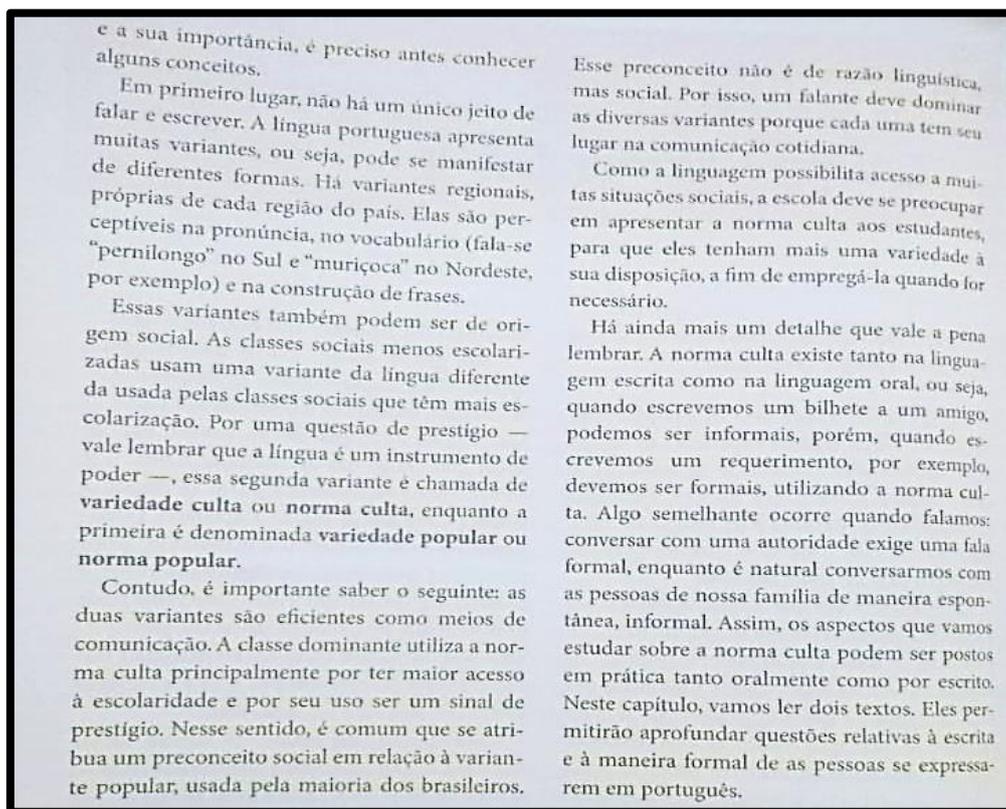
Na escola, aprendemos que uma língua tem variedades, que a maioria dos falantes do Brasil usa uma “língua” diferente da que é socialmente prestigiada. A chamada **variante culta**, ou **variedade culta**, que, para os mais conservadores, representaria o “jeito certo de falar”, não apresenta tantas diferenças em relação ao jeito de falar da grande maioria da população, conforme demonstram pesquisas realizadas por professores de importantes universidades que estudam e comparam o falar de pessoas com formação universitária e o de pessoas com poucos anos de escolaridade.

Na escola, aprendemos também que o português que se fala hoje não é “pior” do que o de antigamente; que nenhuma região do país fala melhor que outra; que ninguém pode ser discriminado por falar de uma ou de outra maneira. Mais importante do que falar “corretamente”, é falar sem se intimidar, é adequar a fala a situações mais ou menos formais, é aprender a escutar com atenção e a preparar previamente o que se vai falar.

No capítulo 1 do volume 2 (7º ano EJA), os autores dizem que os alunos estudarão a norma culta, mas precisam compreender que a língua portuguesa apresenta muitas variantes e que tanto a variedade culta quanto a variedade popular são eficientes como meios de comunicação.

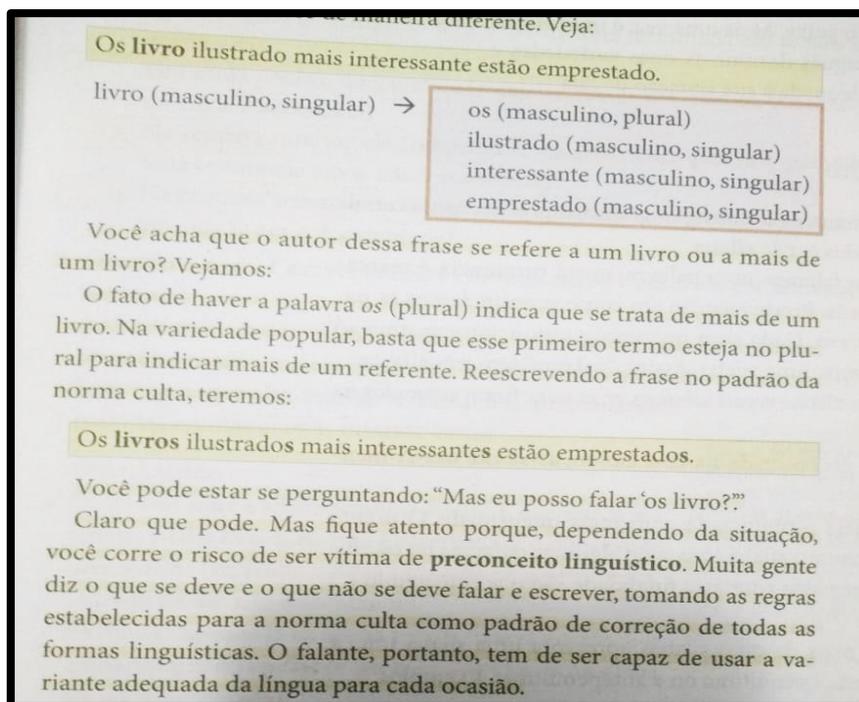
Em seguida é mostrado um parágrafo de um texto produzido por um aluno onde há falhas quanto à pontuação comprometendo a norma culta, depois apresenta o emprego de pronomes e a concordância entre palavras, sempre apontando todas as possibilidades na norma culta e na variedade popular. O livro faz uma boa abordagem da variação e como trabalha as questões gramaticais evidencia que a língua apresenta variabilidade nesses fenômenos. Constatamos, assim, nessa seção, uma abordagem coerente sobre a variação nos fenômenos gramaticais, pois nela a gramática é concebida como “flexível, variável, mutável, exatamente por ser parte constitutiva das línguas, que são flexíveis, variáveis e mutáveis por natureza” (ANTUNES, 2002, p. 129)

Figura 22. Viver, Aprender 4



Os autores trazem a oração “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado” para mostrar que na norma popular a concordância acontece diferente e afirma que podemos falar assim, mas devemos ficar atentos, pois dependendo da situação podemos ser vítimas do preconceito linguístico.

Figura 23. Viver, Aprender 5



Os autores também apresentam a concordância verbal segundo a norma culta e a variedade popular e aconselha que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à cada situação. As atividades propostas no livro confirmam e propiciam suas considerações.

Figura 24. Viver, Aprender 6

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.
 nós → 1.^a pessoa, plural
 pega → 3.^a pessoa, singular

Os menino pega o peixe.
 menino → 3.^a pessoa, ideia de plural (por causa do “os”)
 pega → 3.^a pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

Bagno (2013) afirma que a concordância verbal (e nominal) variável também se verifica intensamente nas normas urbanas de prestígio faladas menos monitoradas.

4.6.1 Quadro-resumo da análise

Quadro 8. Quadro-resumo da análise da coleção Viver, Aprender (Global)

1) O livro didático trata da variação linguística?	SIM
2) O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?	NÃO
3) O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?	NÃO
4) O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?	SIM

5) O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?	NÃO
6) O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?	NÃO
7) O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções tratar do “certo” e do “errado”?	SIM/NÃO
8) O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?	SIM
9) O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?	NÃO
10) O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?	NÃO

4.7 Conclusões

Abaixo apresentamos um resumo segundo o que cada roteiro nos apresentou de todas as obras para melhor análise.

Sobre o questionamento 1 “O livro didático trata a Variação Linguística?”:

Quadro 9. Quadro comparativo 1

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	
3	EJA Moderna	SIM
4	Tempo de Aprender	SIM
5	Alcance EJA	SIM
6	Viver, Aprender	SIM

Sobre o questionamento 2 “O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existem no Brasil?”:

Quadro 10. Quadro comparativo 2

1	Caminhar e Transformar	SIM
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	
3	EJA Moderna	SIM
4	Tempo de Aprender	
5	Alcance EJA	
6	Viver, Aprender	

Sobre o questionamento 3 “O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?”:

Quadro 11. Quadro comparativo 3

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	
3	EJA Moderna	
4	Tempo de Aprender	SIM
5	Alcance EJA	SIM
6	Viver, Aprender	

Sobre o questionamento 4 “O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados)?”:

Quadro 12. Quadro comparativo 4

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	
3	EJA Moderna	
4	Tempo de Aprender	

5	Alcance EJA	
6	Viver, Aprender	SIM

Sobre o questionamento 5 “O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedade prestigiada)?”:

Quadro 13. Quadro comparativo 5

1	Caminhar e Transformar
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola
3	EJA Moderna
4	Tempo de Aprender
5	Alcance EJA
6	Viver, Aprender

Sobre o questionamento 6 “O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico?”:

Quadro 14. Quadro comparativo 6

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	SIM
3	EJA Moderna	
4	Tempo de Aprender	SIM
5	Alcance EJA	SIM
6	Viver, Aprender	

Sobre o questionamento 7 “O livro didático mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento que dá aos fatos de gramática? Nas outras seções trata do “certo” e do “errado?””:

Quadro 15. Quadro comparativo 7

1	Caminhar e Transformar	NÃO
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	NÃO
3	EJA Moderna	NÃO
4	Tempo de Aprender	NÃO
5	Alcance EJA	NÃO
6	Viver, Aprender	SIM

Sobre o questionamento 8 “O livro didático explicita que também existe variação entre fala e escrita?”:

Quadro 16. Quadro comparativo 8

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	
3	EJA Moderna	
4	Tempo de Aprender	
5	Alcance EJA	
6	Viver, Aprender	SIM

Sobre o questionamento 9 “O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística?”:

Quadro 17. Quadro comparativo 9

1	Caminhar e Transformar	
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola	

3	EJA Moderna
4	Tempo de Aprender
5	Alcance EJA
6	Viver, Aprender

Sutilmente

Sobre o questionamento 10 “O livro didático apresenta variação linguística somente para dizer o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?”:

Quadro 18. Quadro comparativo 10

1	Caminhar e Transformar
2	Saberes da Vida, Saberes da Escola
3	EJA Moderna
4	Tempo de Aprender
5	Alcance EJA
6	Viver, Aprender

Ao analisarmos o tratamento da variação linguística nessas coleções, verificamos em destaque a apresentação de variados textos em diferentes gêneros, todavia, há muito o que progredir, principalmente nas possibilidades ofertadas para a reflexão quanto ao uso da língua para se pensar a linguagem de forma crítica.

O que mais percebemos são atividades descontextualizadas com o velho pretexto de se ter o texto para o ensino de gramática e em sua maioria tratam a Variação Linguística com abordagens insuficientes para parecer cumprir o que é exigido no manual de convocação do MEC. Os livros se assemelham a uma gramática normativa.

A Coleção “Caminhar e Transformar (FTD) não aborda a VL, os autores apresentam as questões gramaticais apenas com uma visão normativista do ensino da língua.

Na Coleção “EJA Moderna”, percebemos uma certa preocupação em abordar a VL, pois cita a variação regional, social, as variedades situacionais, embora confunda a norma culta com a variedade padrão da língua.

Na Coleção “Viver, Aprender” (Global) os autores tratam a Variação no capítulo destinado ao tema, mas não mencionam a pluralidade de línguas existentes no Brasil, ainda assim, de acordo com o que analisamos foi a coleção que mais avançou em relação às demais coleções.

As demais coleções se omitem quanto à menção da pluralidade de línguas existentes no Brasil, tratam o Português como língua única e concentram boa parte dos problemas na abordagem dos fenômenos gramaticais, ou seja, não coadunam com os documentos norteadores quando estes dizem que todo estudo deve ser feito de modo a envolver reflexões sobre a questão da variação linguística e sobre o funcionamento da língua, tornando-a um objeto de conhecimento instigante e curioso.

Isso comprova que os autores e editoras preocupam-se muito mais com as tiragens e vendas. No momento em que eles descumprem nos livros didáticos o privilégio a uma abordagem descritiva que se preocupe em mostrar as línguas tais como são usadas, refletindo e descrevendo as formas existentes nos grupos sociais de EJA, corroboram com essa preocupação mercantilista e demonstram que não há um atendimento ao requisitos do manual do MEC ou dos documentos oficiais. Consta nos documentos oficiais que a abordagem em Língua Portuguesa deve romper com absolutismos e deve ser também adequada para a educação de jovens e adultos, pois o aluno da EJA sofre com o confronto entre as variantes linguísticas, já que, na prática, a escola e os livros didáticos acabam não valorizando a variedade falada pelo aluno e por seu grupo social.

5 ANÁLISE DOS DADOS: O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM UM CAPÍTULO DE LIVRO DIDÁTICO

É de suma importância respeitar o uso real da língua dos jovens e adultos da EJA através do material que é proposto em sala de aula, entendendo que diferença não é deficiência, a diferença é na verdade ponto de partida para que na escola os estudantes sejam levados a enriquecer seu repertório linguístico e adquirir uma competência comunicativa mais ampla e diversificada, sem que haja a desvalorização de sua própria variedade linguística adquirida nas relações sociais de sua comunidade.

Para isso, utilizamos para o desenvolvimento da intervenção, um questionário (Anexo 1) sobre questões relacionadas à condição social e econômica dos estudantes. Os dados obtidos através deste questionário tiveram como finalidade reconhecer o contexto no qual os estudantes estão inseridos e indicar caminhos para o desdobramento dos questionários diagnósticos que foram propostos na sequência com o propósito de entendermos o que os estudantes sabiam sobre variação linguística.

Em seguida aplicamos mais dois questionários que chamamos de questionários diagnósticos e obtivemos as seguintes respostas. Em relação ao questionário 2 (Anexo 2), quando questionados se consideram o Português uma língua difícil, apenas a estudante P5 afirmou ser uma língua fácil pois acredita que existem línguas mais complicadas. Quando perguntados sobre o que entendem por variação linguística, as estudantes P3 e P5 responderam que não sabem nada, os demais responderam que são as várias formas de falar, de pronunciar e de sentidos das palavras. Ao questionarmos o que consideram erro no uso da língua Portuguesa obtivemos respostas diversas, P1 respondeu que o erro estava na má colocação da pontuação, P2 respondeu que o erro acontece porque não podemos escrever da forma que falamos, P3 respondeu que a fala é responsável pelo erro, P4 afirmou que o erro acontece quando substituímos as palavras corretas por gírias, P5 afirmou não saber o que é considerado erro e P6 respondeu que o erro está nos tipos de pronúncias das palavras. Quando perguntamos se há diferença entre escrita e fala todos responderam que sim. Indagados sobre o que é preconceito linguístico, P1 respondeu que é a não aceitação da forma que o outro fala, P2 respondeu que é a crítica ou a correção feita ao outro, P3 disse que é quando se julga o que o outro fala em tom de preconceito,

P4 respondeu que o preconceito é quando se corrige o que o outro fala, P5 afirmou que é o questionamento feito sobre o modo de falar do outro e P6 respondeu que são as palavras erradas usadas com sentidos opostos. Quando questionamos sobre já ter sofrido ou presenciado algum tipo de preconceito linguístico todos disseram que sim, mas P6 disse não saber ao certo pois não é capaz de diferenciar o preconceito linguístico, mas se for o que ele tem em mente já sofreu quando foi chamado de “macaco”.

Entendemos através das respostas dos estudantes ao questionário 2 que há um desencontro do ensino de Língua Portuguesa com o uso real da língua, eles nos mostram com suas palavras que a gramática deve ser aprendida para aprimorar o uso da língua. Com isso, nos fazemos ainda mais compreender que os livros didáticos e as práticas dos educadores em Língua Portuguesa devem ser revistos e readaptados às condições linguísticas mais adequadas e com uma proximidade maior da realidade dos alunos.

Fica claro que variação linguística para a maioria dos estudantes é a maneira variada de fala e pronúncia das palavras, tornando perceptível com essa resposta que só a variação diatópica é reconhecida por eles.

Constatamos também que a maioria identifica a ocorrência do preconceito linguístico na correção feita por parte do outro, faltando assim o conhecimento do quão amplo é o preconceito linguístico e que acontece de diversas maneiras e em várias ocasiões.

Em relação ao questionário 3 (Anexo 2), fizemos a seguinte análise. No item 1, todos os alunos marcaram “V” demonstrando que não há um entendimento entre os interlocutores evidenciado pela interrogação no balãozinho da professora. Entendemos que a imagem prejudicou a interpretação deste item. No item 2, só a estudante P5 respondeu “F”, ou seja, os demais entenderam que no ambiente escolar só cabe a linguagem formal. No item 3, todos responderam “V” para a sentença que diz que as gírias devem ser retiradas da língua em qualquer situação, demonstrando não compreenderem as gírias como um tipo de variação. No item 4, só a estudante P4 respondeu “F”, isso indica que os demais não relacionaram o item 3 ao item 4, ora entendem a gíria como algo motivado por diversos fatores, ora afirmam que ela deve ser retirada da língua. No item 5, todos os estudantes responderam corretamente, demonstrando o entendimento de que há uma linguagem diferente e própria para utilizar em trabalhos escolares e textos oficiais.

Na questão 2 do mesmo questionário, dois estudantes, P5 e P6, marcaram letra “B” e isso nos causou surpresa, pois demonstraram não conhecerem a variação diatópica, dita por muitos educadores como uma das mais vivenciadas em sala de aula.

Ainda na questão 3 do questionário 3, todos os estudantes responderam corretamente a todos os itens, com exceção do estudante P1 que respondeu “F” para o item 1 em que diz que pela linguagem utilizada os falantes não conseguem se comunicar, no entanto, são falantes do mesmo meio social, cultural e geográfico. A resposta deste estudante nos causou estranhamento.

Diante das respostas dos alunos percebemos que muito há que se vivenciar sobre variação linguística em sala de aula reafirmando a sua importância. Então, em consonância com os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2014) e Bagno (2007), desenvolvemos um capítulo de livro didático respeitando a variação linguística, enfatizando os fatores sociais, históricos, econômicos, regionais, temporais e situacionais, e ainda abrangendo os pontos propostos por Bagno em seu roteiro para analisar livro didático. Nessa proposta de trabalho, tentamos compreender e minimizar os processos preconceituosos e de sentimento de inferiorização que os estudantes de EJA sofrem, levando-os ao entendimento que em toda comunidade, seja pequena ou grande, seja um estado ou um país, apresenta variação na língua e não “erro” linguístico. A organização do capítulo de livro didático apresentou atividades significativas propostas em etapas. Levamos em consideração a diagnose feita com os alunos da turma, tivemos o cuidado de que todos os alunos selecionados participassem de toda a atividade e ressaltamos que antes da aplicação da atividade principal desta pesquisa houve uma conversa com os alunos para explicar que ela era necessária para um trabalho a ser realizado na turma, visando uma nova consciência sobre a língua. As propostas de atividades dentro do capítulo bem como suas descrições e análises estão dispostas a seguir.

5.1 O desenvolvimento do capítulo de livro didático: descrição e análise do contexto de aplicação

O capítulo² foi aplicado de forma que todos os alunos discutissem todas as etapas

²O capítulo inteiro está em nossos anexos. Iremos, no decorrer do desenvolvimento de nossas descrições e análises, apresentar cada item pertinente para cada momento.

juntos e refletissem os questionamentos feitos por esta pesquisadora. Podemos descrever o processo de execução das atividades com a apresentação da atividade para os alunos, a leitura dos textos, dos comandos e o levantamento de hipóteses que pudessem instigar a reflexão. Evidentemente realizamos intervenções sempre que os alunos sentiram dificuldades e sempre que estas fossem possíveis e necessárias sem interferir, nem dar respostas aos alunos. Traremos, na sequência, as atividades propostas, seguidas de avaliações e comentários acerca do contexto de aplicação delas.

De início apresentamos a página de abertura do capítulo e propomos aos estudantes a leitura e reflexão do boxe, imagem, legenda e texto.

Figura 25. Início do capítulo

Na sala de aula, como em qualquer outro ambiente encontramos variação no uso da língua. Convido você a perceber essa variação e refletir a riqueza que há no Português Brasileiro nas páginas seguintes...

REFLETINDO A IMAGEM...



A pluralidade cultural do Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <<https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-diversidade-cultural-brasileira-sala-aula.html>>. Acesso em 27 jan. 2019.

O Brasil é um país extenso. De Norte a Sul, encontramos diferentes paisagens, costumes e formas de falar. Conhecer, valorizar e respeitar essas diferenças é um passo para a compreensão da identidade brasileira.

Com relação a essa proposta, que teve por finalidade um contato inicial dos alunos com o capítulo observamos uma curiosidade sobre o termo “Português Brasileiro”, isso levou-nos a refletir com os alunos que a língua falada no Brasil não vem apenas dos portugueses, ela também recebeu influência de índios, africanos e migrantes europeus. Apontamos nessa reflexão o que orienta o roteiro de Bagno (2007) no ponto 2 que é mencionar de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil. Salientamos na nossa interação com os alunos que o Brasil está na pequena lista dos oito países que abrigam em seu território metade das línguas faladas no mundo, dentre elas, as línguas indígenas, as línguas europeias, as línguas asiáticas, a língua espanhola e que por todos esses motivos não falamos o português de Portugal e sim o português do Brasil, ou seja, o português brasileiro, com regularidades próprias da nossa língua.

Na segunda página da nossa proposta de intervenção, propomos a leitura da crônica Pechada de Luís Fernando Veríssimo e posteriormente comentários sobre o texto. A escolha desse texto seguiu a orientação de Bagno (2007) quando diz que os autores de livros didáticos normalmente recorrem à opção já surrada nas revistinhas do Chico Bento e sugere a escolha de textos em outras fontes. Inicialmente, chamamos a atenção para o título e solicitamos que levantassem hipóteses dele sobre o texto. Percebemos que houve uma boa receptividade à leitura através dos risos expressos pelos estudantes. Deixamos que os participantes fizessem seus comentários, ainda que tímidos, sobre o que leram. Após a leitura e comentários solicitamos que os estudantes respondessem 6 (seis) perguntas, abaixo expostas.

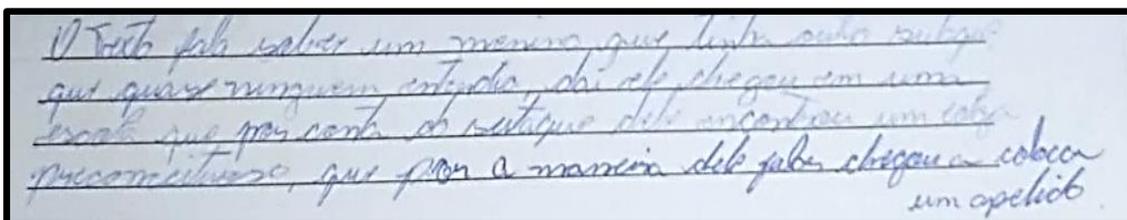
Figura 26. Questões sobre o texto

1. Converse com seu colega sobre o título do texto lido. O título “Pechada” provocou em vocês alguma impressão? Suas hipóteses se confirmaram? Há relação entre o texto e a imagem?
2. Esse texto narra uma história. Escreva-a com suas palavras:
3. Há cinco regiões em nosso país: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Você conhece alguém que saiu da sua região de origem e atualmente convive com você? Se sim, o que mais chama a sua atenção nessa pessoa?
4. O garoto Rodrigo morava no Sul. Só na região Sul há diversidade na fala? Explique:
5. Em um determinado momento da crônica a professora corrige o aluno novato. Você já passou por algo semelhante? Como se sentiu?
6. Observando a sua sala de aula, existe diversidade na forma de falar?

No que diz respeito à questão 1, constatamos que todos os estudantes tiveram as suas hipóteses frustradas. Quatro participantes disseram pensar que o texto trataria de algo relacionado a um peixe, concluímos que estes estudantes chegaram a esta resposta pela pronúncia da palavra “pechada”, uma vez que quando pronunciamos “peixada” temos o apagamento do ditongo e o som do X e CH são semelhantes, também foram influenciados pela imagem junto ao texto. A estudante P4 respondeu “uma briga”, pois pensou tratar-se de uma ação com uma peixeira e o estudante P1 respondeu que achou que o texto narraria algo sobre parceria. Entendemos esse momento como propício para refletirmos a variação diatópica, enfatizando que o léxico e o sotaque próprio da região Sul não são mais “bonitos”, “elegantes” ou “corretos” do que o léxico e sotaque de qualquer outra região. Os alunos listaram vários substantivos conhecidos por eles que são usados de formas diferentes nas regiões brasileiras. Nesse momento, também tivemos a preocupação de não transformar a variação diatópica numa lista de coisas engraçadas e curiosas.

Em relação à questão 2, todos os estudantes reescreveram a história em poucas palavras, mas a estudante P5 se limitou ao sotaque e citou a questão do preconceito como mostra a figura abaixo.

Figura 27. Resposta da estudante P5 à questão 2



Aproveitamos a resposta da estudante P5 para refletirmos com a turma o que diz Bortoni-Ricardo (2004) em relação ao preconceito linguístico: fatores históricos, políticos e econômicos conferem prestígio a certas variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam a rejeição e preconceito em relação a outros, mas precisamos entender que o preconceito é perverso, não tem fundamento científico e precisa ser seriamente combatido, começando na escola.

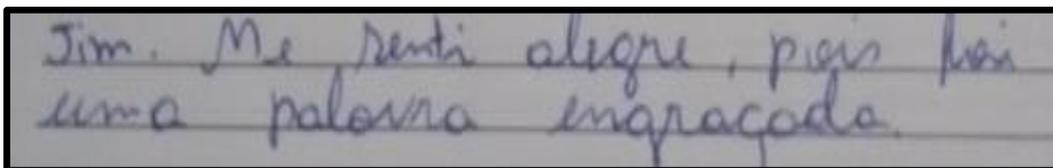
Em relação à questão 3, 4 alunos responderam que conheciam alguém oriundo de outra região e foram unânimes em dizer que o que mais chama a atenção é a forma de falar e o sotaque dessas pessoas. Refletimos com os estudantes que **nada na língua é por**

acaso e que todas as maneiras de falar são lógicas, corretas e bonitas (BAGNO 2007).
(grifo do autor)

Na questão 4, todos os participantes responderam que não há variação só na região Sul, nos fazendo entender que já houve a compreensão de que todo ser humano no país fala com o sotaque característico da sua comunidade linguística.

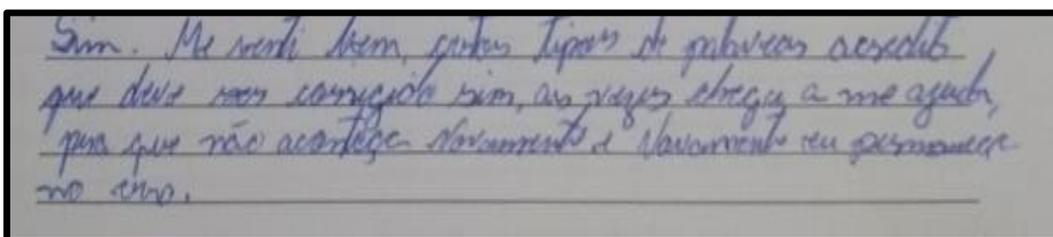
Em relação à questão 5, apenas o estudante P2 respondeu que nunca passou pela situação de ser corrigido por um(a) professor(a). Os estudantes P1 e P5 responderam que já foram corrigidos por seus professores e que se sentiram bem, usaram as justificativas abaixo expostas. A estudante P5 cita que o fato de ser corrigida a livra de permanecer no erro, até aqui foi a aluna que mostrou persistência sobre a concepção de “erro”.

Figura 28. Resposta do estudante P1 à questão 5



Sim. Me senti alegre, pois foi uma palavra engraçada.

Figura 29. Resposta da estudante P5 à questão 5



Sim. Me senti bem, porque tipo de palavras acasos que deve ser corrigido sim, ao mesmo tempo a me ajudar, para que não aconteça novamente e novamente eu permanecer no erro.

Os demais estudantes deram as repostas abaixo expostas nos fazendo concluir que os educadores estão distantes de uma pedagogia culturalmente sensível citada por Bortoni-Ricardo (2004). A pedagogia culturalmente sensível está atenta às diferenças entre a cultura apresentada pelos estudantes e a cultura da escola, e leva o professor a encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. Assim, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno a estratégia do educador deve incluir a identificação da diferença e a conscientização da diferença, com o intuito de que o aluno comece a se monitorar. O professor sempre terá o cuidado para não ser inadequado e nem desrespeitoso para que não gere o desinteresse ou a revolta do aluno.

Figura 30. Resposta do estudante P2 à questão 5

Sim, uma vez que eu me senti um pouco constrangida.

Figura 31. Resposta da estudante P4 à questão 5

Sim, as vezes um pouco constrangida, mas em certa parte bem por que não somos os únicos de passar vergonha em outros lugares.

Figura 32. Resposta do estudante P6 à questão 5

Sim, me senti um pouco constrangida pelo que aconteceu.

Sobre a questão 6, todos os estudantes responderam que existe diversidade na forma de falar dentro de sala, identificaram as gírias proferidas por alguns pequenos grupos na sala, citaram que percebem diferenças em alunos oriundos de bairros diferentes, diferenças também no uso da fala entre professores e alunos e de professores que vieram de outras regiões do país.

Após este bloco de questões apresentamos o box abaixo com a preocupação de minimizar a impressão passada nos livros didáticos que por serem produzidos no Sul e Sudeste e adotados em todo o território brasileiro, levam o usuário a acreditar que o seu modo de falar, por não estar representado no livro é “errado”. Bagno (2007) diz que vem daí a noção de que o sotaque, a diferença, o “erro” está sempre Outro.

Figura 33. Boxe sobre o “erro” no modo de falar

Você sabia que...

... o seu modo de falar, por não estar representado num livro, não é “estranho”, nem “errado”, e nem muito menos “engraçado”? Muitos acreditam equivocadamente nisso e agem de forma preconceituosa! Mas será que existe algum ser humano no mundo que não fale com o sotaque ou o jeito característico da sua comunidade linguística?

Continuamos nossa proposta de intervenção com mais um texto, dessa vez com um diálogo entre uma gerente de banco e um cliente. Tivemos a intenção de seguir o que orienta o ponto 4 do roteiro de Bagno (2007) sobre o livro didático apresentar variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos, escolarizados) e também a variação estilística. Não apresentamos essa variedade com o intuito de denunciar “erros” ou “abusos”, mas sim, mostrar que ocorre variação em todas as camadas da sociedade.

Figura 34. Diálogo sobre variedades prestigiadas

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo. Gostaria de saber quais as modalidades de crédito que o banco oferece.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito. O senhor é nosso cliente? Com quem eu estou falando, por favor?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de Uberlândia! Passa aqui pra gente conversá com calma. E vamu vê seu financiamento.

(BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna. São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado))

Terminada a leitura do diálogo propomos as seguintes questões.

Figura 35. Questões sobre o diálogo

1. Ao lermos o diálogo acima entre a gerente do banco e seu cliente, percebemos uma mudança na maneira de falar repentinamente. Você saberia explicar qual a razão?
2. As pessoas envolvidas nessa conversa são escolarizadas? Como você explica isso?
3. Há situações em sua vida em que você fala de forma mais descontraída? Quais?

Em relação à questão 1 deste bloco de atividade, todos os participantes reconheceram que a mudança de estilo de conversa aconteceu por haver entre os interlocutores um nível de intimidade. Refletimos sobre a necessidade de monitorar o

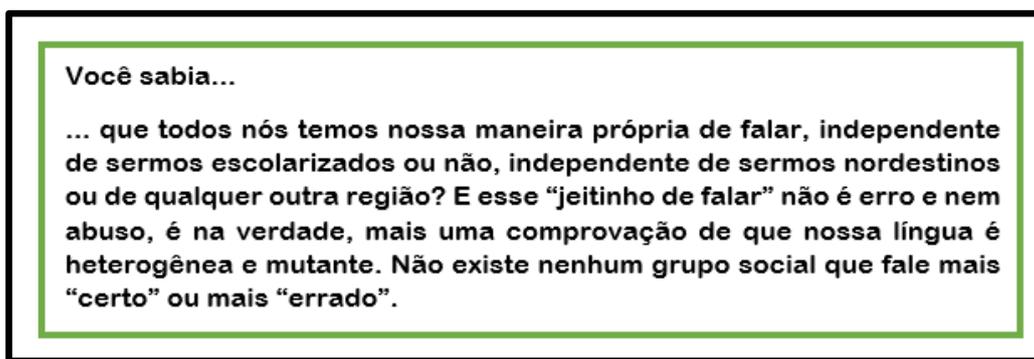
nosso estilo diante de um interlocutor desconhecido ou de uma situação que mereça um tratamento formal, ou ainda situações de descontração em que os interlocutores sejam pessoas de nossa intimidade ou de nossa confiança que nos levam a sentir-nos desobrigados de monitoração. Orientamos aos alunos que sempre observem nessas situações de fala ou de escrita que papel social eles estão desempenhando em todos esses processos. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), todo falante dispõe de suficiente competência linguística em sua língua materna para produzir sentenças bem formadas e comunicar-se com eficiência, quando chega à escola já é um usuário competente da língua, mas tem de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poder atender às convenções sociais que define adequado para cada tarefa comunicativa. Um dos postulados da Sociolinguística é o de que não existe falante de estilo único, cada falante usa seus próprios recursos linguísticos para monitorar sua fala com o grau de maior ou menor formalidade.

Em relação a questão 2, todos os estudantes identificaram que sim e concluíram que uma gerente e um funcionário de banco jamais assumiriam esses cargos sem escolarização. Propomos essa questão com o intuito de evidenciar as variedades urbanas representadas na fala da gerente, variedade esta deixada de lado até mesmo pelos livros didáticos que tratam a variação linguística de maneira relativamente satisfatória. Muitos estudantes entendem que por serem cidadãos urbanos e letrados se comportam linguisticamente de acordo com as prescrições da gramática normativa.

A questão 3 trouxe a oportunidade para os estudantes relatarem suas experiências de fala formal ou informal. Salientamos que nenhum falante usa mal a sua língua materna, mas a forma como a usa vai depender de diversos fatores, inclusive de monitoração de estilo. Toda produção linguística é dependente do contexto em que se encontra o falante, quando os integrantes partilham de muita experiência comum, a comunicação entre eles é mais fácil e eles se valem de muitas informações implícitas, conforme Bortoni-Ricardo 2004.

Completamos esse bloco de questões com o box abaixo para reiterar que escolarizados ou não, nordestinos ou não, não cometemos “erros”, e sim, demonstramos a heterogeneidade da língua nos diversos grupos sociais e nas diversas oportunidades de estilo.

Figura 36. Boxe sobre a heterogeneidade da língua



Logo depois adentramos especificamente na Variação Linguística. Tratamos do assunto através de conceitos, explicamos a variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica sem a preocupação de trazermos essas nomenclaturas ou de memorização desses termos. Nosso objetivo foi levar os alunos ao entendimento de que a variação não é um problema e também de quebrar alguns mitos sobre a língua. Esclarecemos que variação não é coisa de caipira, não se limita às variedades rurais ou regionais, conversamos sobre a relação entre fala e escrita, mencionamos mais uma vez a pluralidade de línguas existentes no Brasil, consideramos as variedades prestigiadas, separamos a norma-padrão da norma culta e abordamos o fenômeno da mudança linguística.

Figura 37. Texto explicativo sobre a Variação Linguística

Saiba mais...

Variação Linguística

As línguas mudam por diversos fatores. A região, o sexo, a idade, a classe social, o grau de instrução, o contexto de comunicação são elementos que interferem na dinâmica das línguas. Você não precisa sair do seu país para ver alguém falando diferente de você.

Essa mudança ou essa forma diferente que existe na nossa língua é chamada de **Variação Linguística**.

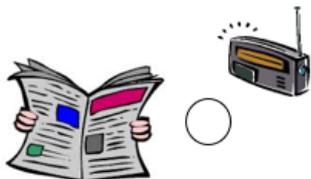
Existem alguns tipos de variação... Você pode perceber variação nas **diferentes regiões do país**, em suas **diferentes maneiras de pronunciar as palavras e de designar algo**. Você também pode perceber variação na fala de pessoas oriundas do **espaço rural e urbano** do Brasil. Além disso, existe variação em **diferentes camadas da população**, que têm entre si **diferenças sociais ou culturais**. Há variação entre **a língua falada e a língua escrita** e também quando a **ocasião** determina o modo como falamos com o nosso interlocutor. Por fim, **o decorrer do tempo** também proporciona mudanças na língua, ou seja, a língua não é jamais o que ela era em outra época.



Após toda essa reflexão, propomos uma atividade para associar as imagens às devidas ocorrências de variação linguística.

Figura 38. Atividade de associação de imagens

• Relacione as imagens abaixo de acordo com cada situação e sua variação linguística:



Retirada do site <http://www.ac-grenoble.fr>

- (1) ocorrência de variação pelas diferentes regiões do país, diferentes maneiras de pronunciar as palavras ou designar algo
- (2) variação entre o espaço rural e urbano.
- (3) ocorrência de variação pelas diferentes camadas da população, diferenças sociais e culturais
- (4) variação entre a língua falada e a língua escrita.
- (5) variação sofrida pelo decorrer do tempo



Retirada do site descomplica.com.br

Macaxeira

Mandioca

Aipim



Retirada do site pt.wikipedia.org

O GAÚCHO E O MINEIRO



Retirada do site descomplica.com.br



Retirada do site sdl.org.br

Ao analisarmos a aplicação desta atividade, percebemos que houve muita dificuldade para se responder, nenhum aluno conseguiu associar todas as imagens corretamente às devidas ocorrências de variação. A 1ª imagem foi associada corretamente pelos estudantes P2, P4, P5 e P6. A 2ª imagem foi associada corretamente pelos

estudantes P3, P4, P5 e P6. A 3ª imagem foi associada corretamente pelos estudantes P1, P2, P5 e P6. A 4ª imagem foi associada corretamente apenas pela estudante P4. A 5ª imagem foi associada corretamente pelos estudantes P2, P3, P4, P5 e P6. Assim, decidimos fazer mais intervenções com outras imagens e exemplos para sanarmos as possíveis dúvidas.

Em seguida, atendendo ao questionamento 6 do roteiro de Bagno (2007), quando pergunta se o tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais, elaboramos mais uma seção no nosso material de intervenção. Fizemos a escolha pelo estudo do Verbo, pois percebemos que cada grupo social faz uso diferenciado dos verbos e entendemos que a compreensão dos recursos gramaticais da língua depende do trabalho de letramento que a escola empreende com seus alunos. Conforme Bagno (2007), não podemos partir do pressuposto (falso) de que todos os brasileiros conhecem o quadro tradicional da conjugação verbal e nem é nossa pretensão fazer os estudantes envolvidos nessa pesquisa aprenderem ou memorizarem a conjugação, pretendemos, como já fora citado aqui, ampliar o repertório linguístico dos alunos afim de expandir sua competência comunicativa, de modo que ele também se aproprie das regras gramaticais que não pertencem à sua variedade.

Figura 39.
gramatical
1

Gramaticalizando... 

Dando continuidade ao nosso estudo, vamos analisar a importância de estruturas verbais em um contexto social da língua e de suas variações.

VERBO

Observe o enunciado abaixo e perceba a importância do verbo para a construção de sentido.

A professora **varreu** a classe com seu sorriso.

O que você entendeu em relação ao emprego do verbo destacado no enunciado acima? Observe agora esta oração:

Cristina **varreu** todo o salão antes da festa.

Construa sentidos ao observar a escolha dos verbos nos anúncios abaixo e reflita a possibilidade de empregar outras formas verbais:




Seção
sobre o verbo

O nosso propósito com esta seção foi levar o aluno a perceber a importância do verbo como elemento essencial para a construção de sentido nos enunciados. Para isso analisamos com os estudantes o valor semântico do verbo “varrer” empregado em dois enunciados distintos, posteriormente utilizamos dois textos de circulação social (*outdoor*) e verificamos como o usuário da língua constrói sentidos a partir de escolhas verbais em cada situação e em seus respectivos tempos. Também situamos os textos no seu contexto de produção.

Entendemos como importante trabalhar a conscientização morfológica dos verbos para que o estudante perceba as partes significativas dessa estrutura. Para isso, analisamos verbos em diferentes tempos, tendo o cuidado de não tratar essa classe gramatical de forma isolada de outras palavras presentes nos enunciados analisados.

Estudamos a estrutura morfológica do verbo apresentando verbos regulares e irregulares de 1ª, 2ª e 3ª conjugação e demonstramos no quadro as suas estruturas, inicialmente no infinitivo e, em seguida com a escolha de uma situação discursiva na qual os alunos percebam a relação do verbo com o sujeito da oração.

Figura 40. Seção gramatical sobre o verbo 2

Priorizamos a apresentação aos alunos da regularidade e irregularidade verbal e posteriormente raciocinamos sobre a estrutura do verbo e a relação entre desinência modo-temporal e desinência número-pessoal. Utilizamos outro quadro para fazermos um estudo comparativo e refletirmos sobre as modificações provocadas, vimos com os estudantes que ao mudarmos o tempo, mudamos a desinência modo-temporal; ao mudarmos a pessoa, mudamos a desinência número-pessoal; e ao mudarmos o tempo e as pessoas, mudamos a desinência modo-temporal e a desinência número-pessoal. Ao fazermos esse estudo, percebemos, a apropriação por parte dos alunos dos conhecimentos da norma-padrão da língua sem que houvesse a necessidade de listas de verbos com suas conjugações descontextualizadas.

Para a continuidade do nosso estudo, desenvolvemos outra atividade com o apoio de uma notícia, promovemos o apagamento de alguns verbos criando lacunas no texto a fim de refletirmos que verbo poderia ser utilizado de acordo com o sentido e com as desinências apropriadas, atentando para a relação de concordância e de construção de sentido de forma que a coerência fosse garantida.

Agora, preste atenção nessas três estruturas verbais:

- CANTAR
- VARRER
- PEDIR

Antônio e Joana cantaram perfeitamente. —→ Pretérito (radical: cant) (vogal temática: a) (DMT: ra) (DNP: m)
Antônio e Joana varreram todo o salão antes da festa. —→ Pretérito (radical: varr) (vogal temática: e) (DMT: ra) (DNP: m)
Antônio e Joana pediram pizza para o lanche. —→ Pretérito (radical: ped) (vogal temática: i) (DMT: ra) (DNP: m)

Compare:

Antônio canta perfeitamente. —→ Presente (radical: cant) (vogal temática: a) (DMT: \emptyset) (DNP: \emptyset)
Joana varre todo o salão diariamente. —→ Presente (radical: varr) (vogal temática: e) (DMT: \emptyset) (DNP: \emptyset)
Antônio pedirá pizza para o lanche. —→ Futuro (radical: ped) (vogal temática: i) (DMT: rá) (DNP: \emptyset)

Figura 41. Atividade com notícia 1

IPARTE

1. Realize a atividade abaixo preenchendo as lacunas com verbos selecionados por você e de acordo com a DMT e a DNP adequadas. É muito importante manter a atenção na relação de concordância e de construção de sentido com o restante do texto para garantir a coerência e a sequência lógica.

Fundação Terra abre inscrições para formar orquestra de música clássica em Arcoverde

Projeto voltado para crianças e adolescentes vai contar com 200 vagas.

Por G1 Caruaru

08/07/2018 16h03



Orquestra será montada pela Fundação Terra — Foto: Fundação Terra/Divulgação

Figura 42. Atividade com notícia 2

A Fundação Terra em **Arcoverde**, no Sertão de Pernambuco, _____ inscrições para formar uma orquestra com crianças e adolescentes. De acordo com a instituição, o projeto "Sons da Terra" _____ estimular e proporcionar a vivência com a música clássica e erudita. São cerca de 200 vagas abertas em quatro turmas, sendo duas pela manhã e outras duas à tarde. As aulas são totalmente gratuitas e _____ na sede da instituição, no bairro de São Cristóvão. A Fundação que meninos e meninas do município _____ pela história de compositores e intérpretes, _____ nas partituras e _____ os instrumentos musicais de diferentes timbres e tonalidades, como violinos, violoncelos, contrabaixos e clarinetes. "A criação da orquestra de música erudita, além de mudar a realidade deles, visa introduzir outro tipo de cultura e fazer perceber que ela também é rica na nossa região", _____ a diretora da Educação da Fundação Terra, Kátia Lacerda. Durante as aulas, os estudantes _____ um pouco mais sobre a percepção musical, ritmo, prática e outras modalidades que margeiam o cenário artístico. Para participar, o interessado _____ ter no mínimo 9 anos de idade. É necessário comparecer à sede da Fundação Terra munido com os seguintes documentos: RG, CPF, certidão de nascimento. As inscrições _____ abertas até 20 de agosto.

Fundação Terra abre inscrições para formar orquestra de música clássica em Arcoverde. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/07/08/fundacao-terra-abre-inscricoes-para-formar-orquestra-de-musica-classica-em-arcoverde.shtml>>. Acesso em 09 jul. 2019.

Nesse momento do trabalho, nos deparamos com a dificuldade e até resistência dos alunos P1 e P2, pois mesmo depois de minutos pensando não se sentiam capazes de escolher adequadamente os verbos a serem empregados. Paramos um pouco para conversar e tentar viabilizar uma situação mais confortável por entendermos que a variação da concordância é um fenômeno complexo e repelida pela sociedade quando acontece o uso de um verbo sem o plural explícito com o pronome na 1ª pessoa ou 3ª pessoa do plural. Surge o sentimento de que a própria fala é inferior a do outro, o que é legitimado pelos meios de comunicação, pela escola e pelo próprio livro didático por não se discutir questões sociolinguísticas e de valores sociais. Segundo Bortoni-Ricardo (2014), as pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que quanto mais alto o nível de ensino formal de uma pessoa, mais concordância de número ela faz, assim concluímos que o aluno de EJA percebe que seu nível de ensino é baixo e se obstaculiza em atividades

como essa. Abaixo seguem imagens de parte das tentativas para a resolução dessa atividade dos alunos P1 e P2 respectivamente.

Figura 43. Respostas do estudante P1 à atividade com notícia

que meninos e meninas do município Passatuba pela história de compositores e intérpretes, leitura nas partituras e utilizam os instrumentos musicais de diferentes timbres e tonalidades, como violinos, violoncelos, contrabaixos e clarinetes. "A criação da orquestra de música erudita, além de mudar a realidade deles, visa introduzir outro tipo de cultura e fazer perceber que ela também é rica na nossa região", Daniela a diretora da Educação da Fundação Terra, Kátia Lacerda. Durante as aulas, os estudantes saibem um pouco mais sobre a percepção musical, ritmo, prática e outras modalidades que margeiam o cenário artístico. Para participar, o interessado deve ter no mínimo 9 anos de idade. É necessário comparecer à sede da Fundação Terra munido com os seguintes documentos: RG, CPF, certidão de nascimento. As inscrições estão abertas até 20 de agosto.

Figura 44. Respostas do estudante P2 à atividade com notícia

que meninos e meninas do município zelen pela história de compositores e intérpretes, toquem nas partituras e suam os instrumentos musicais de diferentes timbres e tonalidades, como violinos, violoncelos, contrabaixos e clarinetes. "A criação da orquestra de música erudita, além de mudar a realidade deles, visa introduzir outro tipo de cultura e fazer perceber que ela também é rica na nossa região", lily a diretora da Educação da Fundação Terra, Kátia Lacerda. Durante as aulas, os estudantes falam um pouco mais sobre a percepção musical, ritmo, prática e outras modalidades que margeiam o cenário artístico. Para participar, o interessado deve ter no mínimo 9 anos de idade. É necessário comparecer à sede da Fundação Terra munido com os seguintes documentos: RG, CPF, certidão de nascimento. As inscrições estão abertas até 20 de agosto.

Apesar de terem apresentado essa resistência, desenvolveram a atividade e depois das respostas dadas fomos refleti-las e adequá-las à estrutura da notícia levando em consideração a escolha do verbo garantindo a coerência, o tempo e a pessoa para realizarmos a concordância. Agimos, nessa atividade, como facilitadora, pois entendemos que a variação linguística não é apenas um conteúdo de livro didático, mas é uma postura em relação à língua e à forma como ela precisa ser ensinada nas salas de aula. Conforme Perini (2002), estudar gramática é importante como uma das formas de desenvolver “as habilidades de raciocínio, de observação, de formulação e testagens de hipóteses”. Muitas vezes nos utilizamos das verdades postas pelos livros didáticos e “jogamos” nos nossos alunos sem a devida reflexão do real funcionamento da língua.

Continuando essa seção, dispomos a seguinte atividade.

Figura 45. Continuação da atividade, quesito 1

II PARTE

✚ No texto “Pechada”, vimos a seguinte ocorrência:
 “ ...
 – Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.
 – Nós vinha...
 – Nós vínhamos.
 ...”

Você percebeu que na fala do garoto há uma ocorrência verbal que está em desacordo com o que prescreve a norma-padrão? Por que isso acontece?

Utilizamos-nos dessa passagem na crônica vista no início deste trabalho de intervenção para iniciarmos algumas reflexões sobre prática de oralidade. Até agora vivenciamos textos escritos, mas precisamos estar atentos para identificar o quanto a comunidade de falantes é rica em oferecer subsídios para a reflexão e análise do falante.

Analisando as respostas para o questionamento acima, identificamos que a estudante P4 iniciou sua resposta afirmando que o garoto não sabia falar. Essa resposta nos serviu de mais reflexão.

Figura 46. Resposta da estudante P4 à continuação da atividade

Você percebeu que na fala do garoto há uma ocorrência verbal que está em desacordo com o que prescreve a norma-padrão? Por que isso acontece?

Sim, por que ele não sabe falar ~~o~~
~~o~~ as variações linguísticas dos alunos
 e da professora, são diferente.

Questionamos os estudantes sobre o que significa dizer que o garoto não sabe falar, diante do questionamento percebemos que a própria estudante P4 fez a sua

colocação e admitiu verbalmente que todos sabemos falar. Apoiamo-nos para essa reflexão em Bortoni-Ricardo (2004) quando diz que nenhum falante usa mal a sua língua materna, mas a forma como a usa vai depender de todos os fatores que você já conhece, especialmente, a variação ao longo dos três contínuos: de urbanização, de oralidade/letramento e de monitoração estilística.

No segundo quesito dessa atividade continuamos com uma proposta mais efetiva sobre a oralidade.

Figura 47. Continuação da atividade, quesito 2

2. Vamos agora pensar nas estruturas verbais expressas na fala das pessoas. Sugerimos uma entrevista com alguém de sua comunidade ou de sua família. Que tal elaborarmos juntos as perguntas a serem feitas? Depois de concluídas as perguntas caia em *campo* seguindo as orientações abaixo:

- a) gravem a fala do entrevistado;
- b) registrem por escrito as respostas do entrevistado;
- c) Sistematize de forma organizada para apresentar aos demais estudantes;
- d) Reflita sobre o perfil dos diferentes entrevistados para ampliar o entendimento das diferentes ocorrências dos verbos, assim como observar possíveis variações, buscando compreendê-las e não rejeitá-las preconceituosamente.

Iniciamos com a elaboração das perguntas, eles sugeriram três perguntas simples: Quem é você? Como foi sua infância? Como é sua vida atualmente? Orientamos que ao fazerem as perguntas eles buscassem ser objetivos e imparciais. As perguntas e respostas foram gravadas com aparelhos celulares e levadas para a sala de aula, registramos algumas falas em cartolina tal como foram emitidas e em grupo fomos sistematizando as anotações para apresentação aos demais alunos. Cada grupo observou quais as sentenças verbais e quais os verbos empregados na fala, diferenciou os verbos regulares dos irregulares e observou a formação morfológica dos verbos. Refletimos sobre o perfil dos diferentes entrevistados para ampliar a compreensão das diferentes ocorrências, das possíveis inadequações sem que houvesse qualquer tipo de ação preconceituosa de nossa parte. Demos Relevância a observação da língua escrita na produção oral, destacando o perfil sociolinguístico dos falantes. Abaixo segue o espaço utilizado para essa sistematização.

Figura 48. Sistematização das entrevistas

Registre abaixo:

- Quais os verbos empregados?

- Diferencie os verbos regulares dos irregulares e observe a formação dos verbos empregados:

REGULARES	IRREGULARES

Com esta atividade esperamos que você tenha observado os usos da língua na produção oral e, mais ainda, tenha percebido que o perfil do falante (variação regional, escolar, etária e social) interfere nas escolhas e uso dos verbos.

Foi um momento de muito trabalho, mas também de muito aprendizado e de bons resultados, os alunos demonstraram entendimento e satisfação pelo conhecimento adquirido durante os dias de vivência com esse material. Os rostos dos estudantes nas imagens a seguir foram cobertos em respeito à anonimidade deles.

Figura 49. Registro fotográfico 1

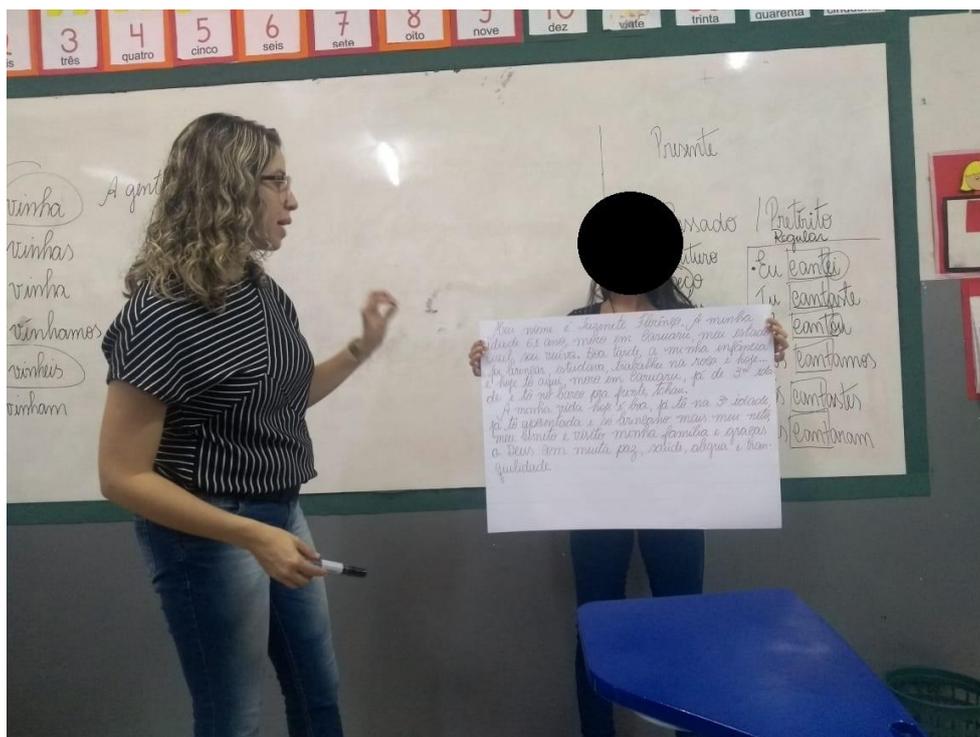


Figura 50 . Registro fotográfico 2

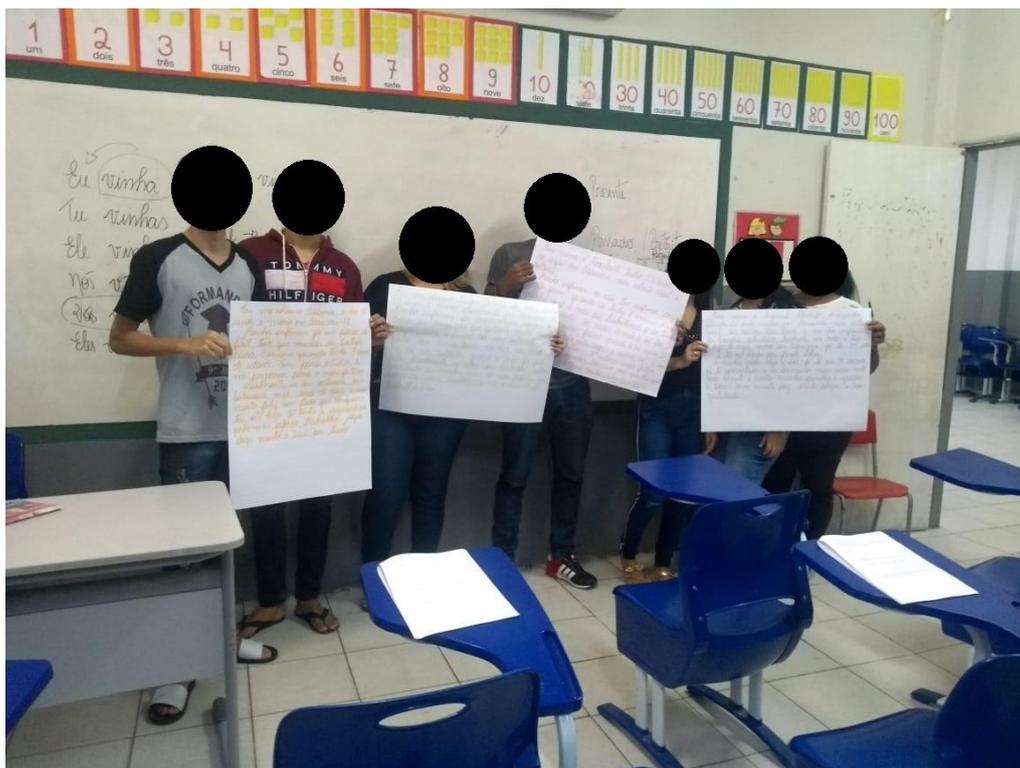


Figura 51. Registro fotográfico 3

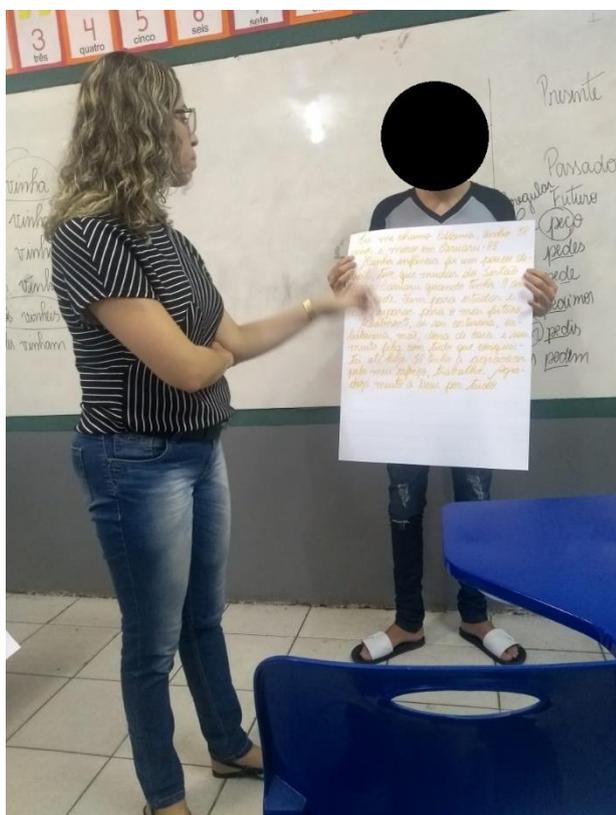


Figura 52. Registro fotográfico 4



Seguimos o que está no material de Bagno (2007) para a elaboração e aplicação do material de intervenção. Nós tratamos da variação linguística; mencionamos a pluralidade de línguas existentes no país; não nos limitamos às variedades rurais e regionais; apresentamos variantes características das variedades prestigiadas dos falantes urbanos e escolarizados; não confundimos a norma-padrão com uma variedade da língua; não nos limitamos ao sotaque e ao léxico, mas abordamos fenômenos gramaticais; explicitamos a existência da variação entre fala e escrita; abordamos o fenômeno da mudança linguística e não validamos unicamente a norma-padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa aprovados no PNLN-EJA 2014, podemos concluir que há uma contribuição positiva na melhoria da qualidade desse material que é tão importante para o processo educacional do nosso país.

Entretanto, ainda há muito o que aperfeiçoar, principalmente naquilo que se destina à variação linguística. Percebemos uma superficialidade na apresentação do tema, limitação em o expor em um capítulo apenas, parecendo esquecer a variação nos demais capítulos, principalmente nas atividades gramaticais. Constatamos que alguns autores sequer mencionam a pluralidade de línguas que existem no país e nem conscientizam o estudante sobre a heterogeneidade do português brasileiro e as mudanças linguísticas que já foram concretizadas. Ignoram a contribuição da variação linguística para a construção de sentidos, identidade social e expressão de valores sociais.

Conhecendo boa parte dos livros adotados no município de Caruaru, percebemos que os mais utilizados são os mais conservadores, ou seja, aqueles que trazem apenas uma resposta para todas as perguntas sobre língua. Entendemos que para qualquer afirmação sobre língua há que se considerar a variação linguística.

Necessitamos de livros didáticos que sistematizem a variação percebendo-a em todos os níveis linguísticos e em todos os meios de interação para que a variação seja entendida como riqueza da língua.

Há avanços como já dissemos, mas conforme analisamos, mesmo indicados pelo PNLN, os livros contrariam os objetivos definidos para o ensino da língua e, por isso, destacamos aqui a necessidade de o professor ser sempre um estudioso das questões linguísticas, a fim de ser capaz de ir além do que o livro didático propõe.

Em relação aos alunos envolvidos na pesquisa, ressaltamos diante das observações realizadas que tivemos objetivos parcialmente satisfatórios, embora tenhamos conseguido realizar um movimento de construção de sentidos e significados à variação linguística.

Os estudantes envolvidos na pesquisa demonstraram ampliação de seus repertórios após o trabalho de intervenção. Não tínhamos o objetivo de mensurar

conhecimentos sobre variação e sim, munir o aluno dos conhecimentos sobre variação e verbo através do resgate social dos falantes. Percebemos que os estudantes reconheceram seu saber prévio sobre a língua e o desenvolveram durante o trabalho com a proposta de intervenção por meio das reflexões feitas em sala de aula.

O material não se restringiu à regras da gramática normativa, mas promoveu o entendimento de que a língua é determinada pelo social, e é um elemento de ação sobre o mundo partindo do respeito a toda variedade linguística.

Esperamos que esta pesquisa promova reflexões a cerca dos livros didáticos naquilo que estabelecem como variação linguística.

Estamos convictos de que o tema necessita de maiores aprofundamentos, mas acreditamos na nossa contribuição para os estudos da variação linguística na EJA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, Irandé Costa. **No meio do caminho tinha um equívoco:** Gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 127-134.

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português-encontro & interação.** São Paulo: Parábola, 2003.

AOKI, Virgínia. **EJA moderna.** Livro do professor. São Paulo: Moderna, 2013.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso -** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos:** a variação linguística no ensino de português – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **O que é uma língua?** Imaginário, ciência & hipóstase... In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Org.) São Paulo: Parábola, 2011. p. 355-387.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália:** novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2000.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Brasília: Plano; 2002.

BAZZONI, C.; RAMOS, H.; MENDES, D.; LARUCCIA, M.; JAFFE, J. **Viver, aprender.** Livro do professor. São Paulo: Global, 2013.

BINATTI, R. **Sociolinguística.** 2006. Disponível em: <www.portuguesdobrasil.net>. Acesso em: 20 set. 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil, in: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma.** São Paulo: Edições Loyola, 2002

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola editorial, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Por que a escola não ensina português assim? In: ROCHA, R. e MARTINS, C. (Orgs). **Uso e ensino dos tempos verbais e modos verbais em uma perspectiva sociolinguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística** – 1ª ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Brasília, 1998.

BRASIL. Decreto nº2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamento do parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 e 42 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18/abr./1997.

BRASIL. **Guia de Livros Didáticos: PNLD/EJA 2014**. Brasília: Ministério da Educação, 2014.

BRITO, Ana Maria. **Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe: algumas reflexões**. Actas do XXVII Encontro Nacional da APL. Lisboa: APL, 1-44. Disponível em: <http://www.apl.org.pt/docs/27-textosseleccionados/Brito_conferencia.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2019.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional/MEC. 1978.

CEZARIO, M.M. VOTRE, S. Sociolinguística In: Martelotta, M. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 141-155.

DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, Mª A. (org.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

FERREIRA, Priscila ramos de Azevedo.: **Língua Caminhar e Transformar Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2013.

FRANCO, M.A.R.S. **Dinâmica compreensiva: integrando identidade e formação docente**. X ENDIDE. 2000, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREIRAG, Raquel Meister Ko. **Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos**. Matraga. v. 16. n. 24, p. 115-132, 2009.

HADDAD, Sérgio. **Por uma nova cultura na educação de jovens e adultos: um balanço de experiência de poder local**. In: Ação Educativa – Anais da 30ª. Reunião Anual da Anped: Caxambu, 2007, p. 34-35.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Savadera. **Sociolinguistic Working Papers**, n. 44, p. 1-16, 1978.

LABOV, William. **Language in the Inner City**. Studies in the Black English vernacular. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2008.

LAJOLO, M. **Livro didático**: um (quase) manual de usuário. Em aberto, Brasília, v. 16; n. 69, 1996.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **Análise do léxico na perspectiva funcionalista**. In: ALVES, Ieda Maria et al.. Estudos lexicais em diferentes perspectivas [recurso eletrônico] / organizado por. - São Paulo: FFLCH/USP, 2009. p. 96-106. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/livros/IVCOLOQUIO.pdf>>.. Acesso em: 23 jul. 2015.

MATTOS E SILVA, R. V. **“O português são dois...”** novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

PERINI, M. A. **Para uma nova gramática do Português**. São Paulo: Ática, 1985.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, M.A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2002.

REIS, P. C.; MACHADO, D. P.; Barbosa, S. C. D. A. A sociolinguística e o ensino de Língua Materna. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: **I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSSE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Curitiba, 7 a 10 de dezembro de 2011. p. 6440-6450.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. **Educação para jovens e adultos**. Ensino Fundamental – propostas curriculares para 1º segmento. São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.

RIBEIRO, M. L. **História da Educação Brasileira**: organização escolar. Campinas, SP. Autores Associados, 2003.

SILVA, E. T. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998.

SILVA, C. O.; OLIVEIRA SILVA, E. G; MARCHETTI, G. N. **Tempo de aprender**. São Paulo: IBEP, 2013.

SOARES, Leôncio J. Gomes. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: Ribeiro, Vera M. Masagão (Org.). **Educação de Jovens e Adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras e Associação de Leitura no Brasil; São Paulo: Ação Educativa, 2001. p. 201-224.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, kátia Trovato. **Saberes da vida, saberes da escola**. Livro do Professor. São Paulo: Ática, 2013.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VOLP, Ana Laura. **Alcance EJA**. Livro do professor. Curitiba: Positivo, 2013.

VOTRE, Sebastião; RONCART, Cláudia, NASCIMENTO, Rebeca. Entrevista com Anthony Julius Naro. In: VOTRE, Sebastião, RONCARATI, Cláudia (ed.). **Anthony Julius e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 13-20.

ANEXOS

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO 1**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PARA AUXILIAR NA AVALIAÇÃO INICIAL**

- Meio sócio cultural

1. Escolaridade dos pais:

Ensino Fundamental I

Ensino Fundamental II

Ensino Médio

Ensino Superior

Pós-Graduação

Outros _____

2. Renda familiar :

de zero a três salários mínimos

de quatro a seis salários mínimos

de sete a nove salários mínimos

mais de dez salários mínimos

3. Local de residência:

Bairro: _____

Tipo de moradia:

apartamento

casa

Descrição da moradia:

Televisão sim não Quantos? _____

Rádio sim não Quantos? _____

Computador sim não Quantos? _____

Internet sim não

Acessa: em casa na escola outros

Telefone fixo sim não

4. Escola de origem Pública/Municipal sim não

Qual? _____

Particular/privada sim não

Qual? _____

5. Locais que frequenta:

6. Local de origem dos pais:

7. Com quem passa a maior parte do tempo, quais as principais ocupações:

8. Ditado de algumas palavras ‘chaves’. Velha, gato, bravo, andando, falando, peixe, pomba, forma, fósforo, caixa, limpo, beleza, tristeza, disse, medo, viver.

9. Escreva em poucas linhas, sobre seus sonhos.

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO 2

1. Você considera o Português uma língua difícil? Justifique sua resposta:

2. O que você entende por variação linguística?

3. O que você considera erro no uso da Língua Portuguesa?

4. Há diferença entre escrita e fala no uso da Língua Portuguesa?

5. Para você, o que é preconceito linguístico?

6. Você já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito linguístico?

ANEXO 3 - QUESTIONÁRIO 3



1. Observe a charge abaixo e marque V verdadeiro ou F falso:

- () Pelo tipo de linguagem usada pelos falantes eles não conseguem se comunicar.
- () Evidenciamos um uso formal da linguagem, visto que o personagem é estudante.
- () Expressões como “MANERO”, “TAMO”, “AÊ” devem ser retiradas da língua em qualquer situação.
- () A fala do personagem evidencia o uso coloquial da linguagem, especificamente a gíria, motivada por diversos fatores.
- () Não há nenhum tipo de problema com a linguagem usada por ele, essa forma de linguagem pode ser utilizada também em trabalhos escolares e textos oficiais como requerimentos etc.

2. São várias as diferenças linguísticas das diversas regiões e das diferentes camadas sociais do Brasil. Todas, porém, fazem parte de nossa realidade e são compreensíveis por seus falantes. Como exemplo disso, podem-se verificar as variantes linguísticas para as palavras “tangerina” e “mandioca”. Considerando essas informações acerca das variações linguísticas da língua portuguesa, assinale a ÚNICA opção correta.

- (A) As palavras “tangerina”, “mexerica” e “laranja-cravo” são sinônimas, assim como “mandioca” e “macaxeira”.

(B) São corretas apenas as formas “mandioca” e “tangerina”, uma vez que são palavras mais bem aceitas na língua culta e é errado falar “laranja-cravo”.

(C) O uso da palavra “macaxeira” não é correto, pois faz parte da língua indígena do nordeste do País.

(D) Quando um falante usa o termo macaxeira, em vez de mandioca, demonstra pertencer a uma classe social baixa.

(E) Os brasileiros falam o Português mais corretamente na região Sul do que na região Nordeste.

3. Observe a imagem abaixo retirada do Facebook e marque V ou F nos parênteses:



() Pela linguagem utilizada pelos falantes eles não conseguem se comunicar.

() Os fatores regional, escolar e social influenciam o modo de falar dos personagens acima.

() Esse modo de falar é totalmente inaceitável em qualquer situação, porque é linguagem matuta.

() Mesmo sendo linguagem matuta, cumpre sua função comunicativa.

() Não devemos ter preconceitos com exemplos de língua como essa acima, pois há diversos motivos que explicam esse modo de falar.

ANEXO 4 - PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Objeto de Estudo e Intervenção: O Tratamento da Variação Linguística em um capítulo de Livro Didático

Tempo Total de Duração: 12 aulas

Público Alvo: Fase 4 do Ensino Fundamental (séries finais)

O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM CAPÍTULO DE LIVRO DIDÁTICO

Na sala de aula, como em qualquer outro ambiente, encontramos variação no uso da língua. Convido você a perceber essa variação e refletir a riqueza que há no Português Brasileiro nas páginas seguintes...

REFLETINDO A IMAGEM...



A pluralidade cultural do Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/a-diversidade-cultural-brasileira-sala-aula.htm>>. Acesso em 27 jun. 2019.

O Brasil é um país extenso. De Norte a Sul, encontramos diferentes paisagens, costumes e formas de falar. Conhecer, valorizar e respeitar essas diferenças é um passo para a compreensão da identidade brasileira.

HORA DA LEITURA...

PECHADA

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de "Gaúcho". Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

– Aí, Gaúcho!

– Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o Gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

– Mas o Gaúcho fala "tu"! – disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.

– E fala certo - disse a professora. – Pode-se dizer "tu" e pode-se dizer "você". Os dois estão certos. Os dois são português.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

– O pai atravessou a sinaleira e pechou.

– O que?

– O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.

– O que foi que ele disse, tia? – quis saber o gordo Jorge.

– Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.

– E o que é isso?

– Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

– Nós vinha...



– Nós vínhamos.

– Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutro auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o gordo Jorge rindo daquele jeito.

"Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

– Aí, Pechada!

– Fala, Pechada!

VERISSIMO, Luis Fernando. Disponível em: <<http://revistaescola.com.br/fundamental-1/pechada-634220.shtml>> .

Acesso em: 27 jun. 2019.



1. Converse com seu colega sobre o título do texto lido. O título “Pechada” provocou em vocês alguma impressão? Suas hipóteses se confirmaram? Há relação entre o texto e a imagem?

2. Esse texto narra uma história. Escreva-a com suas palavras:

3. Há cinco regiões em nosso país: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Você conhece alguém que saiu da sua região de origem e atualmente convive com você? Se sim, o que mais chama a sua atenção nessa pessoa?

-
-
4. O garoto Rodrigo morava no Sul. Só na região Sul há diversidade na fala? Explique:

5. Em um determinado momento da crônica a professora corrige o aluno novato. Você já passou por algo semelhante? Como se sentiu?

6. Observando a sua sala de aula, existe diversidade na forma de falar?

Você sabia que...

... o seu modo de falar, por não estar representado num livro, não é “estranho”, nem “errado”, e nem muito menos “engraçado”? Muitos acreditam equivocadamente nisso e agem de forma preconceituosa! Mas será que existe algum ser humano no mundo que não fale com o sotaque ou o jeito característico da sua comunidade linguística?



MAIS TEXTO...

Leia o texto abaixo:

Gerente – Boa tarde. Em que eu posso ajudá-lo?

Cliente – Estou interessado em financiamento para compra de veículo. Gostaria de saber quais as modalidades de crédito que o banco oferece.

Gerente – Nós dispomos de várias modalidades de crédito.
O senhor é nosso cliente? Com quem eu estou falando, por favor?

Cliente – Sou Júlio César Fontoura, também sou
funcionário do banco.

Gerente – Julinho, é você, cara? Aqui é a Helena! Cê tá
em Brasília? Pensei que você inda tivesse na agência de
Uberlândia! Passa aqui pra gente conversá com calma. E vamu vê seu financiamento.

(BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna.
São Paulo: Parábola, 2004 (adaptado))

1. Ao lermos o diálogo acima entre a gerente do banco e seu cliente, percebemos uma mudança na maneira de falar repentinamente. Você saberia explicar qual a razão?

2. As pessoas envolvidas nessa conversa são escolarizadas? Como você explica isso?

3. Há situações em sua vida em que você fala de forma mais descontraída? Quais?

Você sabia...

... que todos nós temos nossa maneira própria de falar, independente de sermos escolarizados ou não, independente de sermos nordestinos ou de qualquer outra região? E esse “jeitinho de falar” não é erro e nem abuso, é na verdade, mais uma comprovação de que nossa língua é heterogênea e mutante. Não existe nenhum grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado”.



Saiba mais...

Variação Linguística

As línguas mudam por diversos fatores. A região, o sexo, a idade, a classe social, o grau de instrução, o contexto de comunicação são elementos que interferem na dinâmica das línguas. Você não precisa sair do seu país para ver alguém falando diferente de você.

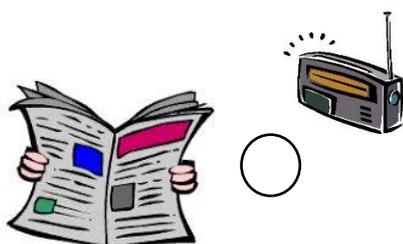
Essa mudança ou essa forma diferente que existe na nossa língua é chamada de **Variação Linguística**.

Existem alguns tipos de variação... Você pode perceber variação nas **diferentes regiões do país**, em suas **diferentes maneiras de pronunciar as palavras e de designar algo**. Você também pode perceber variação na fala de pessoas oriundas do **espaço rural e urbano** do Brasil. Além disso, existe variação em **diferentes camadas da população**, que têm entre si **diferenças sociais ou culturais**. Há variação entre **a língua falada e a língua escrita** e também quando a **ocasião** determina o modo como falamos com o nosso interlocutor. Por fim, **o decorrer do tempo** também proporciona mudanças na língua, ou seja, a língua não é jamais o que ela era em outra época.



Retirada do site www.nucleodoconhecimento.com.br

- Relacione as imagens abaixo de acordo com cada situação e sua variação linguística:



Retirada do site <http://www.ac-grenoble.fr>

- (1) ocorrências de variação pelas diferentes regiões do país, diferentes maneiras de pronunciar as palavras ou designar algo
- (2) variação entre o espaço rural e urbano.
- (3) ocorrência de variação pelas diferentes camadas da população, diferenças sociais e culturais
- (4) variação entre a língua falada e a língua escrita.
- (5) variação sofrida pelo decorrer do tempo



Retirada do site descomplica.com.br

Macaxeira

Mandioca

Aipim



Retirada do site pt.wikipedia.org

O GAÚCHO E O MINEIRO



Retirada do site descomplica.com.br



Retirada do site idd.org.br

Gramaticalizando...

Dando continuidade ao nosso estudo, vamos analisar a importância de estruturas verbais em um contexto social da língua e de suas variações.

VERBO

Observe o enunciado abaixo e perceba a importância do verbo para a construção de sentido.

A professora **varreu** a classe com seu sorriso.

O que você entendeu em relação ao emprego do verbo destacado no enunciado acima? Observe agora esta oração:

Cristina **varreu** todo o salão antes da festa.

Construa sentidos ao observar a escolha dos verbos nos anúncios abaixo e reflita a possibilidade de empregar outras formas verbais:



Retirada do site www.aneme.com.br



Retirada do site revistagloborural.globo.com

Agora, preste atenção nessas três estruturas verbais:

- CANTAR
- VARRER
- PEDIR

Antônio e Joana cantaram perfeitamente. —————> Pretérito (radical: cant) (vogal temática: a) (DMT: ra) (DNP: m)
--

Antônio e Joana varreram todo o salão antes da festa. —————> Pretérito (radical: varr) (vogal temática: e) (DMT: ra) (DNP: m)
--

Antônio e Joana pediram pizza para o lanche. —————> Pretérito (radical: ped) (vogal temática: i) (DMT: ra) (DNP: m)
--

Compare:

Antônio canta perfeitamente. —————> Presente (radical: cant) (vogal temática: a) (DMT: s) (DNP: s)

Joana varre todo o salão diariamente. —————> Presente (radical: varr) (vogal temática: e) (DMT: s) (DNP: s)
--

Antônio **pedirá** pizza para o lanche. —> Futuro (radical: ped) (vogal temática: i) (DMT: rá) (DNP: 9)

IPARTE

1. Realize a atividade abaixo preenchendo as lacunas com verbos selecionados por você e de acordo com a DMT e a DNP adequadas. É muito importante manter a atenção na relação de concordância e de construção de sentido com o restante do texto para garantir a coerência e a sequência lógica.

Fundação Terra abre inscrições para formar orquestra de música clássica em Arcoverde

Projeto voltado para crianças e adolescentes vai



Orquestra será montada pela Fundação Terra — Foto: Fundação Terra/Divulgação

contar com 200 vagas.

Por G1 Caruaru

08/07/2018 16h03

A Fundação Terra em **Arcoverde**, no Sertão de Pernambuco, _____ inscrições para formar uma orquestra com crianças e adolescentes. De acordo com a instituição, o projeto "Sons da Terra" _____ estimular e proporcionar a vivência com a música clássica e erudita. São cerca de 200 vagas abertas em quatro turmas, sendo duas pela manhã e outras duas à tarde. As aulas são totalmente gratuitas e _____ na sede da instituição, no bairro de São Cristóvão. A Fundação _____ que meninos e meninas do município _____ pela história de compositores e intérpretes, _____ nas partituras e

_____ os instrumentos musicais de diferentes timbres e tonalidades, como violinos, violoncelos, contrabaixos e clarinetes.

“A criação da orquestra de música erudita, além de mudar a realidade deles, visa introduzir outro tipo de cultura e fazer perceber que ela também é rica na nossa região”, _____ a diretora da Educação da Fundação Terra, Kátia Lacerda.

Durante as aulas, os estudantes _____ um pouco mais sobre a percepção musical, ritmo, prática e outras modalidades que margeiam o cenário artístico. Para participar, o interessado _____ ter no mínimo 9 anos de idade. É necessário comparecer à sede da Fundação Terra munido com os seguintes documentos: RG, CPF, certidão de nascimento. As inscrições _____ abertas até 20 de agosto.

Fundação Terra abre inscrições para formar orquestra de música clássica em Arcoverde. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/07/08/fundacao-terra-abre-inscricoes-para-formar-orquestra-de-musica-classica-em-arcoverde.ghtml>>. Acesso em 09 jul. 2019.

II PARTE

✚ No texto “Pechada”, vimos a seguinte ocorrência;

“ ...

– Gaúcho... Quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

– **Nós vinha...**

– **Nós vínhamos.**

...”

Você percebeu que na fala do garoto há uma ocorrência verbal que está em desacordo com o que prescreve a norma-padrão? Por que isso acontece?

2. Vamos agora pensar nas estruturas verbais expressas na fala das pessoas. Sugerimos uma entrevista com alguém de sua comunidade ou de sua família. Que tal elaborarmos juntos as perguntas a serem feitas? Depois de concluídas as perguntas caia em *campo* seguindo as orientações abaixo:

- gravem a fala do entrevistado;
- registrem por escrito as respostas do entrevistado;
- Sistematize de forma organizada para apresentar aos demais estudantes;

d) Reflita sobre o perfil dos diferentes entrevistados para ampliar o entendimento das diferentes ocorrências dos verbos, assim como observar possíveis variações, buscando compreendê-las e não rejeitá-las preconceituosamente.

Registre abaixo:

- Quais os verbos empregados?

- Diferencie os verbos regulares dos irregulares e observe a formação dos verbos empregados:

REGULARES	IRREGULARES

Com esta atividade esperamos que você tenha observado os usos da língua na produção oral e, mais ainda, tenha percebido que o perfil do falante (variação regional, escolar, etária e social) interfere nas escolhas e uso dos verbos.

IMAGENS DAS CAPAS DAS COLEÇÕES (anexo 5)



